

CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA DO 3.º CICLO E ENSINO SECUNDÁRIO

“Uma viagem no Tempo”

A utilização de jornais didáticos como estratégia de aprendizagem

Maria Beatriz Filipe Cirne de Barros Cardoso

M

2021



Maria Beatriz Filipe Cirne de Barros Cardoso

**“Uma viagem no Tempo”:
A utilização de jornais didáticos como
estratégia de aprendizagem**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História do 3.º
Ciclo e Ensino Secundário

Orientado pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Orientadora de Estágio, Dr.ª Maria Albertina Nunes Viana

Supervisora de Estágio, Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2021

Maria Beatriz Filipe Cirne de Barros Cardoso

“Uma viagem no Tempo”: A utilização de jornais didáticos como estratégia de aprendizagem

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História do 3.º Ciclo e Ensino Secundário, orientado pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores



*“Aqueles que passam por nós,
não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um
pouco de nós.”*

- *O Príncipezinho*, Antoine Saint Exupéry
(1943)



Índice

Declaração de Honra.....	8
Agradecimentos	9
Resumo	11
Abstrat.....	12
Índice de Gráficos	13
Índice de Figuras	15
“Dar um <i>La mi ré</i> ” – Introdução	16
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	20
1.1. “Era uma vez...” - Uma breve História da Imprensa Escrita	21
1.2. “Colocar os pontos nos <i>is</i> ” – A aplicação da Imprensa Escrita no contexto curricular de História	29
1.2.1. As potencialidades da utilização da imprensa escrita na disciplina de História	29
1.2.2. Como explorar a imprensa escrita em sala de aula?	33
1.2.3. Como utilizar a imprensa escrita nas aulas de História?	35
ESTUDO DE CASO	43
2.1. Contextualização do estudo	44
2.1.1. “O bom filho a casa torna” – Contextualização Escolar	45
2.1.2. “Uma andorinha sozinha não conta a História” - Caracterização das turmas. 51	
2.2. “Roma e Pavia não se fizeram num dia.” - Metodologia	56
2.3. “Contra factos, não há argumentos!” – Análise do Inquérito Diagnóstico	60
2.4. O jornal didático nas aulas de História	66
2.4.1. “Le Fígaro – A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente.”	68
2.4.2. “Winttenberg Tachebuch – Os Escândalos da Igreja Católica ao Rubro”	72
2.4.3. “Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder”	77
2.4.4. “Gazeta de Lisboa – A Terra rugiu e rasgou!”	82
2.5. “A Hora da Verdade” – Análise dos Inquéritos Finais	87
2.5.1. No 8.º X	89
2.5.2. No 9.º Z	97
2.6. Jornalistas por um dia - A sala de aula como uma redação	105
2.6.1. “Antes da bonança vem a tempestade” – Atividade I	107
2.6.2. “Depois da tempestade vem a bonança” – Atividade II	116

2.6.3. “Ficar a ver navios” – Atividade III.....	124
“Tirar a prova dos nove” - Considerações Finais	127
Fontes documentais.....	130
Bibliografia	131
Anexos	132
Anexo 1 – Jornal didático “Kepauvós”	132
Anexo 2 – Inquérito de Diagnóstico.....	136
Anexo 3 – Jornal didático “ <i>Le Figaro</i> – A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente”	138
Anexo 4 – Plano de Aula: Movimento de Vanguardas 9.º Z	142
Anexo 5 – Plano de Aula: Reforma Protestante 8.º X.....	145
Anexo 6 – Jornal didático “Wittenberg Tachebuch – Os escândalos da Igreja Católica ao rubro!”	148
Anexo 7 – Jornal didático “Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder.”	152
Anexo 8 – Plano de aula Fascismo Italiano - 9.º Z.....	156
Anexo 9 – Jornal didático – “Gazeta de Lisboa – A terra rugiu e rasgou!”	159
Anexo 10 – Plano de aula Projeto Pombalino de Inspiração Iluminista – 11.º Y	163
Anexo 11 – Inquérito Final: 8.º X	167
Anexo 12 – Inquérito Final: 9.º Z.....	169
Anexo 13 – Capa de jornal construída pelo Aluno L	172
Aluno 14 – Capa de jornal construída pelo Aluno M	174
Anexo 15 – Proposta de apresentação aos alunos 11.º Y	179
Anexo 16 – Capa de jornal construída pela Aluna N.....	184
Anexo 17 – Capa de jornal construída pela Aluna O.....	185

Declaração de Honra

Declaro que o presente trabalho relatório - “Uma viagem no Tempo:” A utilização de jornais didáticos como estratégia de aprendizagem” - é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro de 2021

Maria Beatriz Filipe Cirne de Barros Cardoso

Agradecimentos

Concluída esta grande etapa da minha vida, revela-se necessário dirigir algumas palavras às pessoas que tornaram esta aventura possível e que demonstraram um apoio incondicional ao longo destes cinco anos.

À minha mãe, por desde sempre ter incentivado o meu gosto pela História e por ter feito tantos esforços ao longo da vida para que nunca me desviasse do meu caminho.

À minha irmã, pelo orgulho e pelo apoio incondicional.

Ao meu pai, professor de História, a quem eu remexia os testes e manuais, na esperança de que um dia fosse eu também uma professora, pelas constantes palavras de incentivo.

Ao André, o melhor ser humano que conheço, pela paciência infinita e por ter sempre aceitado ser “meu aluno”, antes de qualquer regência.

À D.^a Adelaide, Sr. Albino, Leandro, Joana e Inês. Por serem a família que eu escolhi, por me ouvirem e por terem acreditado sempre em mim, muitas vezes mais do que eu própria.

À professora Maria Albertina Viana que antes de orientadora cooperante, foi a minha professora do 10.º ao 12.º ano. Pela longa espera para ser minha orientadora cooperante e por ter sido a primeira pessoa a acreditar que podia ser professora de História.

Ao Daniel Lopes, meu amigo e colega de estágio. Por viver do meu lado este ano tão intenso e por me acalmar no início de cada regência que lecionei.

À minha querida Ofélia, a minha melhor amiga. Por todas as palavras, amizade e companheirismo.

Aos meus amigos – Ricardo, Maria e Mariana, por toda a amizade.

Um agradecimento especial à minha turma de mestrado pela partilha constante de experiências que tanto me ajudaram.

Ao Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves, professor e orientador deste relatório, por todas as horas que dedicou à orientação deste trabalho e pelas palavras de apoio e motivação que me dirigiu ao longo deste ano letivo.

À Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro, por me ter ensinado tanto, pela confiança que sempre depositou em mim e pelas grandes lições de vida que me deu ao longo destes dois anos.

Às minhas andorinhas que é como quem diz, os meus alunos, por me ensinarem a voar e por contarem esta história comigo.

Resumo

No decorrer da PES (Prática de Ensino Supervisionada), inserida no Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, foi desenvolvido o presente relatório de estágio que procura aferir a pertinência e a utilidade subjacentes à aplicação de jornais didáticos nas aulas de História e História A - numa altura em que os mesmos parecem ter ficado esquecidos algures no tempo.

Este estudo contempla um Enquadramento Teórico que se debruça, num primeiro, elaboramos um pequeno esboço da evolução da imprensa escrita e, em sequência, apresentamos as potencialidades deste recurso, as suas formas de aplicação e algumas experiências realizadas por outros docentes neste contexto.

O Estudo de Caso é composto por dois momentos práticos fundamentais. Em primeiro lugar procuro descrever o processo e respetivas conclusões que advieram da aplicação de jornais didáticos construídos de raiz, e devidamente inseridos nos conteúdos curriculares da disciplina de História, aplicados em sala de aula. Estas experiências procuraram avaliar - entre vários aspetos - as capacidades de síntese, análise e compreensão de documentos por parte dos alunos. Em segundo lugar, procurei “transformar” a sala de aula numa redação, na qual os alunos procederam à construção de um conteúdo jornalístico, salvaguardando que os temas desenvolvidos fossem ao encontro dos conteúdos lecionados. As atividades desenvolvidas neste contexto permitiram a consolidação das aprendizagens, a organização dos conteúdos, o desenvolvimento da empatia histórica e do sentido crítico, e ainda a possibilidade destas experiências se revelarem, para o docente, como uma forma de avaliação formativa inovadora. Nos discentes esperamos ter despertado o gosto pela leitura e fomentado a capacidade de compreensão da imprensa escrita.

Palavras-chave: Imprensa; Jornal; Didática; História; Ensino.

Abstrat

During the PES (Supervised Teaching Practice), inserted in the master's in history teaching in the 3rd cycle of Basic Education and Secondary Education, this internship report was developed, which seeks to assess the relevance and underlying aspects of the application of newspapers teaching activities in History and History A classes - at a time when they seem to have been forgotten somewhere in time.

This study begins with a Theoretical Framework that focuses, at first, on the realization of a small sketch of the temporal evolution of the written press. In a second moment, they are protected as potentialities of this resource, as its forms of application and some experiences carried out by other documents in this context.

The Case Study is composed of two fundamental practical moments. First, I try to describe the process and respective tools that came from the application of didactic journals built from scratch, and duly inserted in the curricular contents of the discipline of History, Science in the classroom. These experiments sought to evaluate - among various aspects - as a resource for synthesis, analysis and understanding of documents by students. Secondly, I tried to “transform” the classroom into a newsroom, in which students proceeded with the construction of journalistic content, safeguarding that the themes developed were in line with the contents taught. The activities developed in this context allow for a consolidation of learning, the organization of contents, the development of historical empathy and a critical sense, and the possibility of experiences revealing themselves, for the teacher, as a form of innovative formative assessment.

Keywords: Press; Newspaper; Didactics; History; Teaching.

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos alunos da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves nos cursos Científico-humanísticos no ano letivo 2018/2019. Fonte: Infoescolas.	49
Gráfico 2 - Distribuição dos alunos da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves nos cursos profissionais do ensino secundário no ano letivo 2018/2019. Fonte: Infoescolas.	49
Gráfico 3 - Distribuição por género da turma 8.º X	52
Gráfico 4 - Distribuição por género da turma 9.º Z	53
Gráfico 5- Distribuição por género da turma 11.º Y	54
Gráfico 6 - Distribuição por género dos alunos que responderam ao Inquérito de Diagnóstico.....	60
Gráfico 7- Faixa etária da amostra do Inquérito de Diagnóstico.....	61
Gráfico 8 – Os hábitos de leitura de imprensa segundo os dados do Inquérito de Diagnóstico.....	62
Gráfico 9 -Resposta dos alunos inquiridos relativamente à questão: “Já utilizaste a imprensa como estratégia de aprendizagem?”.....	63
Gráfico 10 - Áreas curriculares onde foi utilizada a imprensa segundo os dados do Inquérito de Diagnóstico.	64
Gráfico 11 - Resposta dos inquiridos relativamente à questão "Já escreveste em algum jornal?" do Inquérito de Diagnóstico.....	64
Gráfico 12- "Consideras pertinente a utilização de jornais didáticos em sala de aula?" - Inquérito Final 8.º X	89
Gráfico 13 - "Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal didático "Wittenberg Tachebuch - Os Escândalos da Igreja Católica ao rubro" nas aulas sobre a Reforma Protestante” - Inquérito Final 8.º X	92
Gráfico 14 - "Em que outros temas de História consideras útil a aplicação deste recurso?" - Inquérito Final 8.º X.....	93
Gráfico 15- "Com que frequência lêes jornais?" - Inquérito Final 8.º X	95
Gráfico 16- "Consideras pertinente a utilização de jornais didáticos em sala de aula?" - Inquérito Final 9.º Z.....	98

Gráfico 17- "Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal didático "Le Figaro - A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente" nas aulas sobre os movimentos de vanguardas do século XX" – Inquérito Final 9.º Z	100
Gráfico 18- "Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder" nas aulas sobre o fascismo italiano" – Inquérito Final 9.º Z	101
Gráfico 19- "Das duas aplicações do jornal didático nas aulas de História, qual a que mais gostaste?" – Inquérito Final 9.º Z	102
Gráfico 20 - "Com que frequência lêes jornais?"-Inquérito Final 9.º Z	103
Gráfico 21- Adesão do 11.º Y à primeira atividade	109
Gráfico 22 - Temas escolhidos pelo 11.º Y na primeira atividade	110
Gráfico 23 - Distribuição das classificações do 11.º Y na primeira atividade	111
Gráfico 24 - Adesão do 11.º Y à segunda atividade	119
Gráfico 25 - Temas escolhidos pelo 11.º Y na segunda atividade	120
Gráfico 26 - Distribuição das classificações do 11.º Y na segunda atividade	122

Índice de Figuras

Figura 1-Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves.....	47
Figura 2- Capa do jornal "Kepauvós".....	57
Figura 3- Sumário apresentado ao 9.º Z aquando da aplicação do jornal didático - "Le Figaro - a arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente".	69
Figura 4- Excerto da capa do jornal "Le Figaro - a arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente", aplicado ao 9.º Z.....	69
Figura 5- Sumário apresentado ao 8.º X aquando da aplicação do jornal didático "Wittenberg Tachebuch - Os escândalos da Igreja Católica ao rubro".	73
Figura 6 - Excerto da capa do jornal "Wittenberg Tachebuch - Os escândalos da Igreja Católica ao rubro", aplicado ao 8.º X	74
Figura 7- Esquema-síntese construído através da análise e interpretação dos textos contidos no jornal didático sobre a crise da Igreja Católica no século XVI.....	75
Figura 8 - Sumário apresentado ao 9.º Z aquando da aplicação do jornal "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder".....	78
Figura 9- Excerto da capa do jornal "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder", aplicado ao 9.º Z	79
Figura 10 - Desafio do jornal "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder".	80
Figura 11- Sumário apresentado ao 11.º Y aquando da aplicação do jornal didático "Gazeta de Lisboa - A terra rugiu e rasgou!"	83
Figura 12- Excerto da capa do jornal "Gazeta de Lisboa - A terra rugiu e rasgou!" aplicado no 11.º Y.	84
Figura 13- Apresentação da primeira atividade ao 11.º Y.....	107
Figura 14- Excerto da capa de jornal do Aluno L.	113
Figura 15- Capa do jornal do Aluno M	114
Figura 16 - Cabeçalho do jornal da Aluna N.....	120
Figura 17 - Cabeçalho do jornal construído pela Aluna O	121

“Dar um La mi ré” – Introdução

“Jornais? Isso ainda se usa?” Pois é...a leitura de jornais parece ser gradualmente condenada ao esquecimento como se a invenção da imprensa atribuída a Gutenberg não tivesse tido qualquer utilidade no Mundo tal como hoje o conhecemos. Na verdade, o seu desuso cresce tanto que, por vezes, nem nos lembramos que ele existe. Numa época proliferada pelas redes sociais e restantes tecnologias, onde as informações de todo o mundo se encontram à distância de um clique (e não de um quiosque!), o jornal de grandes dimensões e com letras pequeninas é relegado para as memórias recônditas, sendo caracterizado como “ultrapassado” e “pouco útil”, dadas as alternativas que temos ao nosso dispor hoje em dia. Mas... e para aprender História?

A presente investigação insere-se no âmbito da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional, do 2.º ano do Mestrado em Ensino de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário e tem como objetivo primordial abordar a utilização de jornais didáticos no ensino da História, enquanto recurso. Deste modo procuro, ao longo desta investigação, evidenciar as potencialidades da aplicação deste recurso, construído inteiramente de raiz, simultaneamente motivador e criativo, revelando-se útil no decorrer do processo de ensino-aprendizagem; na consolidação de conhecimentos; na realização de uma avaliação formativa distante das tradicionais. Contudo e mesmo perante todas as potencialidades elencadas, a utilização de jornais em sala de aula é, no meu entender, pouco frequente. Tal como todos os recursos pedagógico-didáticos, a aplicação de jornais didáticos nas aulas de História não se encontra isenta de dificuldades e limitações que também procurarei mencionar e dar destaque ao longo deste trabalho.

A realização de uma avaliação formativa em dois momentos do ano letivo 2020/2021, no contexto do Estágio Curricular, corroborou a importância deste recurso - revelando-se uma ferramenta útil no sentido de aferir a evolução das aprendizagens dos alunos.

Como ponto de partida, optei por estabelecer algumas questões iniciais que pretendo, através desta investigação, dar resposta. Qual a importância que os jovens da atualidade atribuem ao mundo da imprensa? De que forma a utilização de jornais didáticos facilita a compreensão dos conteúdos lecionados nas disciplinas de História e História A? A utilização deste recurso pedagógico-didático revela-se capaz de

incrementar o sentido crítico e reflexivo dos alunos? Qual a rentabilidade associada ao jornal didático no formato de avaliação formativa? A abordagem da imprensa em sala de aula pode relacionar-se com o aumento dos hábitos de leitura em contexto sociofamiliar e poderá provocar um aumento do seu consumo no quotidiano dos nossos alunos?

O presente relatório é constituído por dois momentos: o primeiro dedicado ao enquadramento teórico da investigação e o segundo ao enquadramento prático, cujo enfoque situar-se-á no estudo de caso que desenvolvi ao longo do ano letivo 2020/2021 durante o Estágio Curricular.

No que diz respeito ao enquadramento teórico, dedico as primeiras páginas do mesmo – *“Era uma vez...”* - à realização de uma pequena síntese relativamente à história da imprensa escrita, desde os primórdios à atualidade, abordando os aspetos mais importantes da sua evolução ao longo das centúrias. Assumindo a importância da imprensa, mais concretamente do jornal didático, no contexto curricular de História, são dedicadas as restantes páginas do enquadramento teórico - *“Colocar os pontos nos “is”* - aos benefícios que, na minha ótica, resultam da sua aplicação. Não obstante, serão ainda explorados os moldes nos quais a imprensa pode ser rentabilizada pelos docentes (e que não se cingem, naturalmente, ao jornal didático). Por fim, analisarei os passos necessários que se encontram subjacentes à correta exploração de um jornal em sala de aula, independentemente da sua finalidade.

No segundo capítulo, dedicado ao enquadramento prático, será apresentado o estudo de caso realizado no contexto do estágio curricular, iniciando-se com uma breve descrição da instituição escolar na qual o mesmo foi realizado - *“O bom filho a casa torna”* - na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, na freguesia de Gulpilhares e Valadares. Serão ainda apresentadas as turmas com as quais trabalhei nesta investigação - *“Uma andorinha sozinha não conta a História”*: duas turmas do Ensino Básico (8.º e 9.º ano, respetivamente) e uma de 11.º ano de escolaridade do Ensino Secundário, pertencente ao Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades.

Segue-se um enquadramento metodológico intitulado - *“Roma e Pavia não se fizeram num dia”* - no qual são descritas as etapas a que esta investigação esteve sujeita. Foram aplicados quatro jornais didáticos nas três turmas envolvidas no estudo e realizaram-se dois momentos de avaliação formativa na turma de 11.º ano de escolaridade. Estes momentos de avaliação consistiram na construção individual de um jornal didático

correspondente aos conteúdos lecionados num primeiro momento, no contexto do Governo Pombalino (1756-1777) e, mais tarde, relativamente à Implantação do Liberalismo em Portugal (1822-1834). A construção de jornais pelos alunos do 11.º ano de escolaridade permitiu:

- a) A deteção de possíveis lacunas de aprendizagem de forma individual;
- b) A formação de múltiplas perspetivas relativamente aos conteúdos adquiridos em sala de aula;
- c) O desenvolvimento de um maior espírito crítico e reflexivo relativamente aos conteúdos;
- d) A criação de uma avaliação formativa pelo docente, na qual os alunos se revelaram sujeitos ativos na construção do seu conhecimento.

No contexto do desenvolvimento desta investigação foi aplicado um Inquérito de Diagnóstico – *“Contra factos, não há argumentos!”* - transversal às três turmas envolvidas. O inquérito procurou averiguar os hábitos de leitura do inqueridos (no que concerne à imprensa); atestar a frequência da utilização de jornais em sala de aula; e apurar as disciplinas que mais usufruíam, na ótica dos discentes, da aplicação da imprensa. As respostas obtidas neste inquérito foram fundamentais para se delinearem as estratégias que desta investigação fizeram parte.

O estudo de caso compreende ainda um capítulo que se dedica à descrição individual das quatro aplicações de jornais didáticos – *“O jornal didático nas aulas de História”*.

Seguidamente são analisados os dados obtidos nos Inquéritos Finais – *“A Hora da Verdade”* - dirigidos às turmas de 8.º e 9.º ano e que visavam apurar a opinião dos discentes relativamente às experiências de aplicação do jornal didático nas aulas de História. Os Inquéritos não foram transversais às três turmas envolvidas na investigação, dado que a turma de 11.º ano de escolaridade permaneceu na experiência até ao final do ano letivo.

Relativamente a este último aspeto é redigido um capítulo – *“A sala de aula como uma redação”* - dedicado aos dois momentos de construção de um jornal de forma individual pela turma do 11.º ano, num contexto de avaliação formativa. São ainda dedicadas algumas páginas que abordam uma terceira experiência de avaliação formativa, junto da mesma turma, que não pôde ser realizada, juntamente com o inquérito final – como previamente estava estipulado.

Por fim, as considerações finais – *“Tirar a prova dos nove”* – que procura refletir sobre a multiplicidade de experiências realizadas junto dos alunos de 8.º, 9.º e 11.º ano de escolaridade no âmbito desta investigação. Nesse capítulo, procuro inscrever uma reflexão relativamente aos aspetos positivos e negativos que delas resultaram, as suas potencialidades, dificuldades e limitações. Ousei, ainda, elencar algumas sugestões ou caminhos alternativos pelos quais poderia ter optado.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO



1. Capítulo I – Enquadramento Teórico

1.1. “Era uma vez...” - Uma breve História da Imprensa Escrita

A imprensa relaciona-se diretamente com a transmissão de informação, característica inerente ao ser humano desde os primórdios da sua existência. Todavia, segundo Jorge Pedro Sousa na monografia “*Uma história breve do jornalismo no Ocidente*”:

“

“O jornalismo noticioso só é uma invenção dos séculos XVI e XVII, com raízes remotas na Antiguidade Clássica e com antecedentes imediatos na Idade Média e Renascimento.”¹

”

Deste modo, as origens do jornalismo relacionam-se, em grande medida, com o desenvolvimento de dispositivos pré-jornalísticos impulsionados pela invenção da escrita durante a Civilização Suméria. A sua evolução encontra-se relacionada com uma necessidade crescente de transmissão de informação, independentemente do seu teor, o que conduz, inevitavelmente, à substituição do discurso oral pelo discurso escrito.

Durante a **Civilização Grega** destacam-se, como dispositivos pré-jornalísticos, as grandes obras de literatura: a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero. Segundo Jorge Pedro Sousa, ambas as obras gregas procediam à narração de factos reais, embora as mesmas frequentemente fossem intercaladas com lendas e mitos. Todavia, a forma como eram relatados os factos reais presentes nestas obras continham já “alguns esquemas de narração e enunciação similares aos atuais modelos jornalísticos”².

¹ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 80

² SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 8

A **Civilização Romana** foi marcada pelo surgimento e desenvolvimento das Atas Romanas, mais conhecidas como *Actas Dirnae* e que, segundo Hernando Cuadrado, “constituem o primeiro exemplo seguro de jornalismo na História da Humanidade”³. O surgimento destes documentos relaciona-se com as dimensões do Império Romano e as suas particularidades em termos organizativos. Acredita-se que estes documentos tenham surgido no século II, mais concretamente no ano 131 a.C.

As características destes documentos permitem-nos estabelecer alguns pontos em comum com os jornais atuais, como por exemplo: a periodicidade regular, a larga panóplia de temas abordados e a narração de acontecimentos cuja linguagem associaríamos à linguagem jornalística. A escolha do conteúdo das Atas cabia, de forma geral, aos Magistrados do Império e a recolha de informação que nelas constava era realizada pelos *Actuarii* ou *Diurnarii*. O Imperador Teodósio (n. 347 d.C. – f. 395 d.C.) procurou regular a sua função, o que corresponde à primeira manifestação de controlo dos profissionais ligados à difusão de informação. Posteriormente, as Atas eram afixadas num suporte que poderia variar entre o papiro ou pergaminho⁴.

Os assuntos sobre os quais as Atas se debruçavam eram bastante diversificados sendo até possível diferenciar as Atas Romanas consoante a informação que continham. Eis alguns exemplos: a) as *Actas Civilia* que continham, essencialmente, dados referentes a casamentos, mortes e nascimentos; b) as *Actas Forensias* que se dedicavam a elencar as listas de eleições e leis; c) as *Actas Iudiciárias* que elencavam as várias sentenças decretas pelos tribunais; d) as *Acta Militaria* que procediam ao registo dos homens inscritos nas legiões⁵.

Dentro das circunstâncias da época, a difusão das Atas Romanas mostrou-se, indiscutivelmente, “massiva”, revelando uma grande importância no conhecimento dos acontecimentos que marcavam o Império, assegurando a sua coesão.

O período da **Idade Média**, temporalmente localizado entre os séculos V e XV, conhecido como o “*Período das Trevas*” foi pautado por um retrocesso quando o

³ HERNANDO CUADRADO, L. A. *Los Acta Diurna y el Registo Periodístico*. Madrid: Dykinson/Universidad Rey Juan Carlos, 2007 p. 11

⁴ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 36

⁵ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 38

comparamos com as Civilizações Grega e Romana. De facto, a conjuntura medieval foi caracterizada por guerras intermináveis, conflitos políticos e por um domínio cada vez mais amplo da Igreja Católica: atestado, por exemplo, pelo movimento das Cruzadas. A troca de informações não ficou imune a este retrocesso, verificando-se um regresso à troca de informações através do discurso oral em detrimento do discurso escrito. Apesar deste retrocesso é possível apontar alguns veículos de transmissão de informação escrita desenvolvidos nesta época.

As Crónicas que registavam os feitos de nobres e reis, assumiram, nesta conjuntura, o papel de um dispositivo pré-jornalístico. Também as Cartas Informativas que eram enviadas para lugares distantes, contendo as notícias mais importantes são consideradas como um dos dispositivos pré-jornalísticos mais importantes desta época- a sua redação cabia a monges, mercadores ou até diplomatas. Também os Relatos de Viagens são considerados dispositivos pré-jornalísticos da Idade Média, dado que “além de fundarem a literatura de viagens (...) aproximam-se da reportagem, tal como acontece com as crónicas”⁶.

O **Renascimento**, temporalmente localizado entre os finais do século XIV e meados do século XVI, é considerado o período de transição da Idade Média para a Idade Moderna. Esta época foi marcada por vários momentos determinantes na História da Humanidade: o início da diáspora dos Descobrimentos, a fundação de várias Universidades um pouco por toda a Europa, o desenvolvimento da indústria do papel e a queda do Império Romano do Oriente em 1453, são alguns exemplos.

O período do Renascimento foi ainda marcado por uma dinamização crescente de manuscritos e livros justificada, não só pela renovação cultural, mas também pelo desenvolvimento tipográfico de Gutenberg no qual adiante focaremos a nossa atenção.

Destacam-se, como dispositivos pré-jornalísticos desta época, as Cartas que continham informações importantes sob moldes que hoje se assemelham aos discursos noticiosos. Serve de exemplo a Carta de Pêro Vaz de Caminha ao rei D. Manuel I aquando da chegada da armada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil em 1500. Destacam-se ainda os Almanques, cuja palavra ainda hoje não nos é estranha e cujas motivações subjacentes à sua publicação se relacionam, essencialmente, com o comércio, podendo incluir

⁶ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 53

“informações sobre agricultura, dias festivos (...) previsões (...), pequenos relatos de vidas de santos, reis, nobres e heróis com intuitos moralistas (...)”⁷. Acrescem as Folhas Volantes criadas e desenvolvidas nesta época e cuja utilização ainda era verificável no século XIX. Estima-se que estes documentos tenham surgido em Itália, na região de Veneza e Génova, podendo ser vendidos em feiras, o que explica a sua célere difusão. As Folhas Volantes normalmente possuíam dimensões de 15x20 cm, contendo uma única notícia. Os temas, à semelhança dos jornais que hoje conhecemos, eram variados: políticos, económicos, sociais etc. A mais antiga Folha Volante conhecida data de 1473 e noticia a queda do Império Bizantino alguns anos antes, em 1453. Neste contexto destacam-se ainda os Livros Noticiosos cujo precursor fora Michael von Aitzinger (n. 1530- f.1598) escritos em latim e cuja publicação possuía um carácter relativamente definido. Os Livros Noticiosos, contrariamente às Folhas Volantes, possuíam mais do que uma única notícia.

Quando se aborda a evolução da imprensa e o período do Renascimento, o nome “Gutenberg” assume-se incontornável. Embora esta época tenha sido marcada por uma grande valorização da cultura escrita, a verdade é que ainda não tinham sido desenvolvidos mecanismos que permitissem a difusão dos documentos escritos num curto espaço de tempo.

Foi atribuída a Johann Gendfleisch zum Gutenberg, nascido em Mogúncia, a invenção do sistema tipográfico entre 1444 e 1456, inspirado de forma direta pelo sistema de impressão xilográfico. A inovação do sistema tipográfico justifica-se pela introdução de uma liga metálica na qual eram gravados os vários caracteres individualmente e, posteriormente, dispostos lado a lado. Em 1500, existiam 73 tipografias em Itália, 50 no Sacro-Império, 45 em França, 20 na Península Ibérica e 4 em Inglaterra⁸. O sistema tipográfico desenvolvido por Gutenberg abriu caminho ao desenvolvimento da imprensa como hoje a conhecemos, revelando-se como uma invenção verdadeiramente inovadora na época.

Esta época foi marcada pelo nascimento das primeiras tentativas de controlo dos escritos que percorriam o continente europeu. A censura aos documentos escritos era

⁷ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 57

⁸ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 69

caracterizada pela realização de exame prévio aos mesmos, procurando uma licença de impressão. O nascimento do Index também contribuiu para um maior controlo relativamente aos manuscritos em circulação, proibindo-se a leitura de livros e escritos que, aos olhos da Igreja Católica, eram considerados heréticos na sua génese sendo a sua leitura, naturalmente, proibida.

O **Século XVII**, revelou-se como uma centúria cuja palavra de ordem foi: “Cisão”. Cisão no seio da Igreja (agravada pelo surgimento das Igrejas Protestantes) e cisão entre os regimes políticos nos quais as monarquias absolutas de direito divino contrastavam com as monarquias de origem parlamentar.

O Mundo demonstrou-se um lugar instável marcado por uma sede de informação cada vez maior. O século XVII corresponde ao aparecimento das primeiras “*Gazetas*” consideradas atualmente como os primeiros jornais de facto. O seu nome assemelha-se à moeda veneziana na época, o que equivalia ao pagamento para se ouvir a leitura pública das Folhas Volantes. A Gazeta é de origem francesa, e nasceu em 1604 – “*La Gazette Française*”, cuja autoria coube a Marcellin Allard e Pierre Chaulier.

Resumidamente, as Gazetas eram caracterizadas por uma periodicidade bem definida e uma evidente seleção de factos noticiosos. Contavam ainda com profissionais dedicados à sua redação, impressão e posterior publicação, contendo já na época da sua fundação, anúncios pagos! Porém, a circulação das Gazetas não registou grandes índices. Este fator relaciona-se com o facto do seu preço ser relativamente dispendioso e os índices de alfabetização, no panorama geral europeu, não serem elevados⁹.

O **Século XVIII**, também conhecido como “Século das Luzes” é marcado, pelo **Iluminismo** sendo caracterizado como “um século de consolidação, ampliação do sistema jornalístico, devido ao clima de mudança que aumentava a necessidade de informação dos cidadãos”¹⁰. Esta centúria foi também marcada pelo surgimento e defesa direitos naturais, o eclodir do racionalismo e do experimentalismo. Foi ainda o século das grandes revoluções liberais, destacando-se a Revolução Americana (1776) e a Revolução Francesa (1789). Todos estes fatores corroboram a necessidade de mais informação e,

⁹ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 76

¹⁰ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 88

consequentemente, de um aumento da produção jornalística. Deste modo, foi constante, ao longo deste século, a circulação de jornais em formato diário. A grande novidade desta centúria foi o surgimento da imprensa de partido (*party-press*), no Reino Unido. Este século, apesar de politicamente “aberto”, contou com a manutenção de vários dispositivos de censura que, tendencialmente aumentaram após as Revoluções Americana e Francesa.

A **Época Contemporânea** mais concretamente, o **século XIX**, é caracterizado pela consolidação de um sistema capitalista e industrial o que conduziu, ao surgimento da classe operária e a sua organização. Por outro lado, assistiu-se à “formação de grandes correntes ideológicas, que gerariam muitas das guerras do século XX”¹¹. Do ponto de vista político e militar, o século XIX não foi, de todo, uma centúria pacífica. Várias guerras eclodiram nesta época como por exemplo: a Guerra Civil Portuguesa (1832-1834), a Guerra Civil Americana (1861-1865) e a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871).

“Invadido” por um espírito liberal que contagiava a Europa e um pouco do mundo, o século XIX promoveu, incontestavelmente, inovações no que concerne ao jornalismo e ao desenvolvimento da imprensa, para o qual contribuiu o desenvolvimento a fotografia.

A imprensa política ganhou um novo avanço em virtude das revoluções liberais que se iniciaram no século anterior, embora o seu público fosse as elites e não os cidadãos comuns. Com o seu desenvolvimento jornalístico desta época, o “jornalista deixa de ser o juiz, passando essa função para o público”¹².

Foi no século XIX que se procedeu ao estabelecimento da profissão de jornalista e, por isso, não tardaram a surgir as primeiras universidades destinadas à sua formação. A primeira terá sido a Universidade de Breslau, na Alemanha (hoje, pertencente à Polónia) em 1806. No final do século, Albert Betailer em parceria com o famoso jornal francês “Le Figaro”, inaugura na Escola Superior de Paris um curso de jornalismo, em 1899. No século seguinte, várias Universidades continham este curso: a Universidade de Zurique e a Universidade de Liepzig na Alemanha, por exemplo. Contudo, ressalva-se que o prestígio associado a este curso e profissão só foi alcançado definitivamente em meados do século seguinte, quando o ensino do jornalismo foi institucionalizado de forma

¹¹ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 102

¹² SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 109

definitiva. Relativamente à primeira organização profissional de jornalistas, a mesma data ainda nos finais do século XIX em Inglaterra.

A criação de cursos de jornalismo um pouco por toda a Europa e a sua crescente organização profissional contribuíram para a dignificação desta profissão, para a definição dos seus direitos e dos seus deveres éticos e laborais, que ainda hoje são seguidos e “sustentam a cultura jornalística”¹³.

Terminamos a nossa breve viagem pela história da imprensa escrita no **século XX** que permanece como um dos séculos mais conturbados de toda a História da Humanidade.

Apesar de terem sido verificados vários avanços no campo tecnológico, esta centúria foi também marcada pela ascensão e queda de regimes totalitários, duas guerras de cariz mundial, a Guerra Fria, bem como um crescente processo de globalização que ainda hoje vivemos. Assim, a imprensa escrita assumiu uma importância evidente que os séculos anteriores já tinham começado a construir. No início do século XX, vivia-se um ambiente de “paz armada”, caracterizado pelo exacerbar dos nacionalismos que, anos mais tarde, culminaria no eclodir da Grande Guerra (1914-1918). A produção jornalística não ficou indiferente a esta conjuntura e, por isso, os jornais desta época revelaram-se importantes meios de demonstrar o exacerbar dos nacionalismos.

No início do século XX são fundados vários jornais de cariz popular, fator que se relaciona com os índices de alfabetização mais elevados quando comparados com os séculos anteriores.

A imprensa afirmou-se como uma poderosa arma política e ideológica não sendo de estranhar a sua utilização para a manutenção de regimes totalitários, por exemplo. Não obstante, os jornais do século XX foram durante várias décadas alvo de censura: o que contribuiu para um desvirtuamento dos princípios base da imprensa escrita.

Nos finais do século XX e com o impulso conferido às novas tecnologias, a leitura de jornais em suporte papel tornou-se cada vez mais residual, podendo afirmar-se que estamos perante um analfabetismo jornalístico crescente, embora o mesmo seja mitigado pelo crescimento da leitura e das assinaturas digitais. Por vezes, a leitura de notícias

¹³ SOUSA, Jorge Pedro – *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008 p. 113

através dos meios digitais é provida de pouca fiabilidade, exigindo naturalmente um maior cuidado na formação de leitores críticos em relação aos seus conteúdos. Tal é verificado, por exemplo, pelo encerramento de várias redações nos últimos anos. Na verdade, as páginas de um jornal foram substituídas pela abertura de vários separadores na internet, que rapidamente nos colocam em contacto com pessoas do outro lado do Mundo e nos informam dos acontecimentos que marcam a atualidade. A literacia jornalística sofreu um decréscimo evidente e a cultura de leitura do jornal é, nos dias de hoje, reduzida.

1.2. “Colocar os pontos nos is” – A aplicação da Imprensa Escrita no contexto curricular de História

Numa conjuntura massivamente subordinada às novas tecnologias e recursos audiovisuais, incentivar à leitura pela parte dos jovens, quer em espaço escolar, quer no seio familiar, afigura-se como uma tarefa cada vez mais desafiante. Neste panorama, insere-se, naturalmente, a leitura jornalística que se afirma, atualmente, como uma realidade residual e crescentemente descredibilizada devido à sua substituição pela televisão, a internet e até as subscrições de notícias em formato digital.

A leitura jornalística e a sua utilização em contexto de sala de aula, mais concretamente na disciplina de História, afigura-se altamente capaz de desenvolver junto dos alunos competências determinantes, tais como o seu espírito crítico e reflexivo, o incremento de capacidades associadas à comunicação, bem como as competências de expressão escrita e de leitura.

1.2.1. As potencialidades da utilização da imprensa escrita na disciplina de História

A aplicação de recursos pedagógico-didáticos diretamente relacionados com a imprensa escrita, no contexto disciplinar de História, revela-se benéfica no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, em vários parâmetros. Com isto, não se defende a premissa de que este recurso é melhor do que qualquer outro - tendo obviamente, as suas dificuldades e limitações. Contudo, acredito no potencial e nos benefícios que resultam da sua aplicação, para a aprendizagem dos discentes na disciplina de História.

O documento referente ao *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (2017), reflete sobre a necessidade dos jovens possuírem altos níveis de literacia¹⁴ “que lhes permita analisar e questionar criticamente a realidade”¹⁵. Esta revela-se uma tarefa que tem conhecido, ao longo dos últimos anos, crescentes dificuldades, sendo pautada por uma redução dos hábitos de leitura dos jovens, em geral.

¹⁴ *Literacia* (do inglês *literacy*, «idem», e do latim *litteratu-*, «culto, sábio»): Capacidade de ler e escrever; alfabetismo. Capacidade de usar a leitura e a escrita como forma de adquirir conhecimentos, desenvolver as próprias potencialidades e participar ativamente na sociedade. - Porto Editora – literacia no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consultado. 2021-09-02]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/literacia>

¹⁵ *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (2017), p. 15.

A utilização da imprensa escrita em contexto escolar, mais concretamente na disciplina de História, pode inserir-se em várias competências que se encontram contempladas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (2017), o que corrobora a sua utilidade em sala de aula. São elas:

- a) *Linguagem e Textos*;
- b) *Informação e Comunicação*;
- c) *Pensamento Crítico e Pensamento Criativo*¹⁶.

No que refere às competências associadas à *Linguagem e Textos*, o documento previamente citado prevê que os alunos saibam retirar uma utilização eficaz dos mesmos, no sentido de “dominarem capacidades nucleares de compreensão e de expressão nas modalidades oral, escrita, visual e multimodal”¹⁷. Os alunos desenvolvem esta competência, por exemplo, aquando da construção dos elementos escritos que compõem um jornal - colocando em evidência as suas capacidades de compreensão e expressão escrita.

Relativamente à competência relacionada com a *Informação e Comunicação*, pretende-se que os alunos sejam capazes de utilizar vários documentos no sentido de, a partir dos mesmos, serem capazes de realizar uma pesquisa, bem como construir o seu conhecimento de forma autónoma. Quando os alunos são desafiados a redigir um artigo de cariz jornalístico no contexto disciplinar de História (por exemplo, aquando da leção dos conteúdos da IIª Guerra Mundial), devem ser capazes de realizar uma pesquisa fundamentada, que lhes permita construir ativamente o seu conhecimento, culminando na realização da tarefa.

Segue-se a competência relacionada com o *Desenvolvimento do Pensamento Crítico e Criativo* dos estudantes. As competências relacionadas com este, segundo o documento do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (2017), “requerem observar, identificar, analisar e dar sentido à informação, experiências (...) e argumentar a partir de diferentes premissas”¹⁸. Esta capacidade pode ser desenvolvida, no contexto da disciplina de História, quando os alunos são desafiados, por exemplo, a redigir um

¹⁶ Idem, p.19.

¹⁷ Idem, p. 21.

¹⁸ Idem, p. 24.

jornal ou uma notícia que tem em si subjacente uma vertente argumentativa referente aos conteúdos – em linha com a posição que defendem.

No que refere ao desenvolvimento de competências associadas ao *Sentido Criativo*, elas podem ser desenvolvidas no momento de construção do jornal, destacando-se a sua componente gráfica. Não obstante, promove-se uma perspetiva diferente dos conteúdos (incorporando o tempo no qual decorrem os mesmos), o que contribui para o incremento de sentimentos relacionados com a empatia histórica por parte dos alunos.

Conclui-se, após esta breve reflexão, que a aplicação da imprensa escrita em sala de aula, na disciplina de História, parece legitimada por este documento e pelas várias competências que o mesmo ressalta.

Também o documento referente às *Aprendizagens Essenciais*¹⁹ (2018) comporta competências que se espera que os alunos desenvolvam no contexto curricular da disciplina de História e que a utilização da imprensa escrita em sala de aula pode auxiliar. A título de exemplo, recorreu-se ao documento das *Aprendizagens Essenciais* (2018) referentes ao 9.º e 11.º anos de escolaridade do Ensino Básico e Secundário, respetivamente.

No que concerne ao 9.º ano de escolaridade, as *Aprendizagens Essenciais*²⁰ (2018) englobam as seguintes competências – relativamente à utilização da imprensa escrita em sala de aula:

- a) “Pretende-se que o aluno adquira uma consciência histórica que lhe permita assumir uma posição crítica e participativa na sociedade”;
- b) “Utilizar adequadamente fontes históricas de tipologia diversa, recolhendo e tratando a informação para a abordagem da realidade social numa perspetiva crítica”;
- c) “Reforçar a utilização de conceitos operatórios e metodológicos da disciplina de História”;
- d) “Reconhecer a importância dos valores de cidadania para a formação de uma consciência cívica e de uma intervenção responsável na sociedade democrática”;

¹⁹ <https://www.dge.mec.pt/historia> (consultado em agosto de 2021).

²⁰ http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_9a_f.pdf [consultado em agosto de 2021].

Relativamente ao Ensino Secundário e recorrendo-se ao documento das *Aprendizagens Essenciais*²¹ (2018) do 11.º ano de escolaridade destacam-se as seguintes competências referentes à aplicação da imprensa escrita em sala de aula:

- a) “Pesquisar, de forma autónoma, mas planificada, em meios diversificados, informação relevante para assuntos em estudo, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos.”;
- b) “Analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respetivos limites para o conhecimento do passado.”;
- c) “Situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram.”;
- d) “Mobilizar conhecimentos de realidades históricas estudadas para fundamentar opiniões, relativas a problemas nacionais e do mundo contemporâneo, e para intervir de modo responsável no seu meio envolvente.”;
- e) “Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, sínteses de assuntos estudados.”;

“

A aplicação de recursos diretamente relacionados com a imprensa escrita nas aulas de História revela-se fundamental no sentido de “compreender um determinado processo histórico, confrontar diferentes pontos de vista, aprender a pesquisar informações em fontes primárias (...) e vivenciar a construção do conhecimento histórico”²².

”

No que diz respeito à aplicação da imprensa escrita e tal como nos remete a citação anterior, destacam-se múltiplos benefícios e potencialidades associadas a esta estratégia de aprendizagem. Além de se revelar um excelente recurso motivacional para os conteúdos a serem lecionados, demonstra-se capaz de colher a atenção geral dos alunos, desenvolvendo o seu interesse relativamente aos conteúdos e à disciplina.

²¹https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_historia_a.pdf [consultado em agosto de 2021].

²² LIMA, Aline Mendes – Narrando o passado: o jornal nas aulas de História. *Revista do Lhiste- Laboratório de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre. ISSN 2359-5973. Vol. 1. Nº1 (jul/dez. 2014) p.157.

Por um lado, transfere os alunos para o papel de sujeitos ativos na produção do seu conhecimento histórico, cujo aspeto é evidenciado, entre outros fatores, através do incremento das capacidades de pesquisa autónoma e da valorização das componentes associadas à leitura e à escrita, que contribuem para o desenvolvimento dos níveis de literacia.

Segundo Aline Mendes Lima, a utilização da imprensa traduz-se “como um elemento problematizador, que permite relacionar o passado e o presente”²³ - competência amplamente valorizada na disciplina de História.

Por outro lado, a aplicação da imprensa escrita nas aulas de História demonstra aos discentes a multiplicidade de pontos de vista relativamente ao mesmo tema - o que contribui para um maior sentido crítico e para “desenhar” várias perspetivas em relação a um único acontecimento.

Por último, a aplicação deste recurso no sentido de promover uma avaliação formativa também revela várias potencialidades: além de ser uma avaliação inovadora que valoriza várias competências congregadas nos documentos normativos previamente mencionados, confere uma maior valorização relativamente ao processo em detrimento do resultado.

1.2.2. Como explorar a imprensa escrita em sala de aula?

Independentemente da aplicabilidade pela qual o professor opte, no sentido de trabalhar este recurso em sala de aula, revela-se determinante delinear uma estratégia de exploração.

Corroborando essa necessidade, Dayana Medeiros Luz²⁴, explora as ideias de Schmidt e Cainelli presentes na obra “*Ensinar História*”, na qual é realizada uma proposta no que concerne à análise de um documento jornalístico - estando a mesma

²³ LIMA, Aline Mendes – Narrando o passado: o jornal nas aulas de História. *Revista do Lhiste- Laboratório de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre. ISSN 2359-5973. Vol. 1. Nº1 (jul/dez. 2014) p. 156

²⁴ LUZ, Dayana Medeiros – O uso de jornais como recurso didático no ensino de História sobre a Balaiada. Recife: Associação Nacional de História, 2019, p.4.

dividida em três etapas²⁵: a) identificação do documento; b) exploração do seu conteúdo; c) conclusões acerca do documento.

Vale a pena lembrar que as sugestões de exploração de um recurso relacionado com a imprensa escrita são válidas para qualquer tipo de recurso que com ela se relacione - consistam as mesmas na aplicação de jornais atuais ou jornais didáticos, por exemplo.

a) Identificação do documento

De uma forma geral, esta etapa permite identificar o tipo de fonte e caracterizar a sua tipologia. Por outro lado, nesta etapa também se deverá realizar um “despiste” de vocabulário - muito importante no sentido de esclarecer junto dos estudantes possíveis palavras cujo significado seja desconhecido ou em virtude da especificidade da linguagem utilizada do tempo histórico em estudo.

b) Análise/ exploração do seu conteúdo

Depois de cumprida a primeira etapa, o aluno terá conhecimento do tipo de fonte em estudo podendo, mediante os seus resultados, proceder a uma exploração mais correta e concisa do recurso - dirigindo-lhe o correto questionamento.

c) Conclusões acerca do documento

Segue-se a última etapa, na qual se realiza um comentário acerca do documento, dividido em três partes: a identificação do documento, a crítica ao mesmo sustentada nos argumentos levantados aquando da sua exploração e, por fim, a conclusão da análise do conteúdo, pautada por um momento reflexivo e pessoal pela parte dos alunos, revelando o desenvolvimento de competências associadas ao espírito crítico e reflexivo²⁶.

A análise de um jornal, independentemente dos moldes em que seja aplicado, traduz-se, como foi possível verificar anteriormente, numa tarefa demorada e que deve ser adaptada, tendo em conta a realidade escolar de cada instituição de ensino. É, por isso, fundamental que não se “saltem” etapas no sentido de acelerar o projeto.

²⁵ LUZ, Dayana Medeiros – O uso de jornais como recurso didático no ensino de História sobre a Balaiada. Recife: Associação Nacional de História, 2019, pp. 4/5.

²⁶ LUZ, Dayana Medeiros – O uso de jornais como recurso didático no ensino de História sobre a Balaiada. Recife: Associação Nacional de História, 2019 p. 5

1.2.3. Como utilizar a imprensa escrita nas aulas de História?

São várias as formas de rentabilizar este recurso nas aulas de História. Não obstante, no momento de aplicação de um recurso diretamente relacionado com a imprensa escrita, revela-se necessário preencher as possíveis lacunas dos discentes relativamente à linguagem jornalística²⁷. Devem, por outro lado, ser rentabilizadas as suas ideias tácitas relativamente à fonte em estudo. A aplicação da imprensa escrita nas aulas de História pode ser realizada em várias modalidades, entre elas podemos encontrar:

- a) a aplicação de um jornal didático construído pelo docente para efeitos pedagógico-didáticos;
- b) a construção de um jornal pelo aluno;
- c) o recurso a jornais atuais;
- d) o trabalho de jornais autênticos da época em estudo (por exemplo, pesquisando em hemerotecas digitais).

A **aplicação de um jornal didático pelo docente para efeitos pedagógico-didáticos** consiste, sumariamente, na adaptação dos conteúdos a serem lecionados ao formato físico de um jornal. A aplicação deste recurso tem como objetivo simplificar o processo de ensino-aprendizagem, motivar os alunos e simplificar os conteúdos. A sua utilização pode ser reduzida a um momento específico da regência ou ser transversal a toda a aula.

Os jornais didáticos construídos pelo docente devem encontrar-se em concordância com os documentos normativos curriculares, destacando-se o documento das *Aprendizagens Essenciais* (2018). Esta é uma forma distinta de assegurar a lecionação dos conteúdos que, por exemplo, ultrapassa os manuais escolares. A aplicação deste recurso possibilita retratar os acontecimentos inseridos nos conteúdos a serem lecionados, promovendo uma espécie de “viagem no Tempo” aos alunos e fazendo-os sentir parte da História (como se pode consultar através da leitura dos capítulos 2.2. “*Roma e Pavia não se fizeram num dia – Metodologia*” e 2.4. - “O jornal didático nas aulas de História”).

²⁷ LIMA, Aline Mendes – Narrando o passado: o jornal nas aulas de História. *Revista do Lhiste- Laboratório de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre. ISSN 2359-5973. Vol. 1. Nº1 (jul/dez. 2014), p.157.

A **construção de um jornal pelo aluno**, abordando os conteúdos disciplinares em estudo tem como objetivo primordial permitir que os alunos se coloquem na pele de alguém que tenha vivido o período histórico a ser lecionado. Este fator culmina numa percepção diferente relativamente aos conteúdos e à disciplina que promove, essencialmente, a sua problematização. Por outro lado, a promoção desta atividade junto dos alunos permite ao docente uma avaliação formativa, cujos benefícios foram elencados anteriormente.

Além desta atividade fugir à rotina diária das aulas, a sua aplicação culmina no desenvolvimento de capacidades relacionadas com a pesquisa autónoma, espírito crítico e reflexivo e ainda a criatividade, no momento de criação do formato físico do jornal.

A realização desta tarefa permite aos discentes o desenvolvimento de múltiplas perspetivas relativamente aos conteúdos da disciplina, fazendo com que os alunos compreendam que cada acontecimento histórico não tem apenas um lado ou uma explicação, mas sim vários.

Aline Lima, descreve no artigo da sua autoria – *“Narrando o passado: o jornal nas aulas de História”* – a experiência aplicada neste contexto durante o seu ano de estágio, numa escola pública na cidade de Porto Alegre, no Brasil. A experiência pedagógica foi desenvolvida numa turma de ensino médio (o que corresponderia ao Ensino Básico em Portugal). Os conteúdos nos quais esta experiência decorreu referem-se ao Renascimento e Reforma Protestante e possuíam os seguintes objetivos: quebrar a rotina das aulas e proporcionar aos estudantes um “deslocamento de tempo-espço”²⁸.

O cerne desta tarefa consistia em construir um jornal da época, na qual decorreriam os conteúdos. Como tal, os alunos deveriam julgar os acontecimentos à luz da mentalidade da época e não da atualidade - "entende-se que esse deslocamento seja um exercício complexo, mas ao mesmo tempo, interessante para obrigar o discente a pensar o seu presente em relação ao passado"²⁹.

A experiência desenvolvida por Aline Mendes Lima desenrolou-se tendo na sua base três etapas essenciais. A primeira consistia numa discussão sobre as funções do

²⁸ LIMA, Aline Mendes – Narrando o passado: o jornal nas aulas de História. *Revista do Lhiste- Laboratório de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre. ISSN 2359-5973. Vol. 1. Nº1 (jul/dez. 2014), p.158.

²⁹ LIMA, Aline Mendes – Narrando o passado: o jornal nas aulas de História. *Revista do Lhiste- Laboratório de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre. ISSN 2359-5973. Vol. 1. Nº1 (jul/dez. 2014), p. 159.

jornal e na suposta “neutralidade” da imprensa, promovendo-se sucessivos exercícios reflexivos sobre estes tópicos. Neste sentido, foram apresentadas aos alunos duas capas de revistas que noticiavam a morte do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez. Ambas as publicações noticiavam a sua morte de formas diferentes: “*A morte de um líder*” vs. “*A herança sombria*”. Este exemplo revelou-se capaz de demonstrar aos alunos as diferenças de perspectiva sobre um mesmo tema, evidenciando a falta de neutralidade da imprensa.

Procedeu-se à divisão da turma em grupos, dadas as dimensões da tarefa e a cada grupo foi dado o material para iniciar a construção do jornal (“imagens, reproduções de fontes primárias; registos de falas ou escritos da época”³⁰). Não obstante, os alunos poderiam ainda utilizar outros meios de pesquisa para contemplarem nos seus trabalhos. Cada grupo deveria subdividir-se de forma a possibilitar a redação de três secções que o jornal deveria contemplar: a secção “opinião” – que previa um posicionamento sobre um tema inserido nos conteúdos a serem desenvolvidos; a secção “notícia” que procederia à explicação dos factos sem qualquer posicionamento e, por fim, a secção “livre” – onde os alunos poderiam colocar o que desejassem desde que se encontrasse relacionado com os conteúdos³¹.

A autora refere ainda que procurou, com esta atividade, desenvolver o conhecimento histórico do aluno, que teve na sua base uma avaliação mediadora que prioriza a observação do docente relativamente às aprendizagens dos discentes.

Esta não foi a única experiência que tive oportunidade de conhecer durante esta investigação: Tiago Aboim, em contexto de estágio curricular do Ensino de História e Geografia, desenvolveu a temática “*Contributo da(s) notícia(s) da imprensa escrita para uma consciência crítica e cívica dos alunos*”.

O estudo foi desenvolvido na Escola Secundária Inês de Castro, no concelho de Vila Nova de Gaia, no ano letivo 2013/2014 e envolveu duas turmas: uma de 8.º ano do Ensino Básico no contexto da disciplina de Geografia e outra de 12.º ano do Ensino Secundário, em História A. Contudo, focar-me-ei na atividade que o autor desenvolveu, com o 12.º ano de escolaridade no contexto da disciplina de História A.

³⁰ LIMA, Aline Mendes – Narrando o passado: o jornal nas aulas de História. *Revista do Lhiste- Laboratório de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre. ISSN 2359-5973. Vol. 1. Nº1 (jul/dez. 2014), p. 160.

³¹ Idem

O autor promoveu a transformação da sala de aula numa redação, desafiando os discentes a serem diretores de um jornal por um dia³² - debruçando-se sobre a temática “*A tensão atual nas relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a Rússia*”.

Os critérios definidos previamente eram: a) reflexão crítica (40%); b) redação (20%); c) criatividade (10%); d) apresentação (30%). No seguimento desta atividade, os trinta alunos da turma foram divididos em sete grupos de trabalho compostos por quatro/cinco elementos (à exceção de duas alunas que fizeram o trabalho em par).

Após a realização e apresentação dos respetivos trabalhos, os alunos reconheceram, através de um inquérito posteriormente aplicado, que a realização do mesmo permitiu uma maior consolidação dos conteúdos curriculares. Por outro lado, os alunos referiram que a realização desta atividade em sala de aula permitiu o estabelecimento de relações entre o passado e o presente possibilitando, ao mesmo tempo, uma reflexão crítica relativamente aos conteúdos.

Outra modalidade de aplicação da imprensa escrita consiste na **utilização de jornais atuais** no contexto de ensino-aprendizagem da disciplina de História. Esta atividade revela como principal objetivo a procura pelo estabelecimento de relações entre os conteúdos referentes à disciplina e as notícias que marcam a atualidade, o que permite o estabelecimento de paralelismos históricos³³ - tal como nos refere Mark Twain quando o próprio afirma que “*A História não se repete, mas rima*”.

A aplicação destas estratégias de aprendizagem promove a abertura de espaços de debate em sala de aula, geralmente proveitosos para a dinâmica da aula e para o desenvolvimento da consciência histórica em cada aluno. Por fim, vale a pena frisar a importância desta estratégia, no sentido em que possibilita uma reflexão pelos alunos relativamente às funções que a História assume e aos motivos que justificam a necessidade do seu estudo.

A aplicação de jornais da atualidade com os propósitos acima descritos esteve na base do estudo de Raquel Ferreira: “*Ensino de História com o uso de jornais: construindo olhares investigativos*”. A autora descreve os jornais impressos “como um valioso aliado

³² FERREIRA, Tiago – Contributo da(s) notícia(s) da imprensa escrita para uma consciência crítica e cívica dos alunos. Um estudo da didática da História e Geografia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014 p. 67

³³ Idem

no ensino da disciplina”³⁴ de História. A experiência desenvolvida neste contexto específico, teve lugar no Colégio Estadual Nilo Peçanha, no Estado do Rio de Janeiro em 2009. A autora optou por desenvolver este recurso junto de uma turma do 3.º ano do Ensino Médio (o que no ensino português corresponderia a uma turma de 9.º ano do Ensino Básico), justificando a sua escolha pelo facto de o programa deste ano escolar conter um maior volume de "conteúdo relacionado à História do Tempo Presente”³⁵.

O tema no qual se desenvolveu uma das várias experiências planeadas pela docente foi o *Coronelismo*³⁶ (1930-1960), integrante nos conteúdos referentes à Primeira República Brasileira (1889-1930). Visava-se, primordialmente, o estabelecimento de contrastes entre os conteúdos a serem lecionados e uma notícia escolhida pela docente que marcava a atualidade.

A experiência desenvolvida e que utilizei para ilustrar esta modalidade de trabalho, foi detalhadamente planeada e teve em linha de conta a reduzida carga horária da disciplina. A utilização do manual escolar não foi excluída da atividade, dado o reconhecimento conferido pela autora no que concerne à sua utilização "como base de consulta e de pesquisa para os alunos, sendo exigido em todas as aulas por conta dos textos, imagens e exercícios nele contidos”³⁷.

Tendo em conta o plano explicitado pela docente, foram estabelecidas três etapas essenciais no contexto de realização desta atividade. A primeira etapa foi “batizada” como: “*Contextualização*” e procurou aferir junto dos alunos as características principais da fonte a ser utilizada – o jornal, mais concretamente o diário “*O Dia*”.

A etapa seguinte – “*Contraste*” – debruçou-se sobre o conteúdo noticioso publicado no diário “*O Dia*”, do dia 9 de junho de 2009 e que abordava “a atuação de milícias em Jacarepaguá – Zona Norte do Rio de Janeiro”³⁸. A docente visou estabelecer

³⁴ FERREIRA, Raquel França dos Santos – Ensino de História com o uso de jornais: Construindo olhares investigativos. *Travessias*. Brasil: Paraná. ISSN – 1982-5935. Vol. 1. N.º 5 (2011) p. 531

³⁵ FERREIRA, Raquel França dos Santos – Ensino de História com o uso de jornais: Construindo olhares investigativos. *Travessias*. Brasil: Paraná. ISSN – 1982-5935. Vol. 1. N.º 5 (2011) p. 533

³⁶ *Coronelismo*: ‘Sistema político-social, próprio do meio rural e que desenvolveu durante a Primeira República (1889-1930) no Brasil, em que os proprietários rurais dominavam os meios de produção e o poder económico, social e político local. - Porto Editora – coronelismo no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consultado. 2021-09-03]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/coronelismo>

³⁷ FERREIRA, Raquel França dos Santos – Ensino de História com o uso de jornais: Construindo olhares investigativos. *Travessias*. Brasil: Paraná. ISSN – 1982-5935. Vol. 1. N.º 5 (2011,) p. 536.

³⁸ FERREIRA, Raquel França dos Santos – Ensino de História com o uso de jornais: Construindo olhares investigativos. *Travessias*. Brasil: Paraná. ISSN – 1982-5935. Vol. 1. N.º 5 (2011), p. 539.

um termo comparativo entre o tema anterior, com as estruturas de poder do Brasil durante o período da Primeira República (1889-1930), bem como as suas características políticas e sociais.

A terceira e última etapa – “*Retorno*” – previa a abertura de um espaço de discussão em sala de aula relativamente às conclusões a que os alunos chegaram. Segundo Raquel Ferreira, a utilização do jornal impresso nos moldes descritos evidenciou uma maior afinidade dos alunos em relação ao tema e um incremento notório relativamente à sua postura crítica e reflexiva.

Por fim, destaca-se o **trabalho de jornais autênticos da época em estudo** junto dos alunos. Esta tarefa permite o estabelecimento de conexões proveitosas para a aula relativamente aos conteúdos a serem lecionados permitindo, por outro lado, uma consolidação dos mesmos. Não obstante, a aplicação deste recurso revela-se altamente capaz de motivar os alunos para a disciplina, pelo seu carácter extraordinário.

António Antunes no artigo “*O jornal em sala de aula: experiência docente com os alunos do ensino médio*”, relata a experiência que ele próprio desenvolveu neste contexto na disciplina de História, promovendo o trabalho de jornais inseridos na época em estudo. O tema escolhido foi o Impeachment³⁹ do ex-presidente do Brasil – Fernando Collor de Mello, em 1992.

O desenvolvimento desta tarefa por António Antunes procurava, segundo o próprio, motivar os alunos para os conteúdos curriculares dotando-os, ao mesmo tempo, de competências essenciais à disciplina.

Ao longo do artigo, o autor expõe o planeamento da tarefa e o desenrolar da mesma. Deste modo, começou por se delinear um quadro metodológico, o que permitiu a adaptação da atividade às particularidades da turma. O autor considerou determinante promover uma “oficina de ideias” pautada pela discussão de vários conceitos ligados ao tema, que se iria desenvolver com o recurso a jornais da época em estudo (como por

³⁹ *Impeachment*: ¹. DIREITO, POLÍTICA - em determinados regimes políticos, processo legal instaurado pelo poder legislativo para forçar a destituição do ocupante de um cargo público de superior responsabilidade (presidência da República, alta magistratura, etc.), com base em acusações de delito grave ou má conduta no exercício de funções. ²DIREITO, POLÍTICA - destituição resultante desse processo legal. – Porto Editora – Impeachment no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-09-03]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/impeachment>

exemplo: “política”). Segue-se a leção de uma aula expositiva sobre o tema, centrada na transmissão de conhecimentos sobre o conteúdo curricular em estudo.

Posteriormente, os alunos foram separados em cinco grupos com quatro elementos e um de três elementos – a cada grupo foram entregues dois jornais referentes a vários tópicos e questões que marcaram a vida de Fernando Collor de Melo no poder, prevendo-se um debate entre os seus elementos relativamente às notícias que lhes tinham sido entregues. A fase final é marcada por um questionário dirigido aos alunos que visava aferir as suas opiniões relativamente à experiência com jornais em sala de aula.

António Antunes destaca ainda algumas das dificuldades que detetou aquando da realização da experiência com jornais em sala de aula nomeadamente o desconhecimento dos alunos relativamente a algumas palavras contidas no documento entregue, o que foi colmatado com um “despiste” de vocabulário e o próprio formato organizativo do jornal que também gerara dúvidas entre os discentes.

Contudo, no geral, o autor destaca o facto de os alunos terem caracterizado a atividade como “fora da rotina” e a facilidade como muitos demonstraram em assimilar mais rapidamente os conteúdos da aula⁴⁰.

Qualquer uma das sugestões acima exploradas pressupõem o conhecimento prévio dos discentes no que refere aos propósitos da imprensa, à linguagem jornalística subjacente à mesma e aos detalhes relativos à sua composição física. Tendo em conta todos os aspetos supramencionados, a legitimidade do jornal, enquanto recurso em sala de aula, parece-nos confirmada. A aplicação do mesmo nas aulas de História acarreta diversas potencialidades e benefícios sendo capaz de desenvolver inúmeras competências – as quais tivemos oportunidade de conhecer ao longo da leitura deste capítulo.

Todavia, o trabalho de jornais em sala de aula no contexto disciplinar de História deve ser previamente planeado, tendo em linha de conta o contexto específico de cada instituição escolar nomeadamente a carga horária dos alunos e a questão da semestralidade entre a disciplina de História e Geografia.

Tendo em conta todas as potencialidades enunciadas relativamente a este recurso pedagógico-didático, poderemos afirmar que o mesmo se encontra na base de uma

⁴⁰ ANTUNES, António Gleiverson Gliese Costa – O jornal em sala de aula: experiência docente com alunos do ensino médio. Rio Grande do Norte: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2010 p.12

possível incorporação por parte dos discentes, fora do contexto escolar, na sua vida pessoal? Ou a leitura do jornal permanece praticamente inexistente na vida destes jovens?

ESTUDO DE CASO



2. Capítulo II – Estudo de Caso

2.1.Contextualização do estudo

O segundo capítulo do presente relatório de estágio, debruça-se sobre as várias atividades pedagógico-didáticas que constituíram o meu estudo de caso desenvolvido ao longo do Estágio Curricular, inserido na unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional, conducente ao 2.º ano do Mestrado em Ensino de História do 3.º ciclo e Ensino Secundário.

O Estágio Curricular no qual o nosso estudo nasce e se desenvolve foi realizado na Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, no concelho de Vila Nova de Gaia durante o ano letivo 2020/2021. Neste capítulo, procuro inicialmente realizar uma breve caracterização da instituição escolar onde o estudo decorreu, debruçando-me em aspetos como a sua História, contexto fundacional, oferta curricular e alguns projetos nos quais a escola se encontra envolvida. De seguida, faço uma caracterização sumária das turmas envolvidas no presente estudo. Explicito ainda a metodologia que desenvolvi no âmbito do meu objeto de estudo e que passou pela demonstração da utilidade dos jornais didáticos em contexto de sala de aula. Tento naturalmente que fique clara a validade desse recurso como estratégia de aprendizagem em termos de motivação, fonte de informação, meio de consolidação das aprendizagens e ainda como avaliação formativa de todo o processo.

Posteriormente é analisado o Inquérito de Diagnóstico aplicado às turmas envolvidas no estudo, que nos permitiu retirar algumas ilações iniciais relativamente à relação que os alunos mantinham com a imprensa, em ambiente doméstico e familiar, e, sobretudo, em ambiente escolar. Esta informação revelou-se importante para conhecermos o grau de familiaridade com este tipo de fonte.

Este capítulo conta ainda com uma descrição das experiências de aplicação de um jornal didático realizadas e dos momentos-oficina – *“A sala de aula como uma redação”* - onde uma das turmas selecionadas para este estudo procedeu, por duas vezes, à redação autónoma e individual de dois jornais. Concluo este capítulo com uma análise de resultados e apresentação da opinião dos alunos em relação a esta estratégia de aprendizagem, num remate de metacognição essencial num processo didático, eventualmente inovador para estes alunos - mas sobretudo como um pretexto para

partilharem a sua opinião sobre o processo, os resultados e as expectativas (positivas e “menos positivas”), que estas experiências lhes proporcionaram.

2.1.1. “O bom filho a casa torna” – Contextualização Escolar

“*Este sítio não me é estranho*”, pensei eu. Pelo menos tudo parecia continuar igual, como se em cinco anos nada se tivesse alterado. Tudo continuava tal como eu me recordava: os professores e as funcionárias eram os mesmos e as salas e o recreio permaneciam iguais.

No dia 18 de setembro de 2020 regressava à Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, localizada na União de Freguesias de Gulpilhares e Valadares, no concelho de Vila Nova de Gaia. É aqui que a nossa história continua. Sim, escrevi mesmo “continua”, uma vez que esta escola se encontra presente na minha vida desde o ano letivo 2009/2010, quando nela ingressei com o objetivo de concluir o Ensino Básico e, mais tarde, o Ensino Secundário. No ano letivo 2015/2016 esse grande objetivo foi concluído: terminei o 12.º ano de escolaridade nesta instituição no curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades.

Contudo, um objetivo maior, um sonho que nasceu nesta escola começou a desenvolver-se: ser professora de História. Em setembro de 2020 este desejo ganhou uma dimensão real e, após cinco anos, em voltei à escola que me fez tão feliz. Regressei, não como aluna, mas como professora estagiária.

E que bom foi o regresso...

Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves

O nome desta instituição escolar encontra-se associado ao médico Joaquim Gomes Ferreira Alves, nascido no Porto em 1883. Formado pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, concluiu os seus estudos em 1911 com a dissertação “*A Heliotherapia no tratamento da tuberculose cirúrgica*”. Este trabalho foi marcado, essencialmente, pela defesa dos benefícios da luz solar no tratamento da tuberculose óssea, doença endémica que, então, muito afetava a população europeia e portuguesa em particular

Em 1916 Joaquim Gomes Ferreira Alves inicia a sua carreira na Colónia Sanatorial Marítima, na Foz do Douro, instituição especializada no tratamento do raquitismo infantil. Neste espaço, o jovem médico aplica o que defendera na sua tese cinco anos antes e os desenvolvimentos que ocorrem neste contexto, fazem-no acreditar que o país carecia e necessitava de sanatórios marítimos, no sentido de ser combatida a tuberculose óssea e o raquitismo infantil.

É na sequência desse seu estudo e sonho, que lança o projeto de construção do Sanatório Marítimo do Norte, junto à praia de Valadares, na freguesia do mesmo nome, no concelho de Vila Nova de Gaia. Foi com esse pioneirismo visionário, aliado a uma ação médica permanentemente solidária com os mais carenciados, que tornou a figura de Joaquim Gomes Ferreira Alves muito querida entre a população da época e que lhe granjeou um merecido lugar de destaque na memória dos gaienses e, obviamente, nos anais da medicina nacional.

Joaquim Gomes Ferreira Alves morre de forma trágica, a 10 de novembro de 1944, após a colisão do veículo onde seguia com um comboio de mercadorias em Francelos.

Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves

A Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves foi fundada na década de setenta do século XX, através da Portaria n.º 599/78 de 29 de setembro de 1978.

“A expansão do sistema educativo determina a necessidade de um progressivo alargamento das estruturas físicas de acolhimento dos contingentes escolares, nos diferentes níveis de ensino, não obstante os esforços de racionalização que se têm vindo a fazer na política de utilização dos espaços escolares. O referido alargamento orienta-se por critérios que, por um lado, privilegiam a escolaridade obrigatória e, por outro, tendem a minimizar as assimetrias regionais ainda existentes.

Nestes termos:

(...)

2- São criadas e entram em funcionamento no ano escolar 1978-1979 as seguintes escolas preparatórias: (...) No distrito do Porto: (...) Escola Secundária de Valadares”⁴¹.

No ano de 1992, a então Escola Secundária de Valadares passa a designar-se Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, assumindo naturalmente como patrono o distinto e benemérito médico que tanto fizera pela população gaiense e valadarense em particular.

Numa entrevista realizada ao diretor da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, professor Álvaro Santos, em novembro de 2019, no contexto da unidade curricular “Políticas, Educação e Currículo”, foi possível aferir alguns dados importantes relativos à instituição escolar na qual o nosso estudo se desenrola. As informações retiradas da entrevista supramencionada contribuíram decisivamente para a construção de um esboço claro e detalhado da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves.

Atualmente, a Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, que possui contrato de autonomia, serve várias freguesias integrantes no concelho de Vila Nova de Gaia afirmando-se, por esse motivo, como a instituição escolar com mais alunos em todo o concelho. Localizada numa zona suburbana, encontra-se equipada com várias infraestruturas de relevo que contribuem para uma procura crescente.

Desta forma, e tendo em linha de conta a entrevista mencionada anteriormente, o clima desta instituição escolar é descrito pelo diretor Álvaro Santos, como “tranquilo e agradável”, fator que também poderá justificar a sua crescente procura.

Figura 1-Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves.



⁴¹ Diário da República n.º 225/1978, Série I de 1978-09-29 - <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/80671/details/normal?filterEnd=1978-12-31&filterStart=1978-01-01&q=1978&perPage=200&fqs=1978> [consultado em junho de 2021]

Em 2009 e devido à crescente degradação dos seus espaços, a Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves sofreu uma intervenção de requalificação promovida pela Parque Escolar – que, por essa altura, renovava muitos outros estabelecimentos de ensino no país. Esta intervenção tinha como objetivo primordial construir o espaço físico necessário à promoção de melhores condições de trabalho e de estudo que permitissem o desenvolvimento da qualidade de ensino que já era apanágio da instituição.

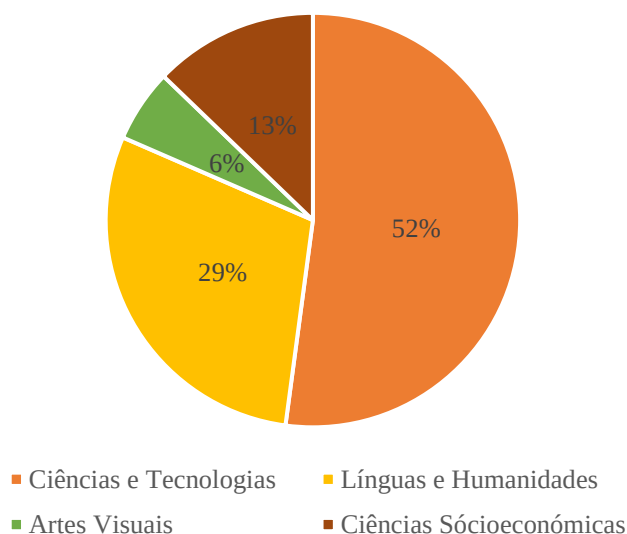
No que concerne à oferta curricular da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, é possível mencionar o 3.º ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário.

O projeto CLIL (Content and Language Integrated Learning), em vigora na escola desde o ano letivo 2014/2015 baseia-se numa metodologia de ensino em que uma língua estrangeira é desenvolvida em aula através da lecionação do conteúdo científico de uma dada área curricular. Neste momento, nas turmas que fazem parte do projeto, 30% das aulas das disciplinas de História, Geografia, Educação Visual, Ciências Naturais, Física e Química e TIC, são lecionadas em língua inglesa. O projeto CLIL tem como principal objetivo o desenvolvimento de uma consciência cultural e de competências linguísticas que permitam aos alunos responder mais facilmente aos desafios do mundo atual.

O Ensino Secundário divide-se entre os cursos Científico-Humanísticos (Ciências e Tecnologias, Artes Visuais, Línguas e Humanidades e Ciências Socioeconómicas) e o Ensino Profissional (Técnico de Turismo e Técnico de Multimédia).

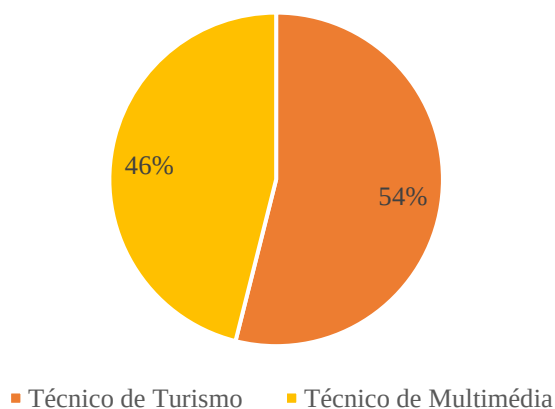
No conjunto dos quatro cursos Científico-Humanísticos incluídos na oferta curricular da escola estão inscritos 969 alunos: 505 no curso de Ciências e Tecnologias (52,1%), 285 no curso de Línguas e Humanidades (29,4%), 55 no curso de Artes Visuais (%) e 124 alunos no curso de Ciências Socioeconómicas (12,8%) (Gráfico 1). Os dados demonstrados encontram-se disponíveis na plataforma Infoescolas e constituem os dados mais recentes relativamente a estas informações, dizendo respeito ao ano letivo 2018/2019.

Gráfico 1 - Distribuição dos alunos da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves nos cursos Científico-humanísticos no ano letivo 2018/2019. Fonte: Infoescolas.



Na sua oferta curricular e no contexto específico do Ensino Secundário, a Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves disponibiliza dois cursos profissionais: Técnico de Multimédia e Técnico de Turismo. No total, e segundo os dados presentes na plataforma Infoescolas estão inscritos no conjunto dos dois cursos 102 alunos. Deste número: 47 alunos encontram-se inscritos no curso profissional de Técnico de Multimédia (46%) e 55 no curso de Técnico de Turismo (54%) (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Distribuição dos alunos da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves nos cursos profissionais do ensino secundário no ano letivo 2018/2019. Fonte: Infoescolas.



Os dados que suportam estas ilações, à semelhança dos anteriores, foram retirados da plataforma InfoEscolas e referem-se ao ano letivo 2018/2019, os dados mais recentes disponibilizados pela fonte.

Um dado importante no contexto de caracterização desta escola é o facto da mesma se constituir como uma instituição escolar não agrupada, com um estatuto de autonomia. O regime de autonomia dos estabelecimentos públicos de educação foi estabelecido através do decreto-lei n.º 75/2008. Com a posterior “construção” dos agrupamentos escolares, e na sequência de um projeto maduramente pensado e defendido pela Direção da Escola e pela própria comunidade escolar, no ano letivo 2013/2014 entrou definitivamente em vigor o regime de autonomia da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves.

No passado ano letivo (2019/2020) a Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves contava com um total de 1748 alunos e era composta por 62 turmas.

2.1.2. *“Uma andorinha sozinha não conta a História”* - Caracterização das turmas.



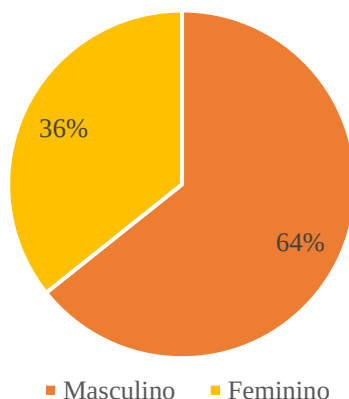
No início do ano letivo 2020/2021, foram atribuídas, ao Núcleo de Estágio da disciplina de História da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, cinco turmas: duas de 8.º e 9.º ano do Ensino Básico e uma de 11.º ano do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades do Ensino Secundário.

Devido ao estatuto de autonomia que a Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves usufrui desde o ano letivo 2013/2014, foi tomada a opção da semestralidade entre as disciplinas de História e Geografia, pelo que as aulas lecionadas às quatro turmas de ensino básico se desenrolaram entre os meses de setembro e fevereiro (1.º semestre) e fevereiro e junho (2.º semestre).

A escolha das turmas para a aplicação deste estudo recaiu numa turma de 8.º e 9.º ano do Ensino Básico (1.º semestre) e numa turma de 11.º ano de escolaridade do Ensino Secundário pertencente ao curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades. Esta seleção, aparentemente abrangente, sofrerá mais adiante algumas alterações e rumos distanciados que serão aprofundados de forma detalhada no capítulo referente à Metodologia. Importa ainda referir que a designação pelas quais as turmas serão mencionadas ao longo de todo o relatório foi escolhida de forma aleatória para efeitos de confidencialidade.

Começamos pela caracterização da turma de 8.º ano selecionada para este estudo: o 8.º X. Esta turma era composta por um total de 28 alunos: 18 do sexo masculino (64%) e 10 do sexo feminino (36%) tal como se pode constatar através da análise do Gráfico 3. A média de idades dos alunos integrantes nesta turma era de 12,6 anos, ou seja, 13 anos.

Gráfico 3 - Distribuição por género da turma 8.º X



O 8.º X revelou-se uma turma assídua, embora com alguns problemas de pontualidade. Era uma turma dinâmica, curiosa e motivada relativamente à disciplina de História, mostrando-se empenhada, interessada e ativa no processo de aprendizagem.

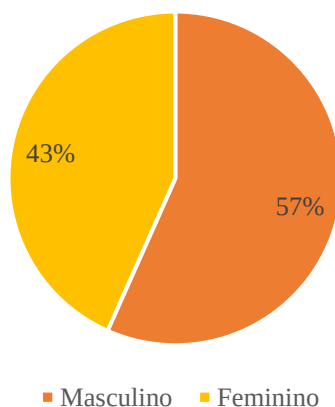
A turma revelou-se muito participativa ao longo do 1.º semestre, embora esta participação, muitas vezes, tenha sido pautada por alguma desorganização e debates paralelos entre os alunos. Por vezes, em momentos menos habituais como as regências iniciais dos professores estagiários, o 8.º X revelava-se uma turma barulhenta e irrequieta, sendo necessário por parte do/a docente adotar uma postura mais séria no sentido destes comportamentos não se repetirem e a normalidade da aula ser, novamente, recuperada.

A relação dos alunos do 8.º X com os professores estagiários era, no entanto, muito positiva. Creio que os motivos subjacentes a esta postura se justifica pelo facto de não ser a primeira vez que estes alunos trabalham com professores estagiários, situação com a qual já lidavam, pelo menos, desde o 7.º ano de escolaridade.

De forma geral, os resultados obtidos por esta turma à disciplina de História eram bons. Contudo, três alunos evidenciavam grandes dificuldades à disciplina, que os acompanhavam desde o ano letivo anterior.

A segunda turma que se encontrou envolvida neste estudo era o 9.º Z. Esta turma era composta por um total de 30 elementos: 13 do sexo feminino (43%) e 17 do sexo masculino (57%) - (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Distribuição por género da turma 9.º Z



A média de idades dos alunos integrantes nesta turma era de 14,3 anos, ou seja, 14 anos. O 9.º Z revelou-se uma turma assídua e pontual e, no geral, obtinha muito bons resultados.

A maior parte dos alunos desta turma demonstravam um grande interesse relativamente à disciplina de História e um empenho amplamente evidenciado nas tarefas da aula. Eram discentes curiosos, interessados e, no geral, possuíam uma cultura geral inesperada para a sua faixa etária, o que se traduzia em momentos particularmente proveitosos para a aula, criando dinâmicas e debates interessantes em sala de aula.

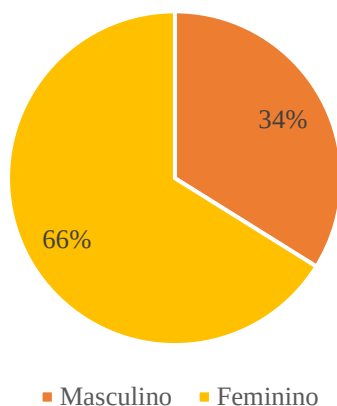
Um dos grandes “problemas” desta turma relacionava-se com a participação espontânea e voluntária em sala de aula. A mesma era reduzida a três/ quatro alunos que sempre se manifestavam voluntariamente para participar. Após assistir a várias aulas desta turma e de lecionar algumas, percebi que esta ausência de participação espontânea pela maior parte dos alunos do 9.º Z se relacionava com um receio de errar.

Apesar dos resultados serem muito bons nesta turma, três alunos manifestavam dificuldades à disciplina de História (que os acompanhavam desde o 7.º ano de escolaridade). O ambiente nesta turma era tranquilo e marcado por um grande companheirismo entre os discentes.

A terceira e última turma que integrou e contribuiu para este estudo foi uma turma de 11.º ano de escolaridade do Ensino Secundário, pertencente ao curso Científico-

Humanístico de Línguas e Humanidades. O 11.º Y integrava um total de 24 alunos: 16 do sexo feminino (66%) e 8 do sexo masculino (34%), tal como é possível constatar através da análise da Gráfico 5.

Gráfico 5- Distribuição por género da turma 11.º Y



O 11.º Y, enquanto turma, possuía características muito peculiares que vale a pena mencionar. Apesar de se ter revelado uma turma geralmente interessada relativamente aos conteúdos curriculares de História A, a participação e empenho nas tarefas de aula não era, no entanto, extensível a todos os alunos, existindo mesmo alguns casos-problema (nomeadamente ao nível do absentismo e falta de participação).

Esta turma não era assídua nem pontual, mas o comportamento geral, salvo raras exceções, era exemplar. Os resultados sumativos desta turma eram medianos – e seis alunos demonstravam mesmo grandes dificuldades (que já os acompanhavam desde o ano letivo anterior).

A grande maioria dos alunos não participava de forma espontânea e voluntária nas aulas. Não poucas vezes, alguns recusaram responder a uma questão quando solicitados, assumindo que não sabiam a resposta ou que aquilo que consideravam que fosse a resposta, estava errado.

Ao longo deste ano letivo, o 11.º Y demonstrou dificuldades relacionadas com a interpretação de documentos, o estabelecimento de relações entre os conteúdos lecionados e de expressão escrita. Assim sendo, foi várias vezes necessário reduzir o nível

de dificuldade e profundidade das questões em aula, tornando-as mais simples para que os alunos alcançassem o que era pretendido. Por fim, importa mencionar que o 11.º Y revelou várias dificuldades a disciplinas como o Português e Filosofia que se refletiram direta ou indiretamente na disciplina de História.

2.2. “Roma e Pavia não se fizeram num dia.” - Metodologia

Desde que ingressei no Mestrado em Ensino de História do 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário que fomos informados da realização de um Relatório de Estágio, integrado na componente de Iniciação à Prática Profissional (IPP). Desde logo comecei a pensar em diversos temas que pudesse desenvolver nesse sentido. Contudo, chegada a hora de escolher um tema definitivo e após várias horas de pesquisa intensiva, a minha cabeça tinha várias ideias, mas nada de muito concreto.

No meio de tantas dúvidas e mil e uma opções possíveis sabia apenas que queria estudar um tema que tivesse como palavra-chave a criatividade e que, por isso, se distanciasse dos temas amplamente estudados e conhecidos pela comunidade académica.

Chegada a hora da escolha, recuei ao 2.º semestre do 1.º ano de Mestrado em Ensino de História de 3.º ciclo e Ensino Secundário. Um semestre diferente, pautado por um confinamento relativamente extenso em virtude da pandemia Covid-19. Devido às circunstâncias este semestre acabou por se revelar muito diferente daquilo que estava desenhado inicialmente. Contudo, refiro-me mais concretamente à unidade curricular de Aplicações Didáticas em História, em que tínhamos que preparar e “lecionar” duas regências: uma de Ensino básico e uma outra de Ensino Secundário. Relativamente à regência de Ensino Secundário, a escolha da temática a desenvolver foi rápida e imediata: optei por lecionar a Revolução Russa, conteúdo que se insere no programa curricular de 12.º ano de História A. Em relação ao Ensino Básico, optei por lecionar a Mitologia Grega e os Jogos Olímpicos, conteúdos inseridos no programa curricular do 7.º ano de escolaridade. Esta escolha surgiu pelo facto de sentir, na altura, que o 7.º ano contemplava os conteúdos com os quais menos me sentia à vontade. Foi, por isso, o ímpeto de desafio e superação das minhas dificuldades que orientou esta escolha.

A questão que imediatamente surgiu na minha cabeça foi: “Como é que eu vou fazer uma aula interessante sobre estes temas?”. No caso da Mitologia Grega, essa dúvida foi ultrapassada de forma célere: optei pela construção de um vídeo seguido de um quizz que visava a consolidação dos conteúdos relativos à temática. Todavia, as dúvidas persistiam no contexto específico dos Jogos Olímpicos Gregos.

Foi então que, no meio daquilo que considerei como uma “epifania”, pensei no quão interessante seria fornecer aos alunos um jornal de cariz didático, construído de raiz

por mim que noticiasse a 1.^a edição dos Jogos Olímpicos – no qual estariam congregados todos os conteúdos necessários à aprendizagem deste tema.

Então, coloquei mãos à obra! Numa hora e numa folha de papel arrancada de um caderno, desenhei o esboço do jornal sobre os Jogos Olímpicos tal como eu o tinha imaginado minutos antes na minha mente: com espaços destinados a imagens ilustrativas do tema, testemunhos, documentos escritos que seriam explorados em aula e, claro, as curiosidades que os alunos tanto gostam. Tudo tinha de ser o mais verosímil possível e transportar os alunos no Tempo, de forma que eles próprios se sentissem no ano 776 a.C. e estivessem a assistir à 1.^a edição dos Jogos Olímpicos.

Converter o esboço deste jornal num formato digital foi talvez a etapa mais demorada do processo de construção deste recurso. O único programa que eu conhecia era o *Publisher*, desenvolvido pela Microsoft e, após algumas tentativas, o resultado continuava a não ser aquilo que eu desejava. Após uma pesquisa intensiva de plataformas digitais que pudesse utilizar neste sentido, encontrei uma designada “*Flipsnack*” que utilizei para a construção deste recurso em específico bem como todos os jornais didáticos que criei ao longo do ano letivo 2020/2021. Na Figura 2 é possível visualizar a capa do jornal construído no contexto dos Jogos Olímpicos Gregos. O mesmo pode ser consultado na íntegra na secção “Anexos” - Anexo 1.

Figura 2- Capa do jornal “*Κεραυνός*”



Pensei nesta estratégia inicialmente como um recurso que não é muito utilizado em sala de aula – e podendo por essa razão, ser conotado com algo de reduzida credibilidade. Contudo, acreditei no potencial da mesma por se distanciar do ensino tradicional, não sobrecarregando os alunos com textos monótonos, desviando os seus olhares do PowerPoint ou dos manuais e transportando-os para a época em estudo.

O jornal didático afigura-se, na minha opinião e dentro daquilo que experienciei com as três turmas envolvidas neste estudo, como um material de qualidade que pode ser utilizado pelos alunos posteriormente no seu estudo individual.

Em setembro de 2020, no prelúdio do estágio curricular, tinha já planeadas várias regências, nomeadamente para o Ensino Básico, nas quais iria aplicar um jornal didático. Desta forma, a escolha para a temática a desenvolver neste relatório de estágio foi intuitiva e partiu de um interesse assumidamente pessoal.

Considero este recurso versátil o suficiente para servir vários momentos da aula ou propósitos disciplinares – quer no âmbito motivacional, para interpretar documentos, para responder a um indicador de aprendizagem, para a consolidação das aprendizagens ou até como uma forma de avaliação formativa.

Não obstante, a perspetiva dos alunos que integraram este estudo, revelou-se fundamental e, por isso, foi aplicado um Inquérito de Diagnóstico transversal às três turmas envolvidas nesta investigação. O objetivo primordial deste inquérito era aferir os hábitos de leitura de imprensa por parte dos discentes em ambiente doméstico e familiar e, se a imprensa era ou não um recurso frequentemente aplicado nas suas aulas e em que disciplinas.

A metodologia subjacente a este relatório de estágio não foi igual nas três turmas envolvidas no estudo: o 8.º X, o 9.º Z e o 11.º Y. Se em ambas as turmas do Ensino Básico apenas se verificou a aplicação de jornais didáticos em sala de aula, seguida da sua análise, no caso do 11.º Y, para além da aplicação de um jornal didático, esta turma contou ainda com dois momentos-oficina. Estes momentos-oficina foram implementados apenas no 11.º ano de escolaridade devido aos condicionalismos relacionados com a gestão do tempo letivo, sendo os alunos desafiados a construir eles próprios um jornal didático, em dois momentos do ano letivo.

O 8.º e o 9.º anos, ambos em regime de semestralidade (setembro-fevereiro), contavam com aulas de História duas vezes por semana distribuídas em dois blocos de 90 minutos. Este fator, por si só, não explica os condicionalismos de tempo letivos sofridos, uma vez que ambas as turmas estiveram em confinamento no ano letivo (2019/2020), e as primeiras cinco semanas do ano letivo seguinte destinaram-se à recuperação de conhecimentos que haviam ficado pendentes. Assim, a realização dos momentos-oficina no Ensino Básico não pôde ser concretizada, totalizando-se três experiências de aplicação de um jornal didático (uma no 8.º X e duas no 9.ºZ). Já o 11.º Y contou apenas com a aplicação de um jornal didático no 1.º período e a construção de dois jornais em contexto de avaliação formativa.

À construção de dois jornais pela turma 11.º Y encontravam-se subjacentes o domínio da língua portuguesa e da linguagem jornalística (conteúdo integrante do programa curricular de Português de 10.º ano), o que supunha o domínio dos conhecimentos de História sobre os quais o jornal se foca e o desenvolvimento de componentes ligadas à criatividade, espírito crítico e empatia histórica.

Após as experiências no Ensino Básico foi realizado um inquérito final destinado a estas turmas, procurando apurar a utilidade que os alunos reconheceram neste recurso e as suas opiniões em relação ao mesmo. Um processo que assumiu as características de uma metacognição, simultaneamente como feedback e ilações prospetivas. No caso do 11.º ano, em relação aos momentos-oficina, as conclusões foram retiradas tendo como base momentos das aulas que se destinaram às explicações das tarefas relacionadas com a construção de jornais, bem como as aulas de entrega dos trabalhos.

Ao longo da aplicação desta estratégia de aprendizagem, algumas questões foram gradualmente ganhando forma, as quais procurarei responder com a realização destas experiências pedagógico-didáticas: a) os jornais didáticos motivam, ou não, os alunos para as temáticas a desenvolver em aula?; b) Os jornais didáticos facilitam o processo de aprendizagem e posterior consolidação de conhecimentos?; c) a relação que cada aluno estabelece com a imprensa em ambiente familiar relaciona-se, de alguma forma, com o sucesso (ou não) desta estratégia em sala de aula?; d) esta estratégia desenvolve, ou não, competências relacionadas com a criatividade, espírito crítico e empatia histórica?

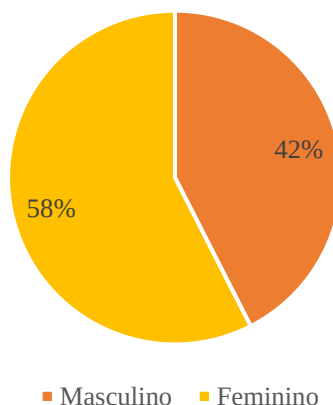
2.3. “*Contra factos, não há argumentos!*” – Análise do Inquérito Diagnóstico

Em outubro de 2020 foi aplicado às três turmas envolvidas no presente estudo (8.º X, 9.º Z e 11.º Y), um Inquérito de Diagnóstico. Este Inquérito foi transversal às três turmas e as respostas foram conferidas de forma anónima. O objetivo de aplicação deste inquérito relaciona-se com a necessidade de apurar os hábitos de leitura da imprensa dos estudantes envolvidos e a utilização que dela faziam quer em ambiente escolar, quer em ambiente familiar e doméstico.

O questionário aplicado foi elaborado através da plataforma Google Forms sendo constituído por um total de nove questões. As três primeiras questões eram de cariz identificativo, procurando apurar o ano de escolaridade, género e idade dos alunos que responderam ao presente inquérito. As seis restantes questões procuravam: a) aferir o entendimento/ à-vontade dos alunos relativamente ao termo “*imprensa*”; b) apurar os seus hábitos de leitura neste contexto; c) identificar a(s) disciplina(s) nas quais já tinham, previamente, utilizado a imprensa e todos os recursos que lhes estão associados como uma estratégia de aprendizagem; d) Aferir o envolvimento dos alunos em atividades escolares ou extracurriculares que envolvessem a redação de um jornal ou semelhante (por exemplo, um Jornal Escolar). O Inquérito de Diagnóstico aplicado pode ser consultado na íntegra na secção “Anexos” - Anexo 2.

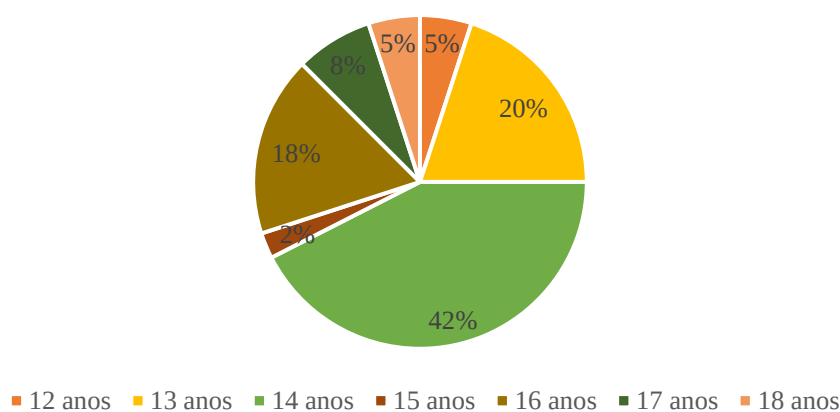
Apesar do universo do nosso estudo ser constituído por um universo de 83 alunos, apenas 40 submeteram as suas respostas. Das mesmas, 23 são do sexo feminino (57,5%) e 17 do sexo masculino (42,5%) (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Distribuição por género dos alunos que responderam ao Inquérito de Diagnóstico.



Dado que a realização do Inquérito de Diagnóstico foi transversal às três turmas envolvidas neste estudo, não seria de admirar que as idades dos alunos que responderam se demonstrassem extremamente diversificadas. Os quarenta alunos que responderam ao presente inquérito têm idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos: dois alunos com 12 anos (5%), oito alunos com 13 anos (20%), dezassete alunos com 14 anos (42%), um aluno com 15 anos (2%), sete alunos com 16 anos (18%), três alunos com 17 anos (8%) e, por fim, dois alunos com 18 anos (5%). Assim, a média de idades dos alunos que responderam a este inquérito é de 14,5, ou seja, 15 anos. Estes resultados podem ser corroborados pela análise do Gráfico 7.

Gráfico 7- Faixa etária da amostra do Inquérito de Diagnóstico

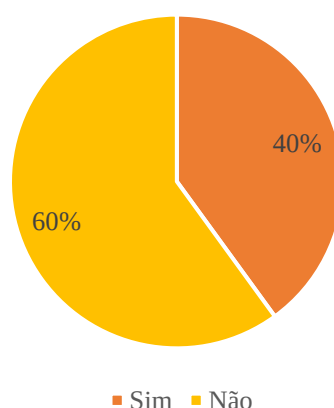


A primeira questão -”: “*Qual a definição que atribuis ao termo “imprensa?”*” - pretendia que os estudantes inquiridos definissem por palavras suas o seu entendimento relativamente ao termo “*imprensa*” no sentido de ser apurado o seu à-vontade com o tema. Apesar da maioria dos inquiridos definirem este conceito em linhas muito gerais, depreendi que o entendimento que fazem do mesmo não é muito amplo e as respostas foram dadas de forma mecanizada e sem grande aprofundamento. Na verdade, a maior parte dos estudantes inquiridos define “*imprensa*” como: “*um meio de comunicação que tem como funções informar as pessoas*”, como um “*modo de espalhar notícias e informação*”, ou simplesmente “*jornais*”.

Relativamente à questão: “*Revelas hábitos de leitura de imprensa?*”, uma das perguntas fulcrais deste Inquérito, os resultados não se revelaram, de todo, animadores. Num universo de 40 alunos inquiridos, 24 (60%) assumiram não possuírem hábitos de leitura (Gráfico 8).

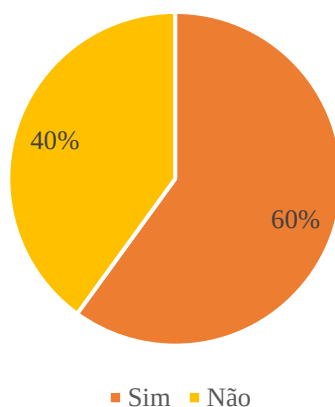
Estes resultados revelaram-se alarmantes e mereceram, desde logo, a minha preocupação. Não possuindo quaisquer hábitos de leitura no contexto mais básico, o da família - os estudantes envolvidos neste estudo poderiam não encontrar quaisquer benefícios para as suas aprendizagens no recurso que este trabalho apresenta e que tem a si associado competências relacionadas com a leitura e interpretação de textos que obedecem ao formato da imprensa. Contudo, 16 dos alunos inquiridos (40%) afirmaram possuir hábitos de leitura relativos à imprensa e destacam, de forma geral, a leitura de jornais em formato digital (o que também pode não facilitar a perceção da apresentação gráfica formal de um jornal).

Gráfico 8 – Os hábitos de leitura de imprensa segundo os dados do Inquérito de Diagnóstico



Curiosamente, e tendo em conta os dados obtidos na questão anterior, relativamente à questão: “*Já utilizaste a imprensa como estratégia de aprendizagem?*”, os resultados mostraram-se, na minha opinião, surpreendentes. Em 40 alunos, 24 (60%) revelaram já terem utilizado, em sala de aula, estratégias de aprendizagem relacionadas com a imprensa e 16 (40%) assumiram que nunca utilizaram em sala de aula recursos didáticos que se relacionassem com a imprensa (Gráfico 9).

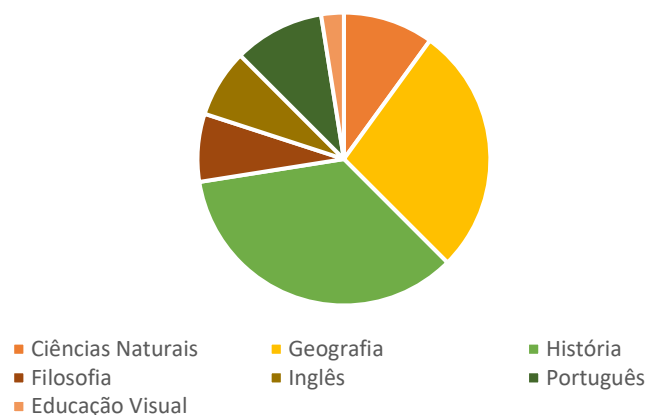
Gráfico 9 -Resposta dos alunos inquiridos relativamente à questão: “Já utilizaste a imprensa como estratégia de aprendizagem?”



O facto da maioria dos estudantes inquiridos já terem trabalhado com a imprensa em contexto escolar, revelou-se como um elemento positivo para esta investigação. Estes benefícios relacionam-se com o facto de se depreender que a sua adaptação fosse mais célere, natural e sem grandes dúvidas do que se fosse implementada pela primeira vez.

O inquérito aplicado procurou ainda apurar as disciplinas nas quais os estudantes utilizaram a imprensa como recurso de aprendizagem e os resultados mostraram-se amplamente diversificados. Segundo os dados em análise, História é a disciplina na qual os estudantes mais utilizaram a imprensa como estratégia de aprendizagem com uma percentagem de respostas afirmativas de 35%. Este dado revela-se vantajoso neste contexto investigativo, uma vez que os discentes estavam relativamente habituados a utilizar a imprensa nas aulas de História, corroborando o que foi supramencionado relativamente à rapidez e naturalidade de aplicação desta estratégia. Segue-se a Geografia com 27%, as Ciências Naturais e Português, ambos com 10%, Filosofia e Inglês com uma percentagem de 7% e 8%, respetivamente e, por fim, a disciplina de Educação Visual com 3% (Gráfico 10).

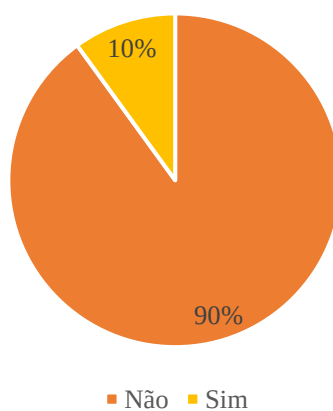
Gráfico 10 - Áreas curriculares onde foi utilizada a imprensa segundo os dados do Inquérito de Diagnóstico.



Por fim, a última questão– “*Já escreveste para algum jornal?*”, que pretendia apurar o número de inquiridos que já tinha escrito para um jornal, quer em moldes escolares, quer em moldes extracurriculares.

Tendo por base os dados obtidos supramencionados relativamente aos hábitos de leitura de imprensa por parte dos estudantes inquiridos, esperava-se que as respostas a esta questão não se distanciassem dos resultados acima explorados. Deste modo, 90% dos inquiridos afirmaram que nunca escreveram para um jornal, contrastando com 4 alunos que afirmaram já o terem feito (Gráfico 11).

Gráfico 11 - Resposta dos inquiridos relativamente à questão "Já escreveste em algum jornal?" do Inquérito de Diagnóstico.



A aplicação do Inquérito de Diagnóstico revelou-se determinante no sentido de delinear as experiências didáticas posteriormente aplicadas nas três turmas que tiveram em conta os dados previamente dissecados. Ainda que 60% dos estudantes inquiridos não revelassem hábitos de leitura referentes à imprensa, a verdade é que uma percentagem de 60% revelou já ter utilizado recursos relacionados com a mesma em contexto de sala de aula. Embora não sejam conhecidos os seus moldes de aplicação (porque não foi exigida a sua especificação no inquérito aplicado), este fator acaba por conferir mais credibilidade junto dos alunos e, conseqüentemente, legitima de imediato o seu uso do recurso nas aulas de História.

O facto de 90% dos alunos não ter qualquer experiência na escrita de jornais ou artigos de imprensa também se revelou um dado importante, sobretudo no contexto dos momentos-oficina de construção de jornais, no qual o 11.º Y participou. Deste modo, foi necessário conferir mais apoio aos alunos desta turma neste contexto e tornar os jornais didáticos aplicados significativamente motivacionais, de forma que todos os alunos envolvidos no estudo o reconhecessem como uma ferramenta útil para o estudo autónomo.

2.4. O jornal didático nas aulas de História

A aplicação do jornal didático nas regências que lecionei no contexto do estágio curricular teve início em novembro de 2020, após recolhidos os dados do Inquérito de Diagnóstico no mês anterior - e cujos resultados foram analisados no capítulo “*Contra factos, não há argumentos*”. Esta escolha justificou-se pelo facto de considerar necessário conhecer os alunos envolvidos no estudo, embora a amostra se tenha revelado diminuta quando comparada com o universo de alunos das três turmas envolvidas (num universo de 83 alunos, apenas 40 submeteram as suas respostas).

Foram aplicados um total de quatro jornais didáticos nas três turmas envolvidas neste estudo: um no 8.º X - “*Wittenberg Tachebuch – Os escândalos da Igreja Católica ao Rubro*”; dois no 9.º Z - “*Le Figaro – A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente*” e “*Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder*”; e um no 11.º Y - “*Gazeta de Lisboa – A Terra rugiu e rasgou*”.

Todos os jornais foram construídos de raiz através da ferramenta digital online “*Flipsnack*”. Contudo, a sua utilização, ao longo das aulas, não foi sempre idêntica: se em algumas regências se recorreu a este recurso de forma sistemática, noutros casos o mesmo apenas foi utilizado para responder a um Indicador de Aprendizagem.

À exceção do jornal “*Wittenberg Tachebuch*”, aplicado no 8.º X, todos os jornais didáticos aplicados possuem nomes de jornais reais que mantêm uma conexão com o tema da aula. As suas particularidades serão exploradas devidamente mais adiante e como referência a cada caso específico. As próprias datas dos jornais relacionam-se com o decorrer dos acontecimentos abordados para não incorrer em antagonismos históricos, situar cronologicamente os alunos no tema da aula e tornar toda a dinâmica do recurso o mais verossímil possível.

Durante a construção dos quatro jornais didáticos procurei aplicar manchetes motivadoras e, acima de tudo, intuitivas relativamente ao tema da aula ou indicador de aprendizagem em específico sobre o qual o recurso se debruçava. Os tipos de letra e as cores utilizadas foram selecionados especificamente para cativar e “prender” a atenção dos discentes ao recurso e conteúdos que se pretendiam lecionar. Também a escolha dos documentos iconográficos inseridos em cada jornal esteve relacionada com este fator.

Os textos, na sua generalidade, transmitiam de forma híbrida e “descontraída” os conteúdos necessários às aprendizagens dos alunos e, em alguns casos, com um pouco de humor à mistura. As figuras históricas envolvidas nos conteúdos a serem lecionados ganharam, na maioria das vezes, uma voz através deste recurso, sobretudo pelos pequenos testemunhos que foram sendo introduzidos (a maior parte deles fictícios).

Em suma, fiz questão de tornar sempre este recurso o mais verossímil possível, transportando os discentes no Tempo e criado um recurso que os motivasse, quer pelos títulos, manchetes, imagens ou pelos textos.

Para além do gosto que me dava construir estes recursos, melhor só mesmo “ver” o sorriso dos meus alunos por baixo das máscaras quando entrava na sala de aula com jornais. Era “diferente”, segundo eles.

2.4.1. “Le Fígaro – A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente.”

A primeira experiência referente à aplicação de jornais didáticos nas aulas de História ocorreu no dia 5 de novembro de 2020 (quinta-feira), pelas 15h10m, na sala A0.5. Esta foi a primeira aula que lecionei ao 9.º Z e que coincidiu com a estreia deste recurso.

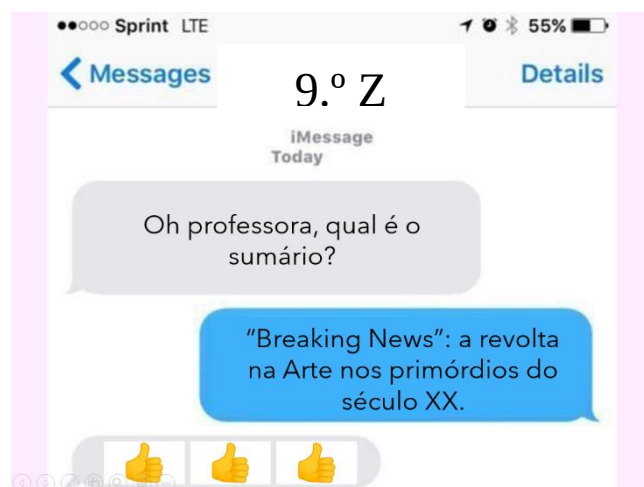
De acordo com o documento das *Aprendizagens Essenciais* (2018), a aplicação do jornal didático “*Le Figaro – A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente*” (Anexo 3), insere-se na lecionação do domínio “A Europa e o mundo no limiar do século XX”, e no subdomínio: “Sociedade e Cultura num Mundo em mudança”. O principal objetivo desta regência era “relacionar a I Guerra Mundial com a aceleração das transformações operadas nos comportamentos, na cultura, nas ciências, nas artes e na literatura”⁴², mais concretamente no campo artístico através do estudo do Movimento de Vanguardas do século XX.

A aula na qual este recurso seria aplicado, fora planeada para ocupar um bloco de 90 minutos. Contudo, devido a condicionalismos relacionados com a gestão do tempo letivo foi posteriormente adicionado mais um bloco de 45 minutos de forma a assegurar a conclusão dos conteúdos. Tal como é possível confirmar através da consulta do Anexo 4 (Plano de Aula), apenas foi contemplado um único Indicador de Aprendizagem: Caracterizar os movimentos artísticos nos primórdios do século XX.

Procurando introduzir junto dos alunos do 9.º Z o recurso apresentado de forma discreta, mas ao mesmo tempo intuitiva, optei por utilizar o sumário tendo em vista esse fim. Este, projetado no quadro no início da aula, foi facultado aos alunos em formato de mensagem de texto (Figura 3) e alertava-os para uma notícia relacionada com uma revolta no campo artístico. Esta estratégia, quer pelo formato no qual foi apresentado, quer pelo seu título, aguçou a curiosidade dos estudantes do 9.º Z, apesar dos mesmos (com algumas exceções), terem referido no início da aula que não gostavam de temas ligados à arte, considerando-os “uma seca”.

⁴²https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_9a_ff.pdf [consultado em julho de 2021]

Figura 3- Sumário apresentado ao 9.º Z aquando da aplicação do jornal didático - "Le Figaro - a arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente".



Após a redação do Sumário, foi entregue aos discentes o jornal didático relativo ao Movimento de Vanguardas do século XX. A reação foi de completa surpresa: pelos títulos, pelo formato e dimensões do recurso e até pelo facto do mesmo ter sido entregue impresso a cores.

Optei por designar este jornal “*Le Figaro*”, um jornal francês fundado em 1826. Esta decisão não foi tomada de forma inocente e é justificada por dois motivos: a) os alunos estavam relativamente familiarizados com este jornal devido ao estudo da I Guerra Mundial e às imagens de jornais dessa época que viram e analisaram em aulas anteriores e b) uma vez que grande parte das correntes artísticas teve origem em França, considerei que conferia mais veracidade ao recurso, possuir um nome de um jornal francês de grande destaque na época (e que ainda hoje se mantém como referência do jornalismo, passados 195 sobre a data da sua fundação).

Figura 4- Excerto da capa do jornal "Le Figaro - a arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente", aplicado ao 9.º Z



A manchete, ou seja, o título principal que destaca a notícia mais importante do jornal, foi redigida em grandes letras vermelhas, procurando justificar o sumário projetado no início da aula e chamando à atenção para o clima de instabilidade vivido pela Europa e contra o qual a Arte se manifestava (Figura 4). Um dos objetivos subjacentes à escolha desta manchete era que os alunos a relacionassem com os conteúdos referentes à I Guerra Mundial – e as conclusões pretendidas foram inferidas sem grandes dificuldades.

O jornal didático “*Le Figaro*”, era composto por vários testemunhos de figuras determinantes que seriam abordadas ao longo da aula como Henri Matisse, Otto Dix, Marinetti e Louis de Vauxelles. Estes pequenos textos ficcionais continham importantes pormenores relativos aos conteúdos a lecionar, possibilitando que os alunos tecessem ilações interessantes como, por exemplo, o contexto de nascimento do modernismo e a sua relação com a conjuntura de guerra, por exemplo. As duas últimas páginas do jornal foram ocupadas pelo Manifesto Futurista de 1909 da autoria de Marinetti.

A utilização do jornal didático aplicado revelou-se constante ao longo de quase toda a aula. Num primeiro momento os alunos recorreram a este recurso para conseguirem definir o termo “modernismo”. Rapidamente, e tendo como base excertos do jornal disponibilizado, a maioria dos estudantes do 9.º Z conseguiu, de forma geral, definir este conceito, o contexto do seu nascimento e, em linhas gerais, as características que o definiam.

Num segundo momento, mais concretamente durante o estudo do Futurismo, foi utilizado novamente o jornal “*Le Figaro*”, procurando que os estudantes construíssem, com o seu auxílio, considerações sobre a corrente Futurista (e tendo ainda como base o Manifesto Futurista de 1909, de Marinetti).

Considerando que o Manifesto Futurista é um texto relativamente extenso e o tempo disponível para a leção não permitia a sua leitura na íntegra, foi necessário abreviar os pontos do documento sob análise que seriam lidos e analisados em aula. Deste modo, optou-se pela leitura em voz alta dos pontos três, quatro, nove, dez e onze. Após a leitura do documento foi realizado um “despiste” de vocabulário, para assegurar que todos os discentes compreendiam na íntegra os textos lidos e o seu significado. Posteriormente, solicitou-se à turma que caracterizasse a corrente Futurista. A generalidade dos alunos chegou a conclusões interessantes e que iam ao encontro daquilo

que era esperado, fundamentando os seus pontos de vista recorrendo a excertos dos textos disponibilizados no recurso. Foi ainda possível criar em sala de aula um debate horizontal entre os alunos, o qual se revelou extremamente proveitoso e contribuiu para a dinâmica de aula. A aplicação do jornal didático “*Le Figaro*”, excedeu todas as expectativas para esta aula – cujo tema, relembro, não era apreciado pela maioria dos alunos do 9.º Z. Ao longo de toda a regência senti os alunos motivados, interessados e muito curiosos relativamente a um tema que afirmavam não apreciar.

O tema que se seguiu ao Movimento de Vanguardas do século XX – Arquitetura do século XX - foi também lecionado por mim. Este fator permitiu-me questionar, ainda que por breves minutos, os alunos relativamente ao tema lecionado anteriormente. Após um pequeno questionamento oral, consegui depreender que os discentes tinham presentes os conhecimentos relativos aos conteúdos do Movimento de Vanguardas do século XX.

2.4.2. “*Winttenberg Tachebuch* – Os Escândalos da Igreja Católica ao Rubro”

A segunda aplicação do jornal didático ocorreu na turma 8.º X no dia 9 de novembro de 2020 (segunda-feira) pelas 11h45m, na sala A1.5.

Segundo o documento das *Aprendizagens Essenciais* (2018), os conteúdos que foram aprofundados através desta estratégia de aprendizagem inseriam-se no domínio “Expansão e Mudança no século XV e XVI” e no subdomínio “Renascimento e Reforma”. Os principais objetivos desta aula foram: a) Compreender em que condições se desenvolveu na Cristandade Ocidental, um movimento de insatisfação e de crítica que culminou na rutura religiosa; b) Conhecer alguns dos princípios ideológicos que separam o catolicismo do protestantismo⁴³.

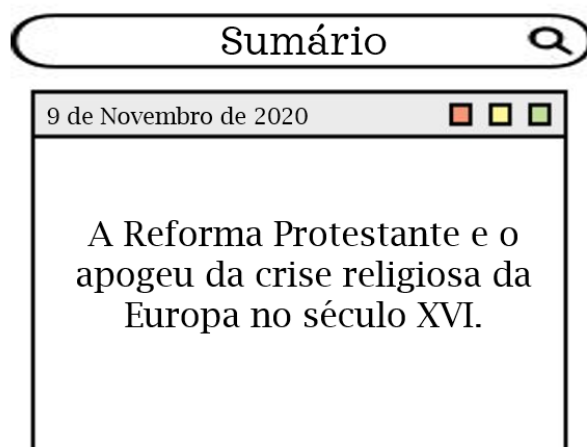
Esta aula foi planeada para um bloco de 90 minutos e, tal como se pode confirmar pela análise do Plano de Aula (Anexo 5) era composta por três indicadores de aprendizagem: a) Explicar a crise religiosa da Europa no século XVI; b) Caracterizar a igreja luterana e os seus princípios; c) Descrever os princípios das duas igrejas reformistas que surgiram após a formação da Igreja Luterana. No entanto, os conteúdos inseridos no jornal “*Wittenberg Tachebuch*” (Anexo 6), aplicado ao 8.º X, associavam-se apenas ao primeiro indicador de aprendizagem, que focava a crise religiosa da Europa no século XVI.

O sumário escolhido para esta aula foi: “A Reforma Protestante e o apogeu da crise religiosa da Europa no século XVI” (Figura 5). Ao contrário da experiência anteriormente descrita, o sumário adotado para esta aula não foi, de todo, intuitivo relativamente ao recurso posteriormente implementado.

O jornal didático “*Winttenberg Tachebuch* – Os Escândalos da Igreja Católica ao Rubro”, foi entregue aos alunos após a redação do sumário, no momento de exploração do primeiro indicador de aprendizagem, pelo que a sua utilização foi determinante no sentido de apurar os motivos que justificavam a crise da Igreja Católica e o entendimento da Questão das Indulgências.

⁴³https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_8a_ff.pdf [consultado em julho de 2021]

Figura 5- Sumário apresentado ao 8.º X aquando da aplicação do jornal didático "Wittenberg Tachebuch - Os escândalos da Igreja Católica ao rubro".



O nome adotado - "*Wittenberg Tachebuch*" – é fictício e foi escolhido como uma clara referência à cidade alemã de Wittenberg, onde se localiza a catedral do mesmo nome e na qual Martinho Lutero afixou, em 1517, o documento das *95 Teses contra as Indulgências*. Este detalhe foi introduzido no sentido de os alunos serem capazes de interligar os dois aspetos, o que foi conseguido por grande parte deles, no final da regência.

O recurso didático aplicado era composto por vários documentos escritos e iconográficos que incidiam sobre a questão das indulgências e da crise da Igreja Católica no prelúdio do século XVI. A aplicação deste recurso tinha como principais objetivos motivar os alunos para a temática em análise, simplificar os conteúdos a serem lecionados no contexto do primeiro indicador de aprendizagem da aula e fornecer-lhes um material de estudo alternativo.

Grande parte dos documentos escritos incluídos no recurso sob exploração são de cariz fictício, tendo sido redigidos de raiz aquando da sua construção. Estes textos eram, essencialmente, de cariz irónico e humorístico, passando aos alunos os conteúdos da aula de uma forma descontraída. Contudo, também era possível encontrar, neste recurso, um excerto da obra "*O Elogio da Loucura*" de Erasmo de Roterdão um dos humanistas mais crítico da Igreja Católica.

A manchete do jornal "*Winttenberg Tachebuch*" de 23 de maio de 1517 noticia os escândalos que envolviam a Igreja Católica, prometendo aos seus leitores poderem tomar conhecimento de todos os detalhes nessa edição. Por outro lado, destaca-se na capa

deste jornal a figura do Papa Leão X, garantindo-se um esclarecimento do mesmo relativamente aos acontecimentos que abalavam a Santa Sé, bem como sobre a Questão das Indulgências (Figura 6).

Figura 6 - Excerto da capa do jornal "Wittenberg Tachebuch - Os escândalos da Igreja Católica ao rubro", aplicado ao 8.º X



Ainda na primeira página do jornal didático aplicado é feita uma referência a Jerónimo Savonarola (1452-1498), cuja história de vida os alunos puderam conhecer na última página do jornal. O artigo referente a Savonarola recordava-o no dia do 19.º aniversário da sua morte (23 de maio de 1517), exaltando a sua importância no contexto da denúncia dos males da Igreja Católica ainda no final do século XV. Por outro lado, foi conferido um contexto biográfico desta figura e a explicação dos acontecimentos que culminaram na sua morte pública na fogueira, em 1498.

No sentido de apurar os motivos que justificam o crescente descrédito da Igreja Católica no início do século XVI, foi solicitado aos alunos do 8.º X a leitura em voz alta de alguns dos excertos contidos neste recurso, seguida da sua interpretação. Após a leitura dos excertos selecionados, localizados essencialmente na segunda página do jornal, foi-lhes solicitada a construção de um esquema que compilasse todos os motivos associados à crise da Igreja Católica. O esquema construído com os contributos dos estudantes do 8.º X foi posteriormente transcrito para o caderno diário (Figura 7).

Figura 7- Esquema-síntese construído através da análise e interpretação dos textos contidos no jornal didático sobre a crise da Igreja Católica no século XVI.



Apesar dos alunos terem facilmente concluído, através da leitura do jornal, que a Questão das Indulgências foi um dos motivos que justificavam a crise da Igreja Católica no século XVI, nenhum dos mesmos soube explicar o que era uma Indulgência. Assim, foi explicado à turma o significado desta palavra.

Seguiu-se, a leitura da terceira página do jornal que incidia sobre as declarações que o Papa Leão X teria feito sobre esta questão. Num texto fictício foi explicado, sob o ponto de vista do Papa Leão X, a Questão das Indulgências e a sua importância no contexto da reconstrução da Basílica de São Pedro, sempre com alguma ironia e humor à mistura.

Durante a aplicação do recurso de aprendizagem explorado, os estudantes não revelaram quaisquer dúvidas de vocabulário (a não ser na palavra “Indulgência”, como vimos anteriormente). Não obstante, e mediante a leitura dos textos que compunham o jornal, foi realizado de forma sistemática, um “despiste” de vocabulário procurando assegurar o entendimento claro dos alunos sobre os textos analisados.

De forma geral, o 8.º X recebeu bem este recurso de aprendizagem e o entusiasmo e curiosidade relativamente ao mesmo não passou despercebido. Na verdade, o entusiasmo manifestou-se de tal forma que foi visível uma agitação que perturbou, inicialmente, a tranquilidade na sala de aula, pautada por conversas paralelas e intervenções desorganizadas. Creio que esta desorganização estivesse relacionada não só

com a aplicação de um recurso diferente do costume, mas também, por ser a primeira vez que lecionei uma aula nesta turma. Acalmados os ânimos, tudo decorreu dentro da normalidade. Os alunos mostraram-se curiosos relativamente aos conteúdos e aos textos que compunham este recurso. A ironia e humor contidos ao longo do jornal didático aplicado foram entendidos e em vários momentos os alunos se riram da escrita descontraída dos textos. Deste modo, a lecionação dos conteúdos revelou-se muito mais motivadora.

A aula seguinte teve como tema a Contrarreforma que foi lecionada em inglês, pela professora orientadora, devido ao projeto CLIL no qual esta turma se insere. Tendo em conta o tema e a sua relação com a Reforma Protestante, foram realizadas algumas revisões sobre os conteúdos lecionados anteriormente. Neste sentido, verificou-se que os estudantes do 8.º X tinham assimilado, de forma geral, os conteúdos relativos à Reforma Protestante, destacando-se os que se relacionavam com a crise da Igreja Católica – conseguindo, com facilidade, o *translanguaging*⁴⁴ pretendido pelo projeto.

⁴⁴ Esta expressão refere-se à capacidade de um(a) aluno(a) enriquecer a sua aprendizagem em várias línguas do seu repertório (neste caso a língua materna e o Inglês), sendo capaz de fazer conexões entre ambas e aprofundar o conhecimento e a compreensão de conteúdos específicos (aqui, os de História).

2.4.3. “*Avanti!* – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder”

A terceira aplicação do jornal didático ocorreu, novamente, no 9.º Z no dia 24 de novembro de 2020 (terça-feira), pelas 15h10min na sala A.05

Em concordância com o documento das Aprendizagens Essenciais (2018), a aplicação do jornal didático “*Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder*” (Anexo 7), insere-se no domínio “Da Grande Depressão à Segunda Guerra Mundial” e no subdomínio “As dificuldades económicas dos anos 30 entre a ditadura e a democracia”. Os objetivos subjacentes a esta aula eram: a) Relacionar a ascensão ao poder de partidos totalitários com as dificuldades económicas e sociais e com o receio da expansão do socialismo, realçando o papel da propaganda e b) descrever as principais características dos regimes totalitários⁴⁵.

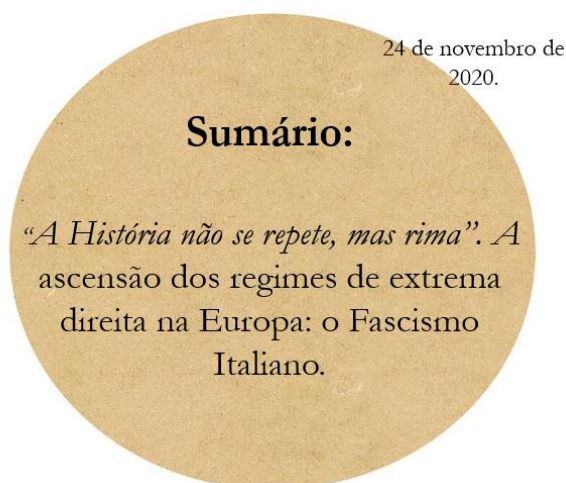
Esta regência foi pensada e, posteriormente, planeada para um bloco de 90 minutos. Contudo, tiveram que ser realizados alguns ajustes relativamente à duração desta aula que passou a ocupar um bloco de 45 minutos e outro de 90.

A esta regência encontravam-se subjacentes três indicadores de aprendizagem: 1) Identificar os fatores responsáveis pela crise do demoliberalismo na década de 30; 2) Caracterizar os princípios da doutrina fascista e 3) Descrever a subida de Mussolini ao poder e a construção da Itália fascista. Estes aspetos e outros fatores alusivos ao planeamento da aula podem ser consultados no Anexo 8.

O sumário escolhido para a aula foi “*A História não se repete, mas rima*”. A Ascensão dos regimes de extrema-direita na Europa: o fascismo italiano” (Figura 8). A célebre frase de Mark Twain revelou-se o mote desta regência, pretendendo uma reflexão constante por parte dos estudantes sobre os conteúdos a serem lecionados, o estabelecimento de pontes entre o passado e o presente e, consequentemente, o incremento do seu pensamento crítico.

⁴⁵https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_9a_ff.pdf [consultado em julho de 2021]

Figura 8 - Sumário apresentado ao 9.º Z aquando da aplicação do jornal "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder".



A metodologia adotada para esta aula procurou ir ao encontro das particularidades que a lecionação do tema oferecia. Deste modo, a motivação escolhida para esta aula visou a implementação e abertura de espaços dedicados à troca de ideias entre os alunos da turma que teve na sua base uma notícia publicada no jornal Público no dia 30 de outubro de 2020. A notícia escolhida tinha como título: *“Paredes das escolas secundárias e universidades em Lisboa vandalizadas com frases racistas e xenófobas”*; ao mesmo tempo que eram projetadas algumas imagens ilustrativas do incidente. Esta foi uma forma diferente de proceder à aplicação da imprensa em sala de aula. Tratou-se de uma aplicação real e atual, procurando relacionar o passado com o presente, obtendo um espaço de debate em aula que favoreceu a motivação dos alunos para os conteúdos a serem lecionados e a construção de um espírito crítico reflexivo e atuante. Esta aula em específico, contou com dois momentos diferentes da aplicação da imprensa: na motivação com notícias atuais e, posteriormente, no terceiro indicador de aprendizagem, com a aplicação de um jornal didático.

O jornal didático construído - *“Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder”*, foi aplicado no final da aula, mais concretamente no terceiro indicador de aprendizagem, que tinha como objetivo principal descrever a ascensão de Mussolini ao poder e a construção da Itália fascista.

O nome adotado para este jornal didático- *“Avanti!”* - não foi uma escolha ao acaso, tratando-se do nome do jornal do Partido Socialista Italiano, criado em 1896. Esta

opção destaca a adoção de uma perspectiva contrária relativamente aos princípios do fascismo italiano, fator evidenciado ao longo de todo o recurso. Apesar dos alunos nunca terem ouvido falar deste jornal, rapidamente conseguiram relacionar o seu nome com o socialismo. Deste modo, foi rapidamente identificado pelos discentes a posição política e ideológica assumida neste jornal didático, escolhido no sentido de também promover contrastes com a realidade.

A manchete, em grandes letras, destacava o nome pelo qual ficou conhecida a ascensão de Mussolini ao poder: Marcha sobre Roma. Por outro lado, e tendo em conta as palavras utilizadas, a mesma deixa transparecer um sentimento de medo e ameaça constante (Figura 9). A seleção de elementos que passam tão despercebidos como a data – 29 de outubro de 1922 - também não foi escolhida ao acaso tratando-se sim, do dia posterior aquele em que os acontecimentos referentes à Marcha sobre Roma se desenrolaram.

Figura 9- Excerto da capa do jornal "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder", aplicado ao 9.º Z



O jornal sob análise era composto, essencialmente, por documentos escritos e dois documentos iconográficos que ilustravam o tema. Todos os documentos escritos, à exceção do discurso de Mussolini na página quatro, são de cariz fictício e pretendiam: a) refletir sobre as consequências da I Guerra Mundial no caso específico de Itália; b) descrever os acontecimentos que ficaram conhecidos como “Marcha sobre Roma” que ocorreram a 28 de outubro de 1922. O jornal didático aplicado continha ainda uma resposta fictícia da parte do rei Vítor Emanuel, face aos acontecimentos que colocaram Mussolini no poder.

Por último, foi dirigido aos alunos um desafio que tinha na sua base um texto referente a um discurso de Benito Mussolini (Figura 10). Após a sua leitura individual, os alunos deveriam retirar do documento os princípios pelos quais o fascismo se orientava. A realização deste desafio pretendia a consolidação dos alunos relativamente aos dois primeiros indicadores de aprendizagem que orientaram esta aula.

Figura 10 - Desafio do jornal "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder".

**DESAFIAMOS OS NOSSOS LEITORES A
DESTACAR TRÊS PRINCÍPIOS DO
FASCISMO!**

Para o fascismo o Estado é absoluto: perante ele os indivíduos e os grupos não são mais que o relativo. Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado. [...] O indivíduo só existe enquanto está no Estado; está subordinado às necessidades do Estado e, à medida que a civilização toma formas cada vez mais complexas, a liberdade do indivíduo restringe-se sempre mais [...] Neste sentido o fascismo é totalitário [...] Nem agrupamentos - partidos políticos, associações, sindicatos - nem indivíduos fora do Estado [...]. Nós representamos um princípio no mundo, representamos a antítese nítida, categórica, definitiva da democracia [...].

Benito Mussolini

Tal como anteriormente referido, este recurso foi utilizado no terceiro e último indicador de aprendizagem, sendo possível destacar os dois momentos essenciais da aula que passaram pela sua utilização.

O primeiro momento consistia na leitura de um excerto do jornal com o título *“Itália, o país que ainda sofre os horrores da Guerra”*. A leitura deste texto procurava que os alunos inferissem os motivos que justificavam o clima de instabilidade e de crise política, económica e social que se vivia em Itália após a I Guerra Mundial. Rapidamente, e oralmente, os alunos conseguiram retirar do texto os motivos que justificavam a crise generalizada em Itália após 1918 recorrendo, inclusive, a conhecimentos previamente adquiridos em aulas anteriores sobre a I Guerra Mundial.

O segundo momento em que este recurso foi utilizado deu-se no contexto de um esboço sequencial dos acontecimentos que culminaram na subida ao poder de Mussolini. Após a leitura de excertos contidos no jornal e com a orientação da professora, os alunos conseguiram compreender plenamente a sucessão desses eventos.

Contrariamente ao que sucedeu anteriormente, o jornal “*Avanti!*” aplicado na turma 9.º Z foi facultado aos alunos no fim do primeiro bloco de 45 minutos. Por esse motivo, foi-lhes solicitado que procedessem à leitura do jornal em casa procurando que na aula seguinte a exploração do terceiro indicador de aprendizagem e, conseqüentemente, deste recurso didático fosse realizada de forma mais célere, contando com mais contributos dos alunos e com as suas interpretações prévias. Por outro lado, foi-lhes ainda solicitada a resposta ao desafio contido no recurso.

O resultado não foi, de todo, o esperado: apenas três discentes do 9.º Z leram o jornal em casa e responderam ao desafio. Posto isto, poucos foram os alunos que demonstraram qualquer ideia tácita relativamente aos conteúdos inseridos no jornal didático e todo este foi explorado em aula. Apesar de terem alcançado conclusões interessantes nos dois momentos em que se procedeu à utilização deste recurso de aprendizagem, a motivação dos estudantes em relação a esta estratégia de aprendizagem parecia ter decrescido quando comparada com o jornal “*Le Figaro*” relativo ao Movimento de Vanguardas do século XX.

A aula que se seguiu a este tema, debruçava-se sobre o regime nazi e foi lecionada pela orientadora cooperante. Durante esta regência à qual assisti, percebi que grande parte dos estudantes do 9.º Z já não se lembrava dos conteúdos abordados na aula sobre o fascismo italiano.

A curiosidade e empenho que caracterizava esta turma não se verificou aquando da aplicação deste recurso de aprendizagem. Tal pode ser justificado pelos longos textos contidos no jornal e pelo facto do mesmo conter poucos documentos iconográficos. Acredito ainda que um dos fatores que poderá justificar o desinteresse que senti por parte destes estudantes em relação ao jornal didático, se relaciona com a sua aplicação num momento relativamente tardio da aula. Esta utilização poderia ter sido sistemática ao longo da aula ou ter sido aplicada num dos primeiros momentos da regência.

2.4.4. “*Gazeta de Lisboa – A Terra rugiu e rasgou!*”

A quarta e última aplicação do jornal didático ocorreu na turma 11.º Y, no dia 17 de dezembro de 2020 (quinta-feira) pelas 13h05min na sala A1.13.

Tendo em conta o documento das *Aprendizagens Essenciais* (2018), a aplicação do jornal didático “*Gazeta de Lisboa – A Terra rugiu e rasgou*” (Anexo 9), insere-se no domínio “A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais e no subdomínio “Construção da modernidade europeia”⁴⁶.

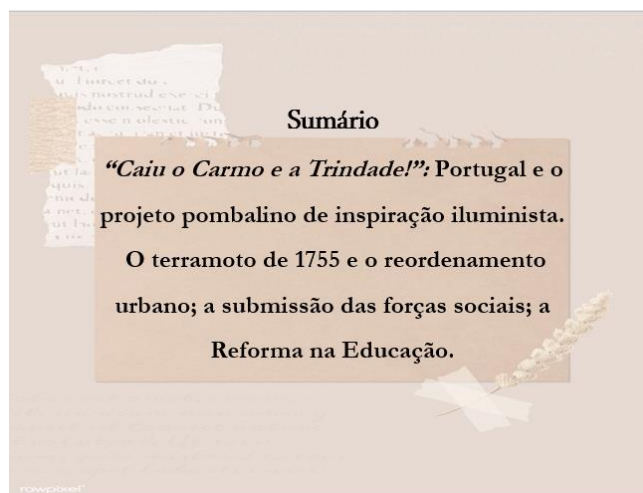
A aula que serviu de base à apresentação e exploração deste recurso didático, foi planeada para ocupar um bloco de 90 minutos e incluía a exploração de três indicadores de aprendizagem: 1) Relacionar o terramoto de 1755 com o reordenamento urbano de inspiração iluminista; 2) Caracterizar a submissão das forças sociais no período pombalino e 3) Caracterizar a reforma no sistema educativo no período pombalino (Anexo 10). A aplicação e exploração do jornal didático deu-se única e exclusivamente durante a leção dos conteúdos relacionados com o primeiro indicador de aprendizagem.

O sumário adotado foi: ““*Caiu o Carmo e a Trindade!*” – Portugal e o projeto pombalino de inspiração iluminista O terramoto de 1755 e o reordenamento urbano; a submissão das forças sociais; a Reforma na Educação” (Figura 11).

O jornal didático “*Gazeta de Lisboa – A Terra rugiu e rasgou*”, foi facultado aos alunos no início da aula, após a redação do sumário. A reação dos estudantes do 11.º Y foi um misto de surpresa e curiosidade em relação ao recurso em análise.

⁴⁶https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_historia_a.pdf
[consultado em julho de 2021]

Figura 11- Sumário apresentado ao 11.º Y aquando da aplicação do jornal didático "Gazeta de Lisboa - A terra rugiu e rasgou!"



Vários alunos reagiram com surpresa pelo facto do jornal didático aplicado ter sido entregue em formato papel e impresso a cores. No momento da sua entrega, várias interrogações foram feitas sobre se o jornal era mesmo da época em estudo. Rapidamente foi desfeita essa dúvida, para que os alunos entendessem que, embora as informações fossem reais e tivessem como base fontes históricas fidedignas, o jornal apresentado era de cariz meramente didático.

O nome do jornal - “*Gazeta de Lisboa*” é real e bem conhecido. Trata-se de um periódico português criado em meados do século XVIII, mais concretamente em 1715, durante o reinado de D. João V⁴⁷. As razões desta escolha relacionam-se com dois motivos: a) os alunos conheciam este periódico, uma vez que o mesmo já tinha sido mencionado previamente nas aulas em conteúdos anteriores; b) conferir mais veracidade ao recurso.

Para efeitos de construção deste recurso utilizei uma monografia como inspiração: “*D. Maria I: As Perdas e as Glórias da Rainha que entrou para a História como «A Louca»*”, de Mary del Priore. Apesar do livro adotado se debruçar sobre o reinado de D. Maria I, a sua narrativa é iniciada no reinado do seu pai, D. José I. A descrição e testemunhos relativos ao terramoto estão extremamente bem explicados, contendo várias

⁴⁷ <https://idi.mne.gov.pt/arquivo-e-biblioteca/documentos-e-efemerides/gazeta-lisboa> [consultado em julho de 2021]

curiosidades que, a meu ver, eram interessantes e motivavam os discentes para a temática da aula.

A manchete do jornal - “*A Terra rugiu e rasgou*”, em letras grandes, sugeriam o sentimento de terror e pânico geral vivido em Lisboa nesta época, no rescaldo da catástrofe. A manchete escolhida prometia ainda aos seus leitores dar-lhes conhecimento de todos os pormenores relacionados com o trágico acontecimento (Figura 12).

Figura 12- Excerto da capa do jornal "Gazeta de Lisboa - A terra rugiu e rasgou!" aplicado no 11.º Y.



A capa do jornal didático abordava vários temas relacionados com o terramoto de 1755: a ajuda humanitária que a velha aliada Inglaterra se tinha apressado a conferir a Portugal em virtude dos acontecimentos nefastos e ainda a teoria de Gabriel Malagrida sobre o terramoto que assolou Lisboa em 1755 não ser mais do que um castigo divino dirigido aos governantes do reino português - conclusão à qual os alunos rapidamente chegaram. O recurso explorava ainda a penitência à qual o monarca, D. José I, se tinha sujeitado, o que os interessou particularmente. Por fim, era analisada a linha de atuação delineada pelo Marquês de Pombal a fim de conter as consequências nefastas do terramoto.

Antes da exploração propriamente dita do recurso, optei por aferir as ideias tácitas do 11.º Y relativamente à tema que o mesmo abordava. Rapidamente conclui que esta

turma, na generalidade, revelava um conhecimento considerável relativamente ao tema, justificado talvez pelo facto destes conteúdos já terem sido previamente lecionados, nomeadamente no 6.º e 8.º anos de escolaridade.

A utilização do jornal didático no primeiro indicador de aprendizagem divide-se em dois momentos. No primeiro momento, pretendia-se que os alunos fossem capazes de inferir, após a leitura do jornal didático, o desenrolar de acontecimentos que culminou no terramoto de 1 de novembro de 1755 e das suas consequências. Rapidamente os discentes souberam explicar detalhadamente os acontecimentos, pautando os seus argumentos com excertos do recurso disponibilizado.

Num segundo momento recorreu-se a esta estratégia para permitir aos estudantes descrever, em linhas gerais, o processo de reconstrução da baixa da cidade de Lisboa. Através da leitura deste recurso os alunos conseguiram rapidamente identificar o autor do projeto de reconstrução da cidade de Lisboa – Eugénio dos Santos e, através de dois documentos iconográficos neles presentes, comparar a cidade de Lisboa antes e após a sua reconstrução.

Durante a utilização deste recurso os alunos, na sua generalidade, mostraram-se muito participativos e curiosos relativamente ao conteúdo do jornal didático aplicado. Todavia, acredito que esta estratégia não foi aplicada com sucesso pleno devido a um conjunto de fatores.

Em primeiro lugar destaco o tempo de aula disponibilizado (90 minutos). Ao ter três indicadores de aprendizagem para explorar e lecionar em aula, adicionando um jornal didático cujas dimensões não são propriamente reduzidas, acredito que o tempo de exploração deste recurso se revelou reduzido. Destaco ainda o tema sobre o qual o jornal didático construído se debruçava: o terramoto de 1 de novembro de 1755. A verdade é que este era do conhecimento geral dos alunos e, embora fosse um tema interessantíssimo no contexto da construção de um jornal didático, a verdade é que pouco conseguiu acrescentar ao conhecimento prévio que demonstraram. Por fim, mas não menos importante, destaco o facto de nesta aula, em específico, ter facultado aos alunos vários recursos didáticos para serem explorados como uma carta e um vídeo para lecionar o Processo dos Távoras e um outro sobre o terramoto. Assim, o jornal didático construído para esta aula acabou por se “perder”, não constituindo o foco central da atividade de ensino-aprendizagem, como se esperava inicialmente.

Não obstante, senti, da parte dos estudantes do 11.º Y, uma motivação acrescida que não era muito frequente nas aulas a que assisti e lecionei. Em suma, o 11.º Y gostou do recurso, reconhecendo nele potencialidades para o seu estudo e dinâmica da aula.

2.5. “A Hora da Verdade” – Análise dos Inquéritos Finais

Concluído o 1.º semestre e, consequentemente, a disciplina de História para ambas as turmas de Ensino Básico envolvidas no estudo (8.º X e 9.º Z), revelou-se necessária a aplicação de um Inquérito Final. A essencialidade subjacente à realização deste Inquérito Final relaciona-se com os seguintes objetivos: a) apurar a opinião dos alunos relativamente ao recurso pedagógico-didático aplicado; b) proceder a um levantamento das sugestões dos alunos relativamente a outros temas, inseridos nos conteúdos referentes à disciplina de História cuja aplicação do mesmo recurso se revele útil na sua lecionação; c) apurar a utilidade que os estudantes envolvidos no estudo atribuíram à(s) experiência(s) realizadas; d) aferir os alunos inquiridos demonstraram, ou não, alterações relativamente aos seus hábitos de leitura da imprensa, comparando estes resultados com os que foram obtidos anteriormente, no Inquérito de Diagnóstico.

Os Inquéritos Finais aplicados às duas turmas de Ensino Básico envolvidas neste estudo foram elaborados através da plataforma Google Forms e disponibilizados aos estudantes via e-mail em fevereiro de 2021, no final do 1.º semestre. A sua realização previa-se em sala de aula presencialmente no mês de janeiro. Contudo, devido ao confinamento iniciado nesse mesmo mês, apenas foi possível aplicá-los no mês seguinte, em contexto de ensino à distância.

Apesar de terem os mesmos objetivos inerentes, os inquéritos aplicados evidenciavam ligeiras diferenças que se justificam pelo simples facto de no 9.º Z terem sido aplicados dois jornais didáticos (“*Le Figaro – a arte europeia responde ao clima de instabilidade que se vive atualmente*” e “*Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder*”), enquanto no 8.º X apenas foi aplicado um (“*Winttenberg Tachebuch – Os Escândalos da Igreja Católica ao rubro*”). Assim, no 9.º Z foi possível estabelecer uma relação comparativa entre as duas experiências aplicadas.

Os dois Inquéritos construídos para os efeitos acima mencionados eram, no caso do 8.º X, compostos por um total de seis questões. No caso do 9.º Z eram constituídos por um total de nove. As mesmas dividiam-se em questões de escolha múltipla, escala de Lickert e resposta escrita, sendo que esta última se dividia em questões curtas e longas.

O universo de estudantes inquiridos que responderam a estes questionários, ainda que em moldes diferentes, era de cinquenta e oito estudantes. Foram contabilizadas cinquenta

e seis respostas, o que se evidenciou como um fator positivo quando comparamos esta adesão com a do Inquérito de Diagnóstico (onde se obteve um total de quarenta respostas, num universo de oitenta e três alunos).

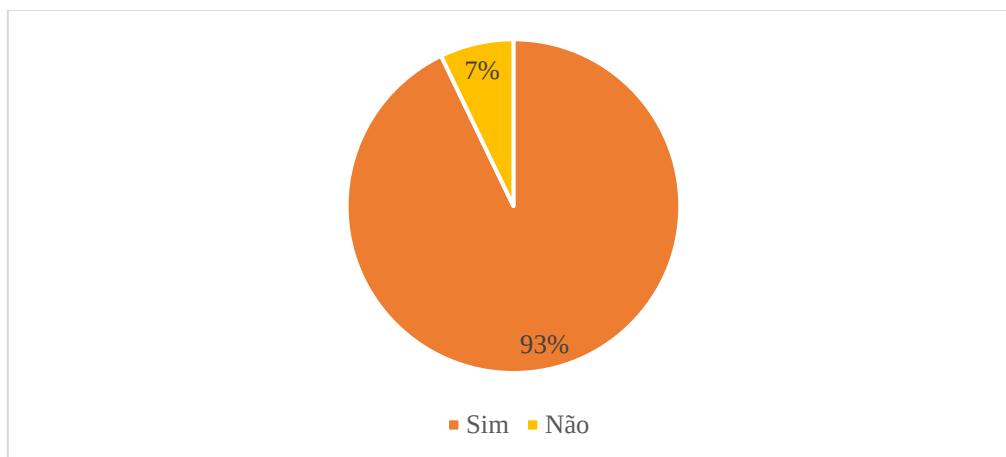
E que comece a Hora da Verdade!

2.5.1. No 8.º X

O questionário final aplicado ao 8.º X - “*Questionário final sobre a utilização de jornais didáticos nas aulas de História – 8.º ano*”, era constituído por seis questões cujos objetivos vão de encontro aos que foram anteriormente mencionados. Em linhas gerais, pretendia aferir-se a opinião dos alunos do 8.º X relativamente à utilização em sala de aula do jornal didático - “*Wittenberg Tachebuch- Os Escândalos da Igreja Católica ao rubro!*”, no contexto da lecionação dos conteúdos relacionados com a Reforma Protestante. A turma, composta por um total de vinte e oito alunos, respondeu na sua totalidade ao Inquérito Final aplicado e o mesmo pode ser consultado na secção “Anexos”: Anexo 11.

A primeira questão – “*Consideras pertinente a utilização de jornais didáticos nas aulas de História?*” – tinha como objetivo apurar a utilidade que os alunos reconheciam na utilização de jornais didáticos nas aulas de História no contexto das suas aprendizagens. Vinte e seis alunos assumiram considerar útil a aplicação de jornais didáticos em sala de aula, o que corresponde a uma percentagem de 93%. Não obstante, dois alunos (7%) referiram não encontrar qualquer utilidade na aplicação e exploração deste recurso (Gráfico 12).

Gráfico 12- “*Consideras pertinente a utilização de jornais didáticos nas aulas de História?*” - Inquérito Final 8.º X



A questão seguinte procurava encontrar justificações relativamente às respostas dos alunos relativamente à questão anterior. As respostas submetidas demonstraram-se extremamente diversificadas baseando-se, apenas, na única experiência neste contexto que o 8.º X teve. Um dos discentes (Aluno A) afirmou que a utilização dos jornais em

sala de aula não se justificava por ser, segundo as suas palavras “desatualizada”, existindo formas alternativas de ser adquirida informação.



“Eu acho que hoje em dia a utilização de jornais já está um bocado desatualizada. Há formas melhores de nos informarmos.”

– Aluno A

Contudo, as “melhores formas de nos informarmos” não são mencionadas e o discente acabou por não referir a importância dos jornais num contexto escolar, mas num contexto externo ao mesmo, algo contrário ao que a pergunta pretendia.

Constatou-se uma segunda resposta que, à semelhança da anterior, também não reconheceu utilidade neste recurso didático (Aluno B). Esta resposta revelou-se chamou a minha atenção pelo facto de o estudante em questão ter levantado uma questão a meu ver importante e que me passou despercebida durante a realização deste estudo: os gastos de papel associados a esta estratégia. Esta resposta leva-me a considerar que no futuro seja mais razoável e ecológico aplicar o mesmo recurso num suporte digital.

“Acho que é mais útil simplesmente ter um documento no quadro, porque não gasta papel de estar a fazer as cópias todas e depois os jornais são muito grandes e precisamos de estar ali a aula toda só para interpretar os textos.”

– Aluno B



O aluno revelou ser mais produtivo para as suas aprendizagens, simplesmente proceder à projeção dos documentos escritos para analisar, revelando algum incómodo relativamente às dimensões assumidas por este recurso e em relação aos seus textos.

Por outro lado, várias foram as respostas submetidas por os alunos desta turma que justificaram a utilidade dos jornais didáticos no contexto das suas aprendizagens na disciplina de História. Vários discentes adjetivaram o jornal didático como algo “*diferente*” e, por isso, motivador.



“Acho [a utilização de jornais em sala de aula] útil, pois é uma forma diferente e interessante de reter a informação”

– Aluno C

Alguns estudantes do 8.º X fundamentaram a utilidade deste recurso pelo facto de considerarem que o jornal didático aplicado em aula facilitou a abordagem e leção do tema da Reforma Protestante, além de os ter motivado para os conteúdos, quer pelo formato que assumiu, quer pelo facto de ser facultado em formato papel, podendo ser manuseado (Aluno D). Por outro lado, acreditam na sua utilidade justificando-a pelo facto deste recurso promover uma maior compreensão dos temas e pela sua utilidade posterior num contexto de estudo autónomo.

“Acho que os jornais podem ser explorados para obter informação da História, facilita a abordagem dos temas e os alunos gostam mais de aprender com documentos que possam pegar (...).”

– Aluno D



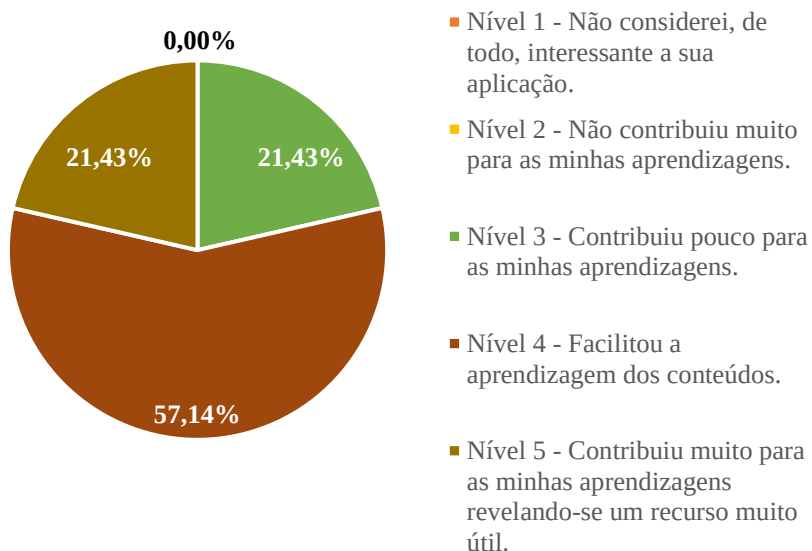
Um dos alunos do 8.º X aproveitou esta questão para destacar a importância que este recurso podia assumir quando aplicado num 9.º ano de escolaridade, mais concretamente aquando da leção da I e II Guerra Mundial. O aluno justifica-se referindo que “na época os jornais eram muito importantes” e que, por isso, seria interessante, aprender esses temas através de um jornal didático construído para o efeito.

A segunda questão – “*Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal didático “Winttenberg Tachebuch – Os Escândalos da Igreja Católica ao rubro!” nas aulas sobre a Reforma Protestante*”, versava averiguar a utilidade que os alunos encontraram na aplicação concreta deste recurso. A questão foi realizada adotando-se a Escala de Likert composta por cinco níveis: 1- Não considerei, de todo, interessante a sua aplicação; 2 – Não contribuiu muito para as minhas aprendizagens; 3 – Contribuiu pouco para as minhas aprendizagens; 4 – Facilitou a aprendizagem dos conteúdos; 5- Contribuiu muito para a minha aprendizagem, revelando-se um recurso muito útil. Importa, neste

sentido, mencionar que nenhum dos Inquiridos utilizou o Nível 1 (não considerei, de todo, interessante a sua aplicação) e o Nível 2 (não contribuiu muito para as minhas aprendizagens).

Tal como é possível comprovar através da análise do Gráfico 13, 57,1% dos inquiridos (16 estudantes) afirmaram que o jornal didático aplicado no contexto da leção dos conteúdos relacionados com a Reforma Protestante – “*Winttenberg Tachebuch*”, facilitou a aprendizagem dos conteúdos, o que corresponde ao Nível 4.

Gráfico 13 - "Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal didático "Winttenberg Tachebuch - Os Escândalos da Igreja Católica ao rubro" nas aulas sobre a Reforma Protestante"
- Inquérito Final 8.º X

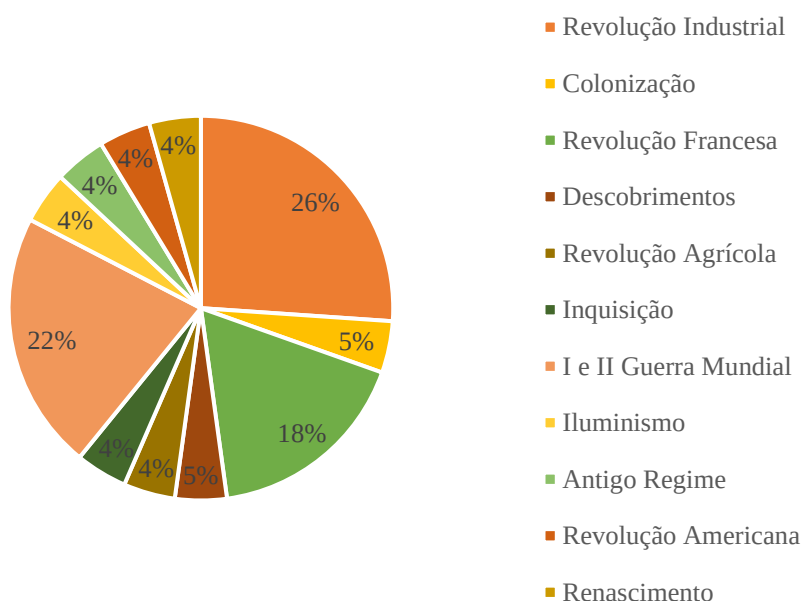


Curiosamente, os níveis 3 (contribuiu pouco para as minhas aprendizagens) e 5 (contribuiu muito para as minhas aprendizagens revelando-se um recurso muito útil) obtiveram exatamente a mesma percentagem: 21,4% (6 alunos por cada nível).

Nesta questão, os resultados revelaram-se animadores, a começar pelo facto de nenhum aluno ter optado pelos níveis 1 e 2 no sentido de avaliar o recurso didático aplicado. Os objetivos que pautaram este trabalho foram, através desta experiência e com esta turma em específico, atingidos na sua generalidade. Os alunos reconheceram alguma pertinência na aplicação deste recurso, mais concretamente no jornal didático “*Winttenberg Tachebuch*” - tanto no contexto de ensino-aprendizagem como num momento de estudo autónomo e individual. O jornal didático aplicado revelou-se ainda como um fator que promoveu, indiscutivelmente, a motivação da generalidade dos alunos da turma por se distanciar dos demais recursos didáticos.

A terceira questão– “*Em que outros temas de História consideras útil a aplicação deste recurso?*” – pretendia proceder ao levantamento de outros temas inseridos no programa curricular da disciplina de História que os discentes considerassem proveitosa a aplicação do mesmo recurso. As respostas demonstraram-se verdadeiramente surpreendentes e podem ser consultadas no Gráfico 14.

Gráfico 14 - "Em que outros temas de História consideras útil a aplicação deste recurso?" - Inquérito Final 8.º X



O Gráfico 14 - construído para sintetizar as respostas dos inquiridos à terceira questão- foi elaborado tendo em conta apenas de vinte e quatro respostas num universo de vinte e oito. Isto justifica-se pelo facto de quatro respostas terem sido “descartadas”: três cuja resposta era “*Reforma Protestante*”, tema no qual se inseriu o jornal didático aplicado e uma cuja resposta era “*Nenhum*”, pelo que o uso destas quatro respostas não se justificava no sentido de retirar conclusões relativamente a esta questão.

Uma percentagem de 27% dos inquiridos considera relevante a aplicação de um jornal didático inserido no tema da Revolução Industrial (o 8.º X é uma turma incluída no projeto CLIL, pelo que este é um dos temas lecionados em língua inglesa). Nas aulas a que assisti do 8.º X, ao longo da leção deste tema em concreto, detetei uma falta de motivação relativamente a esta temática, o que pode justificar esta percentagem. Assim, considero que a aplicação de um jornal didático relativo a esta temática em concreto fosse

capaz de facilitar os conteúdos para os alunos, ao mesmo tempo que poderia dotar a aula de uma dinâmica completamente diferente.

Um dos resultados mais surpreendentes relativamente a esta questão foi o facto de 23% dos inquiridos terem sugerido temas que não são lecionados no oitavo ano de escolaridade, mas sim no nono, nomeadamente a I e a II Guerra Mundial. Nesta turma, nas aulas que assisti, verificou-se por mais do que uma vez, uma ansiedade geral relativamente à leção de conteúdos inseridos no programa curricular de 9.º ano. Esta ansiedade muitas vezes era sinónimo de desmotivação destes alunos relativamente aos conteúdos curriculares do 8.º ano na disciplina de História. Desse modo, esta foi uma turma na qual a orientadora cooperante e os estagiários procuraram motivar, constantemente, os discentes relativamente aos conteúdos a serem lecionados ao longo de todo o semestre.

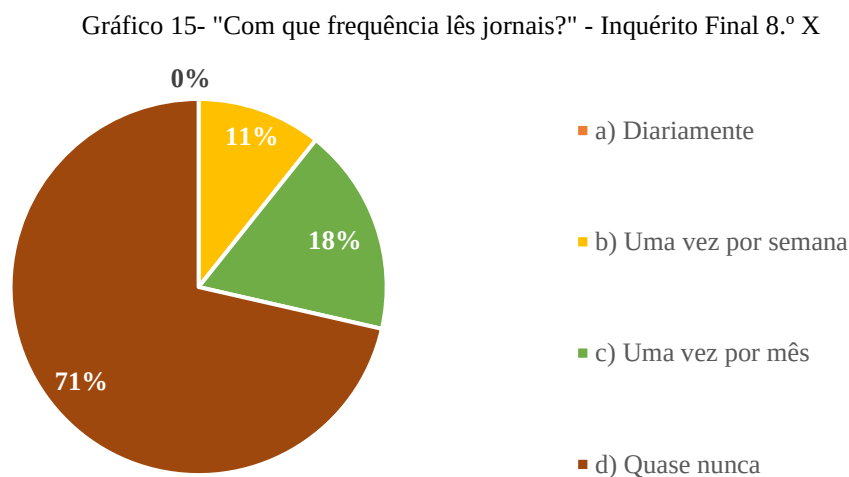
Segue-se a Revolução Francesa com uma percentagem de 18% (4 respostas), tema que, curiosamente, foi lecionado por mim. Apesar de ter planeado a aplicação de um jornal didático nesta regência, a mesma acabou por não contar com a presença deste recurso. Os motivos que estiveram na base desta decisão relacionam-se, mais vez, com condicionalismos relacionados com as planificações: as cinco semanas letivas iniciais foram destinadas à recuperação de conhecimentos, em virtude do confinamento do ano letivo anterior e pelo fim do semestre se estar a aproximar. Tendo em conta este panorama, priorizaram-se os temas relacionados com a História de Portugal, como por exemplo a Implantação do Liberalismo.

Seguem-se temas como a Colonização (5%), Descobrimentos (5%), Antigo Regime (4%), Inquisição (4%), Revolução Americana (4%), Renascimento (4%), e o Iluminismo (4%). Um dos aspetos que une alguns dos temas previamente elencados que obtiveram percentagens mais reduzidas é o facto dos mesmos, na sua generalidade, serem lecionados em língua inglesa devido ao projeto CLIL no qual esta turma se insere. Tal pode significar que nestes casos, os alunos sintam uma maior necessidade de serem motivados para as temáticas em estudo.

A quarta questão – *“Com que frequência lêes jornais?”* – procurava aferir os hábitos de leitura de imprensa por parte dos alunos do 8.º X, após a aplicação de um recurso de aprendizagem relacionado diretamente com a imprensa. Pretendia-se ainda,

através desta questão, estabelecer um termo comparativo entre as respostas obtidas a esta questão e as respostas obtidas no Inquérito de Diagnóstico.

A questão de escolha múltipla contemplava quatro opções: a) Diariamente; b) Uma vez por semana; c) Uma vez por mês; d) Quase Nunca. Tal como se pode constatar pela análise do Gráfico 15, nenhum dos discentes inquiridos revelou ler jornais diariamente (o que nos remete, obviamente, para a inexistência de hábitos de leitura).



Uma percentagem de 71% (20 inquiridos) revelou que quase nunca lia jornais. Por outro lado, 18% (5 alunos) afirmaram ler jornais uma vez por mês, enquanto 11% (3 alunos) assumem ter alguns hábitos relacionados com a leitura de imprensa, que se manifestam, pelo menos, uma vez por semana. Estes resultados demonstram que apesar de, na sua generalidade, os alunos do 8.º X considerarem útil estratégias ou recursos de aprendizagem relacionados com a aplicação da imprensa poucos são os que mantêm qualquer relação com a imprensa fora do âmbito escolar.

É ainda importante neste contexto recuperar os dados do Inquérito de Diagnóstico, no qual foi possível constatar que uma percentagem de 60% dos inquiridos não possuía hábitos de leitura de imprensa fora do ambiente escolar. Deste modo, é possível aferir uma ausência evolutiva do 8.º X nesta questão: experiências pedagógicas em sala de aula, não se refletem na alteração de hábitos familiares, neste caso a leitura regular da imprensa diária ou semanal.

A última questão – “*Que tipo(s) de jornais costumas ler?*” - procurava proceder a um levantamento relativamente ao tipo de jornais que o 8.º X mais dedicava a sua atenção. Os Jornais digitais e desportivos destacam-se como os que mais cativam a sua atenção. Por outro lado, vários inquiridos assumem ler jornais impressos no caso dos mesmos conterem algo que vá ao encontro dos seus interesses pessoais.

A aplicação deste Inquérito Final ao 8.º X, permitiu alcançar ilações muito interessantes relativamente à temática em estudo.

No geral, esta turma conseguiu retirar proveito deste recurso: como motivação para a temática da aula, a nível da simplificação dos conteúdos, ou até como material de estudo. Não obstante, o mesmo não foi suficiente no sentido de alterar os seus hábitos de leitura de imprensa. Creio que terá faltado uma segunda aplicação de um jornal didático, no sentido de ser possível estabelecer um termo comparativo e evolutivo da turma neste sentido.

As ilações retiradas no subcapítulo “*Wittenberg Tachebuch – Os escândalos da Igreja Católica ao rubro!*”, no qual foi descrita a aplicação do jornal didático com o mesmo nome, cruzam-se, de certo modo, com as conclusões retiradas após a análise detalhada das vinte e oito respostas obtidas no Inquérito Final dirigido a esta turma.

2.5.2. No 9.º Z

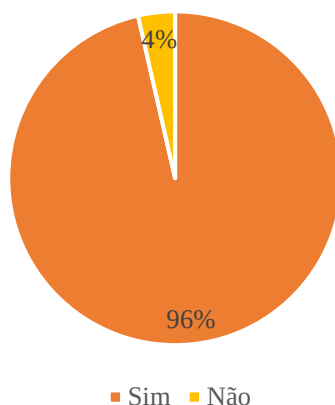
O Inquérito Final aplicado ao 9.º Z – “*Questionário Final sobre a utilização de jornais didáticos aulas de História – 9.º ano*”, era composto por nove questões que, à semelhança do inquérito anterior, ia ao encontro aos objetivos previamente elencados no ponto “*A Hora da Verdade*”.

A aplicação deste inquérito procurava conhecer a opinião dos inquiridos relativamente aos dois jornais didáticos aplicados: “*Le Figaro – A arte europeia responde ao clima de inquietação que se faz sentir*” e “*Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder*”. Por outro lado, pretendia ainda apurar se os dois recursos foram, ou não, proveitosos para estes estudantes e se lhes é reconhecida, ou não, alguma pertinência.

Tendo presente o facto de terem sido aplicados dois jornais didáticos nesta turma, foi possível estabelecer um termo comparativo entre as duas experiências realizadas. O 9.º Z, composto por trinta elementos, submeteu vinte e oito respostas a este Inquérito Final, sendo que o mesmo pode ser consultado na íntegra na secção “Anexos” - Anexo 12.

A primeira questão – “*Consideras pertinente a aplicação de jornais didáticos nas aulas de História?*”, procurava analisar a pertinência que os alunos do 9.º Z reconheciam na utilização deste recurso em específico nas aulas de História. Os resultados demonstraram-se animadores: 27 alunos atestaram a sua utilidade no contexto de ensino-aprendizagem, o que corresponde a uma percentagem de 96%. Apenas 1 aluno (4%) não reconheceu qualquer utilidade subjacente à sua aplicação (Gráfico 16).

Gráfico 16- "Consideras pertinente a utilização de jornais didáticos nas aulas de História?" - Inquérito Final 9.º Z



A questão seguinte procurava compreender as respostas submetidas na questão anterior. Apesar de apenas um aluno ter afirmado que não atribuía utilidade à aplicação deste recurso em sala de aula, nenhuma das justificações obtidas foi ao encontro desta opção. Assim, todas as respostas exaltavam e justificavam a utilidade da aplicação de jornais em sala de aula.

Posto isto, a generalidade dos discentes revelou que a aplicação de jornais didáticos nas regências sobre os *Movimentos de Vanguarda do século XX* e o *Fascismo Italiano* facilitou a aprendizagem e consolidação dos conteúdos. Um aluno mencionou que a aplicação de jornais didáticos nas aulas de História se revelou como um auxílio, no sentido de simplificar os temas, tornando a aula segundo o mesmo, “mais divertida” (Aluno E).



“[A utilização dos jornais em sala de aula] ajuda-nos a perceber melhor a matéria de uma forma mais criativa e divertida.”

— Aluno E

Um aluno afirmou, em resposta a esta questão, que através da aplicação de jornais didáticos, as aulas se revelaram menos teóricas, uma vez que a própria experiência acabou por também cativar os alunos para a temática da aula (Aluno F).

“Achei uma experiência engraçada, pois é uma boa maneira de cativar os alunos e também para não ser uma aula tão teórica.”

– Aluno F

Um dos objetivos inerentes à aplicação de jornais didáticos nas aulas de História, tal como já foi mencionado, seria o de “transportar” os alunos para época em estudo, fazendo com que os mesmos se sentissem parte da História, além de todos os objetivos relacionados com a sua motivação relativamente aos conteúdos a desenvolver. Deste modo, e através da leitura das respostas a esta questão, pode afirmar-se que esse objetivo foi, na sua generalidade, alcançado: vários alunos reconheceram que a aplicação do jornal didático, quer no contexto de lecionação dos *Movimentos de Vanguarda do século XX*, quer no contexto do *Fascismo Italiano*, os transportou para a época em estudo, facilitando-lhes uma perceção mais real dos conteúdos lecionados (Aluno G).

“Acho útil para nós podermos ter uma perceção de como eram as coisas antigamente como se estivéssemos mesmo no passado a ler um jornal.”

– Aluno G

De facto, e segundo as palavras de alguns alunos do 9.º Z, através da aplicação deste recurso, os conteúdos ganharam uma nova e real dimensão, como se estivessem de facto a viver os momentos históricos neles relatados.

“Penso que é interessante pois ganhámos um ponto de vista [relativamente aos conteúdos] com um carácter mais realista, como se estivéssemos a viver a História.”

– Aluno H

A Questão 2 – “Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal “Le Figaro – A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente”, aplicado nas aulas sobre os *Movimentos de Vanguarda do século XX*” – procurava apurar a

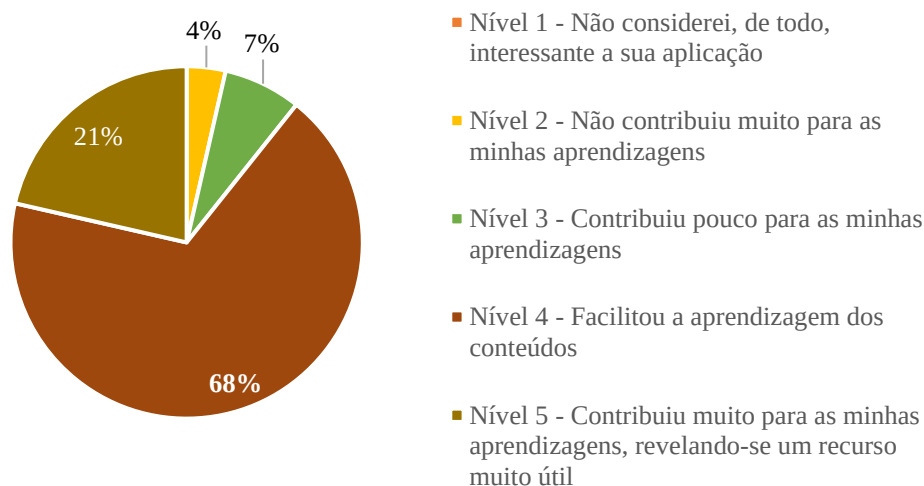
avaliação que os inquiridos fizeram do recurso aplicado no contexto de leção do *Movimento de Vanguardas do século XX*. Para este fim, adotou-se a *Escala de Likert*, composta por cinco níveis: 1- Não considerei, de todo, interessante a sua aplicação; 2 – Não contribuiu muito para as minhas aprendizagens; 3 – Contribuiu pouco para as minhas aprendizagens; 4- Facilitou a aprendizagem dos conteúdos e 5 – Contribuiu muito para as minhas aprendizagens, revelando-se um recurso muito útil.

Os resultados a esta questão podem ser consultados no Gráfico 17. Os mesmos centraram-se, na sua maioria, no Nível 4 (facilitou a aprendizagem dos alunos) com uma percentagem de 68% (19 alunos); 21% (seis alunos) classificou a aplicação deste recurso didático com o Nível 5 (contribuiu muito para as minhas aprendizagens, revelando-se um recurso muito útil); os níveis 2 e 3 obtiveram uma percentagem de 4% e 7%, respetivamente.

O Nível 1 não foi utilizado por nenhum dos inquiridos, o que se revela como um fator positivo, uma vez que os alunos desta turma consideraram a aplicação deste recurso pertinente (ainda que em alguns casos a mesma fosse reduzida).

Uma vez que os temas relacionados com a arte foram recebidos pelo 9.º Z com alguma falta de motivação, tendo em conta as respostas obtidas nesta questão, pode concluir-se que a aplicação deste jornal didático se traduziu num fator de motivação relativamente à temática em estudo.

Gráfico 17- "Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal didático "Le Figaro - A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente" nas aulas sobre os movimentos de vanguardas do século XX" – Inquérito Final 9.º Z

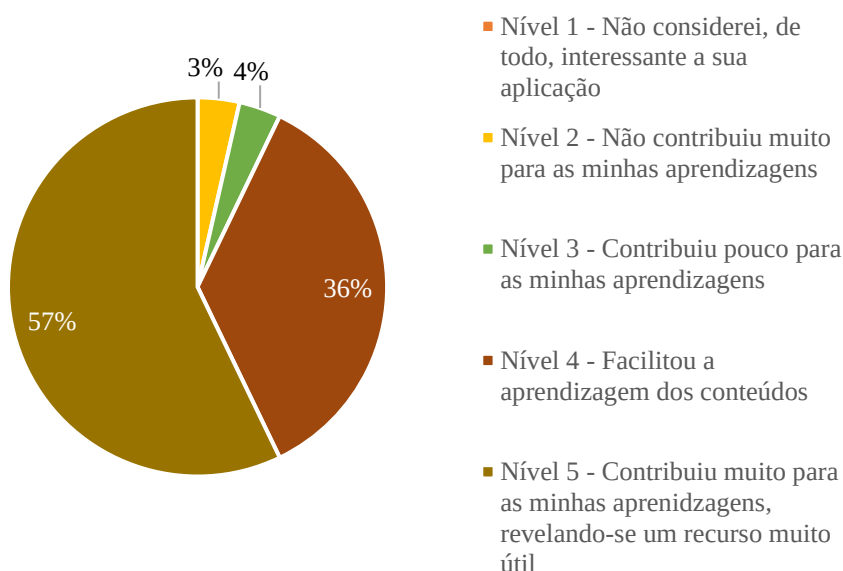


A terceira questão – “*Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal “Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder”*”, nas aulas de História sobre o fascismo italiano” - objetivava aferir a classificação que os discentes do 9.º Z conferiam à aplicação do recurso supramencionado.

À semelhança da questão anterior, foi adotada para este fim, a *Escala de Likert* distribuída em cinco níveis: 1- Não considerei, de todo, interessante a sua aplicação; 2 – Não contribuiu muito para as minhas aprendizagens; 3 – Contribuiu pouco para as minhas aprendizagens; 4- Facilitou a aprendizagem dos conteúdos; 5 – Contribuiu muito para as minhas aprendizagens, revelando-se um recurso muito útil.

Uma percentagem de 57% (16 alunos) classificou o jornal didático aplicado no contexto do fascismo italiano com o Nível 5 (contribuiu muito para as minhas aprendizagens, revelando-se um recurso muito útil). O nível 4 foi selecionado por dez estudantes, o que corresponde a uma percentagem de 36%. Os níveis 2 e 3 obtiveram uma percentagem de 3% e 4%, respetivamente. Por fim, o Nível 1 com uma percentagem de 0%, o que se concretiza como um fator positivo, legitimando a pertinência e utilidade inerente a este recurso.

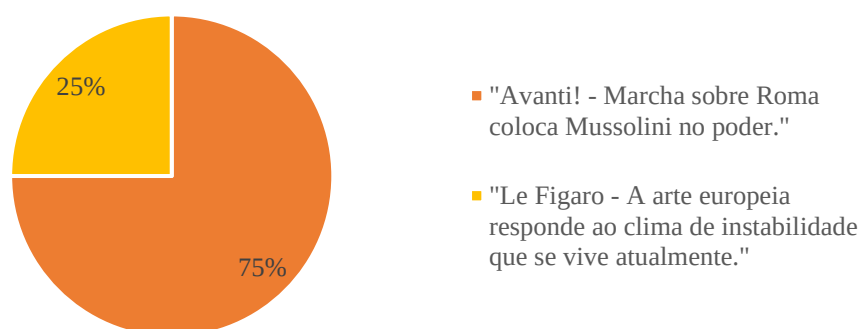
Gráfico 18- “Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal “Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder” nas aulas sobre o fascismo italiano” – Inquérito Final 9.º Z



A quarta questão – “*Das duas aplicações do jornal didático nas aulas de História, qual a que mais gostaste?*” - procurava tomar conhecimento do jornal didático que os inquiridos mais tinham gostado. Tendo presente os dados do Gráfico 19, conclui-se que

o jornal “*Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder*”, foi o que os alunos do 9.º Z mais apreciaram, numa percentagem de 75% (21 discentes). Este resultado contrastava com a percentagem de 25% atribuída ao jornal didático “*Le Figaro – a arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente*”.

Gráfico 19- "Das duas aplicações do jornal didático nas aulas de História, qual a que mais gostaste?" – Inquérito Final 9.º Z



Estes resultados revelaram-se uma verdadeira surpresa, por vários motivos. Tal como referido, aquando da descrição da aplicação do jornal didático “*Avanti!*”, a motivação da turma em relação à aplicação deste recurso pareceu-me ficar muito aquém da aplicação anterior do jornal didático “*Le Figaro*”. Tal impressão relacionou-se com o facto do 9.º Z não ter procedido à leitura do jornal em casa, tal como foi solicitado, e não terem realizado o desafio que mesmo propunha.

Vários dos inquiridos justificaram a opção anterior argumentando considerarem o tema do *Fascismo Italiano* “mais interessante”, quando comparado aos *Movimentos de Vanguarda do século XX*. Assim, o motivo primordial que orientou a escolha anterior foi uma questão relacionada com as suas preferências curriculares e não as características particulares de cada recurso.



“Não considero a arte europeia do século XX um tema interessante, quando comparado com o tema do fascismo italiano.”

— Aluno I

Não obstante, alguns dos inquiridos que optaram, neste sentido, pelo jornal didático “*Le Figaro*”, justificam a sua escolha pelo facto do mesmo, comparativamente

ao jornal “*Avanti!*”, conter mais curiosidades sobre o tema e ter auxiliado estes alunos nas suas aprendizagens e no estudo individual.

“Gostei mais do “*Le Figaro*” porque tinha conteúdo mais interessante e foi mais útil para a minha aprendizagem.”

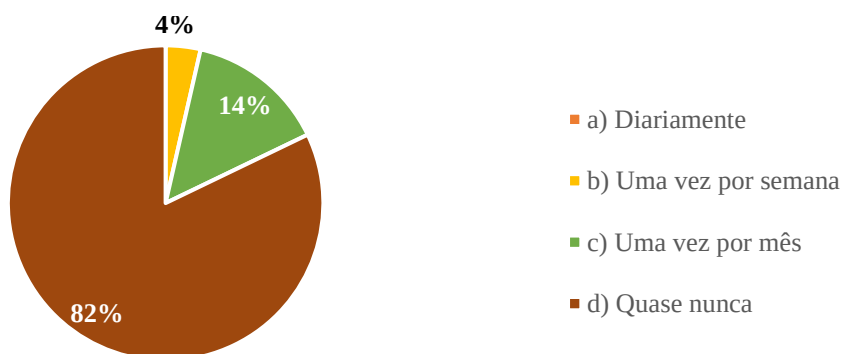
– Aluno J



A quinta questão – “*Em que outros temas de História consideras útil a aplicação deste recurso?*” - procurava ser possível realizar um levantamento de outros conteúdos curriculares da disciplina de História onde, segundo os inquiridos, se justificasse a aplicação deste recurso. As respostas, contrariamente às que foram obtidas no Inquérito Final dirigido 8.º X, revelaram-se extremamente vagas, daí não ter sido possível compilar as mesmas em nenhum gráfico. Se alguns inquiridos responderam que não sabiam, outros consideram que “*qualquer tema de História justifica a utilização de um recurso deste género*”. Vários responderam ainda, de uma forma pouco específica, que seria útil a aplicação do jornal didático em conteúdos referentes a “Revoluções” e “Guerras”. Todavia, e de uma forma mais objetiva, alguns dos inquiridos assumiram que seria útil aplicar este recurso no contexto de lecionação da I e II Guerra Mundial, no Estado Novo e na Guerra Fria.

A questão seis – “*Com que frequência lêes jornais?*” - procurava apurar a evolução ou não, dos hábitos de leitura de imprensa desta turma após a aplicação de duas estratégias de aprendizagem diretamente relacionadas com a mesma. Era uma questão de escolha múltipla, contendo um total de quatro opções: a) Diariamente; b) Uma vez por semana; c) Uma vez por mês; d) Quase Nunca.

Gráfico 20 - “Com que frequência lêes jornais?”-Inquérito Final 9.º Z



Tal como se pode constatar pelo Gráfico 20, nenhum dos inquiridos afirmou ler jornais diariamente. Este dado não se revelaria tão desanimador se em 28 alunos, 23 afirmassem que quase nunca liam jornais (82%). Contudo, 4 alunos responderam que liam jornais pelo menos uma vez por mês (14%) e apenas 1 aluno respondeu assumiu ler jornais pelo menos uma vez por semana (4%).

Comparando-se os resultados da obtidos nesta questão com as conclusões retiradas do Inquérito de Diagnóstico, conclui-se que os hábitos de leitura de imprensa dos alunos da turma 9.º Z não sofreram, também, qualquer alteração - sendo os mesmos bastante reduzidos.

Pode concluir-se que ambas as estratégias aplicadas foram bem recebidas nesta turma e os objetivos inerentes à sua aplicação em contexto escolar foram, na sua generalidade, alcançados. Os alunos encontraram neste recurso pedagógico-didático vários benefícios para as suas aprendizagens, para a consolidação de conhecimentos - tornando-se um auxílio no seu estudo individual. Por outro lado, este recurso revelou-se útil na motivação dos alunos para a disciplina e conteúdos a lecionar, o que ficou mais visível com a aplicação do jornal didático inserido no Movimento de Vanguardas do século XX. Independentemente da aplicação de jornais didáticos em sala de aula, os hábitos de leitura dos inquiridos, pelo menos naquilo que à imprensa diz respeito, não sofreram alterações: os alunos continuam sem revelar hábitos de leitura jornalística.

2.6. Jornalistas por um dia - A sala de aula como uma redação

A aplicação de jornais didáticos nas aulas de História foi explorada tendo na sua base dois meios de aplicação diferentes. O primeiro – “*O Jornal Didático nas aulas de História*” - consistia na exploração de jornais didáticos construídos de raiz e devidamente enquadrados nos conteúdos curriculares a serem lecionados. Este primeiro molde de aplicação foi transversal às três turmas envolvidas no estudo: 8.º X, 9.º Z e 11.º Y.

O segundo consiste na construção de jornais pelos alunos como forma de avaliação formativa e que procura a reflexividade dos discentes face aos conteúdos, o desenvolvimento do seu espírito crítico e da empatia histórica.

As experiências que se desenrolaram neste contexto foram desenvolvidas apenas numa única turma: o 11.º Y, composto por um total de 24 alunos. As razões que justificam esta escolha são várias: em primeiro lugar, procurou-se não “sobrecarregar” o presente estudo, tendo em conta que o mesmo é composto por duas componentes práticas distintas dentro da mesma temática. Por outro lado, as duas turmas envolvidas nesta investigação faziam parte do Ensino Básico (8.º X e 9.º Z) e, por isso, possuíam uma carga horária reduzida à disciplina de História. Por outro lado, a Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves tinha, no ano letivo 2020/2021, adotado o sistema de semestralidade entre as disciplinas de História e Geografia ao nível do 3.º ciclo. Deste modo, as duas turmas de Ensino Básico apenas tiveram aulas à disciplina de História entre os meses de setembro e fevereiro. O último fator que justifica a escolha acima apresentada, prende-se com o facto de a turma selecionada – 11.º Y – pertencer ao Ensino Secundário possuindo, à partida, maior maturidade e espírito crítico relativamente aos conteúdos estudados e os mesmos serem lecionados de forma mais aprofundada.

A realização desta tarefa comporta vários objetivos que vale a pena elencar: a) aferir o conhecimento dos alunos relativamente aos conteúdos da disciplina, promovendo processos contínuos de metacognição através desta tarefa; b) identificar possíveis lacunas no processo de aprendizagem dos estudantes; c) promover uma avaliação formativa relativamente aos conteúdos sobre os quais a elaboração do jornal se debruça; d) desenvolver junto dos discentes, aspetos como a criatividade, espírito crítico, empatia e reflexividade histórica, relativamente aos conteúdos nos quais a construção individual deste recurso pelos discentes se insere.

Foram desenvolvidas duas atividades junto do 11.º Y: a primeira ocorreu no final do 1.º período, em dezembro de 2020, no contexto dos conteúdos relacionados com a governação do Marquês de Pombal (1756-1777). A segunda ocorreu em março de 2021, no contexto da lecionação dos conteúdos relacionados com a Implantação do Liberalismo em Portugal. O modelo de realização de ambos os jornais didáticos pelo 11.º Y ocorreu de formas e em contextos diferentes – explicados detalhadamente adiante.

Foi pensada uma terceira atividade com esta turma que teria lugar durante o 3.º período, no contexto de lecionação do domínio “*A civilização industrial – economia e sociedade; nacionalismos e choques imperialistas*” e do subdomínio “*A Sociedade Industrial e Burguesa*”. Lamentavelmente, não foi possível desenvolver junto dos discentes a atividade pensada por conjunturas adversas à sua realização e que também serão esclarecidas no subcapítulo “*Ficar a ver navios*”.

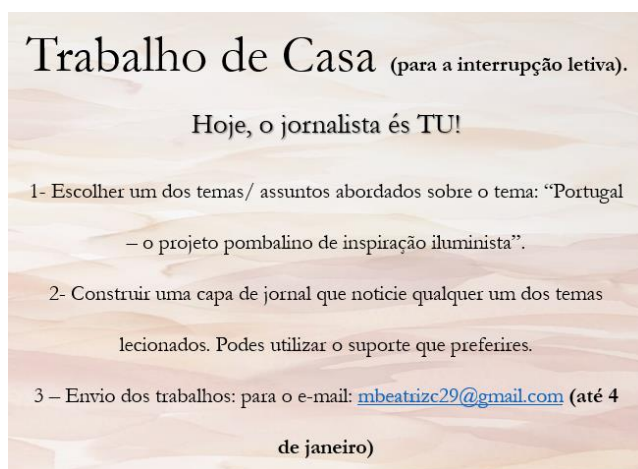
A aplicação inicial da atividade em sala de aula não esteve isenta de dificuldades, o que obrigou a uma reconfiguração da primeira para a segunda. Essas dificuldades serão mencionadas e exploradas nos pontos seguintes.

2.6.1. “Antes da bonança vem a tempestade” – Atividade I

A primeira atividade realizou-se no seguimento das regências lecionadas por mim nos dias quatorze e dezassete de dezembro de 2020. Ambas as aulas focavam no *Projeto pombalino de inspiração iluminista*, durante a governação de Sebastião José Carvalho e Melo (1756-1777). Segundo o documento das *Aprendizagens Essenciais* (2018), a leção deste tema insere-se no domínio “*A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais*” e no subdomínio “*A Construção da Modernidade Europeia*”⁴⁸, tendo como um dos seus objetivos (embora o mesmo não seja contemplado pelo documento das *Aprendizagens Essenciais*), integrar as medidas do Marquês de Pombal nos padrões do pensamento iluminista, analisando as várias reformas executadas no campo do ensino, das finanças e a nível social, bem como outros acontecimentos marcantes desta governação.

No final da aula, foi solicitado ao 11.º Y, como trabalho de casa a ser realizado durante a interrupção letiva do Natal, a construção de uma capa de jornal que abordasse qualquer um dos conteúdos lecionados em ambas as aulas no contexto da Governação Pombalina e que o mesmo fosse apresentado sob forma de notícia. A tarefa foi apresentada através de um slide projetado em sala de aula sob o mote: “*Hoje, o(a) jornalista és tu!*” (Figura 13). Os moldes de realização subjacentes à tarefa proposta aos alunos foram esclarecidos, tendo como base o slide apresentado na Figura 33 complementado com explicações orais que conferiram aos estudantes todas as informações necessárias à elaboração da tarefa.

Figura 13- Apresentação da primeira atividade ao 11.º Y



⁴⁸ https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_historia_a.pdf [consultado em julho de 2021]

Os conteúdos específicos que os estudantes podiam escolher no contexto desta atividade eram: a) a reforma das instituições do Estado no período pombalino; b) a submissão das forças sociais, destacando-se o Processo dos Távoras (1758-1759), a expulsão do reino dos Jesuítas (1759) e o Motim da Companhia (1757); c) o Terramoto de Lisboa de 1755; d) o reordenamento urbano de inspiração iluminista; e) a reforma educativa de inspiração iluminista. Todavia, foi dada liberdade aos discentes no sentido de optarem por uma temática que não estivesse presente no manual ou que não tivesse sido lecionada nas regências sobre este tema. Contudo, a mesma deveria cumprir as diretrizes acima referidas, enquadrando-se obrigatoriamente no período governativo de Sebastião José Carvalho e Melo.

No que se refere ao suporte para a construção dos seus trabalhos, foi dada liberdade aos alunos na sua escolha, embora tenham sido feitas algumas sugestões, como o uso do *Flipsnack* e *Canva's*.

Os objetivos inerentes à realização desta tarefa eram: a) promover uma avaliação formativa relativamente aos conteúdos lecionados sobre o período governativo de Sebastião José Carvalho e Melo (1756-1777); b) permitir o desenvolvimento de competências nos alunos como a empatia histórica, criatividade e espírito crítico; c) aferir as competências dos alunos a nível escrito, essenciais na disciplina de História.

Tendo como ponto de referência os objetivos traçados, foram alinhavados os critérios de avaliação pelos quais este trabalho se iria orientar. Apesar do sistema de avaliação pensado ter sido quantitativo, com uma ponderação máxima de 200 pontos, o mesmo acabou por ser convertido para um sistema qualitativo. Os três grandes critérios sobre os quais a avaliação deste trabalho se alicerçou foram: a originalidade da apresentação, o conteúdo do recurso criado pelos estudantes e, por fim, a correção escrita.

Ao critério referente à **originalidade da apresentação** foi atribuída uma ponderação de sessenta e cinco pontos. Este critério relaciona-se com a estrutura visual do recurso e se o mesmo engloba os elementos que permitam a sua identificação como um jornal (por exemplo: a manchete, o título, a data ...). Para corresponder a este critério os alunos poderiam utilizar como base de auxílio o jornal didático “*Gazeta de Lisboa: a Terra Rugiu e Rasgou!*”, previamente explorado em aula e, claro, dar asas à imaginação!

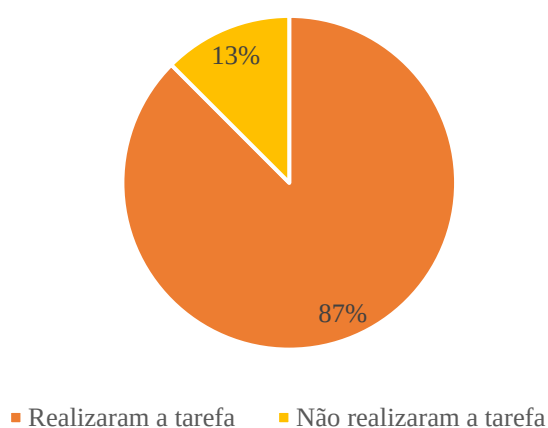
Ao critério seguinte, o que incidia no **conteúdo do jornal construído** foi conferida uma ponderação de noventa pontos, sendo esta a mais elevada dos três critérios definidos.

Este critério procurava aferir a diversidade científica presente no recurso construído individualmente, nomeadamente através das fontes que o sustentaram e a rentabilização que delas souberam retirar. Por outro lado, este critério procurou avaliar o tratamento que os alunos fizeram do tema, nomeadamente através da mobilização dos seus conhecimentos relativamente aos conteúdos nos quais a realização deste trabalho se inseria e se o mesmo foi trabalhado com a necessária correção científica.

O último critério referia-se à **correção escrita** - e foi pontuado com quarenta e cinco pontos. Este critério revelou-se essencial, considerando o teor da tarefa e a forma como a mesma se relaciona com a capacidade de escrita – considerando-se que a expressão escrita se encontra inerente ao sucesso dos alunos à disciplina de História.

A tarefa foi recebida com entusiasmo pela generalidade dos alunos e imediatamente alguns deles colocaram dúvidas e solicitaram orientação a nível de ferramentas e materiais que podiam usar e sobre os temas que queriam desenvolver. Num total de 24 alunos, 21 realizaram a tarefa, o que corresponde a uma percentagem de 87%. Apenas 3 alunos não entregaram o trabalho, o que corresponde a uma percentagem de 13% (Gráfico 21).

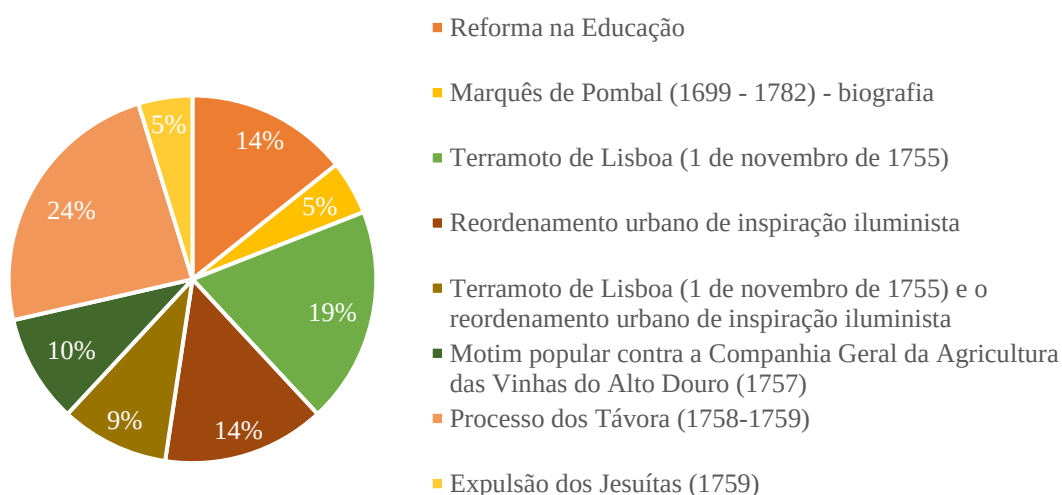
Gráfico 21- Adesão do 11.º Y à primeira atividade



Todos os alunos do 11.º Y se cingiram aos temas contemplados no manual e aos que foram abordados em sala de aula. Tal como se pode constatar pela análise do Gráfico 22, o tema mais escolhido pelos discentes foi o controverso Processo dos Távoras (1758-1759) com uma percentagem de 24% (5 alunos). Esta percentagem pode ser explicada pelo destaque conferido a este tema em sala de aula, na qual foram aplicadas duas

estratégias de aprendizagem que se destinaram a dar a conhecer aos alunos o desenrolar deste processo, as suas motivações e consequências. Foi dado aos alunos um recurso didático sobre a forma de carta ficcional previamente construída por mim, mas atribuída a D.^a Teresa de Távora, amante do monarca D. José I: nela eram explicadas as possíveis motivações que justificariam, à partida, o envolvimento da família na suposta tentativa de assassinato do rei português. Posteriormente, foi projetado em aula um vídeo retirado da série original da RTP1 - “*O Processo dos Távora*” (2001), que resumia a execução pública dos principais membros masculinos da família Távora e da própria Marquesa de Távora. A aplicação de ambos os recursos motivou os alunos para este acontecimento histórico, já que se mostraram verdadeiramente curiosos em relação ao mesmo, fazendo perguntas e esclarecendo dúvidas. Assim, acredito esta curiosidade justifica a percentagem obtida a nível da escolha do tema de capa de jornal.

Gráfico 22 - Temas escolhidos pelo 11.º Y na primeira atividade



Ainda neste sentido, segue-se o tema referente ao Terramoto de 1 de novembro de 1755, com uma percentagem de 19% (4 alunos). Contudo, dois estudantes optaram por noticiar o terramoto de 1755 interligando-o com o posterior reordenamento urbano de conceção iluminista (9%). Desta forma, considereei necessário distinguir em termos percentuais os alunos que se cingiram a descrever os acontecimentos referentes à catástrofe natural e às suas consequências sociais e demográficas, daqueles que o fizeram ligando o tema à reconstrução da cidade de Lisboa. Ainda sobre a seleção temática, 14%

dos discentes do 11.º Y (3 alunos), escolheram noticiar, única e exclusivamente, o reordenamento urbano de conceção iluminista que se seguiu ao terramoto de 1755.

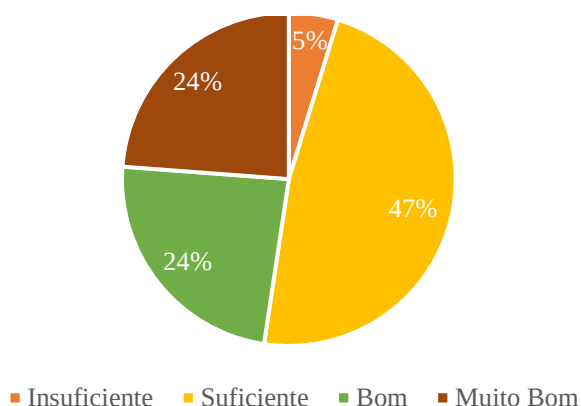
Acredito que as motivações que justificam a escolha de vários alunos das temáticas referentes tanto ao terramoto de 1755, como do posterior reordenamento urbano da cidade de Lisboa se encontre relacionada com a aplicação em sala de aula do jornal didático “*Gazeta de Lisboa: a Terra Rugiu e Rasgou!*”, que focou estes temas - o que pode ter significado uma maior facilidade de realização desta tarefa, bem como uma curiosidade maior em relação aos mesmos.

Três alunos do 11.º Y escolheram como tema a desenvolver a reforma educativa no período pombalino. Os três trabalhos realizados, porém, abordam temáticas diferentes: enquanto dois alunos optaram por noticiar as teorias educativas de Renato Ribeiro Sanches e Luís António Verney, uma outra aluna optou por abordar, especificamente, a reforma no campo das ciências. Com uma percentagem de 10% (2 alunos), segue-se o Motim contra a Companhia de Agricultura das Vinhas do Alto Douro ocorrido em 1757. Coincidência, ou não, este tema foi escolhido pelos dois alunos que foram mais longe do que a proposta de trabalho sugeria e construíram um jornal completo sobre esta temática.

Com percentagens menos significativas, segue-se a Expulsão dos Jesuítas do reino em 1759 e a vida e obra governativa de Sebastião José Carvalho e Melo, ambas com uma percentagem de 5% (um aluno).

Os resultados foram expressos qualitativamente. Tal como se pode depreender tendo em linha de conta o Gráfico 23, a generalidade dos resultados alocou-se no *Suficiente*, com uma percentagem de 47%. Cinco estudantes obtiveram a classificação *Muito Bom* e outros cinco uma classificação *Bom*, o que se traduz numa percentagem de 24% em ambos os casos. Apenas um aluno foi classificado com nível negativo – *Insuficiente*, por não cumprir, de todo, com os parâmetros da tarefa solicitada (5%).

Gráfico 23 - Distribuição das classificações do 11.º Y na primeira atividade



Tal como nos dá a entender o título adotado para descrever a aplicação desta primeira atividade, a sua realização não correu de todo como se esperava e não esteve isenta de obstáculos. Apesar de os alunos manifestarem inicialmente algum entusiasmo com a atividade, a verdade é que a curiosidade e interesse iniciais se desvaneceram gradualmente. Ao longo da correção dos trabalhos entregues foi, por várias vezes, detetado plágio de páginas da internet, nomeadamente no website *Wikipédia*, o que terá contribuído para a desvalorização do trabalho de alguns.

Inicialmente, considerei que o 11.º Y estivesse à vontade com a imprensa, pelo facto desta turma ter previamente trabalhado este tema no contexto disciplinar específico de Português e por não terem sido verificadas dúvidas por parte dos alunos relativamente à definição do termo “*imprensa*” durante a realização do Inquérito de Diagnóstico e pelo mesmo ter também demonstrado que 60% dos estudantes inquiridos tinham trabalhado jornais em variados contextos disciplinares. Por outro lado, aquando da exploração do jornal didático “*A Gazeta de Lisboa – A Terra rugiu e rasgou!*”, não foram colocadas qualquer tipo de dúvidas relativamente ao recurso aplicado.

Contudo, alguns alunos confundiram um jornal com um cartaz, submetendo trabalhos que por melhores que estivessem a nível de conteúdo não foram ao encontro daquilo que se pretendia com a atividade. Em alguns casos verificou-se a submissão de trabalhos que apenas possuíam textos escritos em prosa desprovidos de um formato físico que permitisse a sua rápida identificação como um jornal.

Em muitos casos constatou-se que alguns estudantes não mobilizaram quaisquer conhecimentos relativamente aos conteúdos lecionados nem estabeleceram relações entre os mesmos, uma vez que em alguns casos foram detetadas meras cópias dos apontamentos retirados em sala de aula. A linguagem jornalística ficou muito aquém daquilo que se previa e detetou-se uma grande lacuna relacionada com evidentes dificuldades no campo da escrita: vários alunos não usaram pontuação, acentos ou conjugaram corretamente verbos.

Perante os acontecimentos que os alunos optaram por noticiar, verificou-se, quase de forma sistemática, uma ausência total de espírito crítico. Durante a correção destes trabalhos foi ainda detetável que alguns estudantes do 11.º Y não tiveram a preocupação de, por exemplo, fazer coincidir a data que colocaram no seu jornal com os

acontecimentos que optaram por noticiar, tal como é possível constatar abaixo, com o trabalho realizado pelo Aluno L.

Figura 14- Excerto da capa de jornal do Aluno L.

Lisboa 4 de novembro de 1745

Marquês de Pombal e o Reordenamento Urbano



Após o terrível terramoto Sebastião José de Carvalho e Melo mais conhecido por Marquês de Pombal, vai se preparar para reconstrução da cidade de Lisboa | através de um reordenamento urbano de conceção iluminista, este vai se preocupar na construção de ruas retilíneas, da construção simétrica dos edifícios, uma melhoria na rede esgotos e por fim e a mais relevante o sistema de gaiola, que irá ser a primeira construção antissísmica da História.

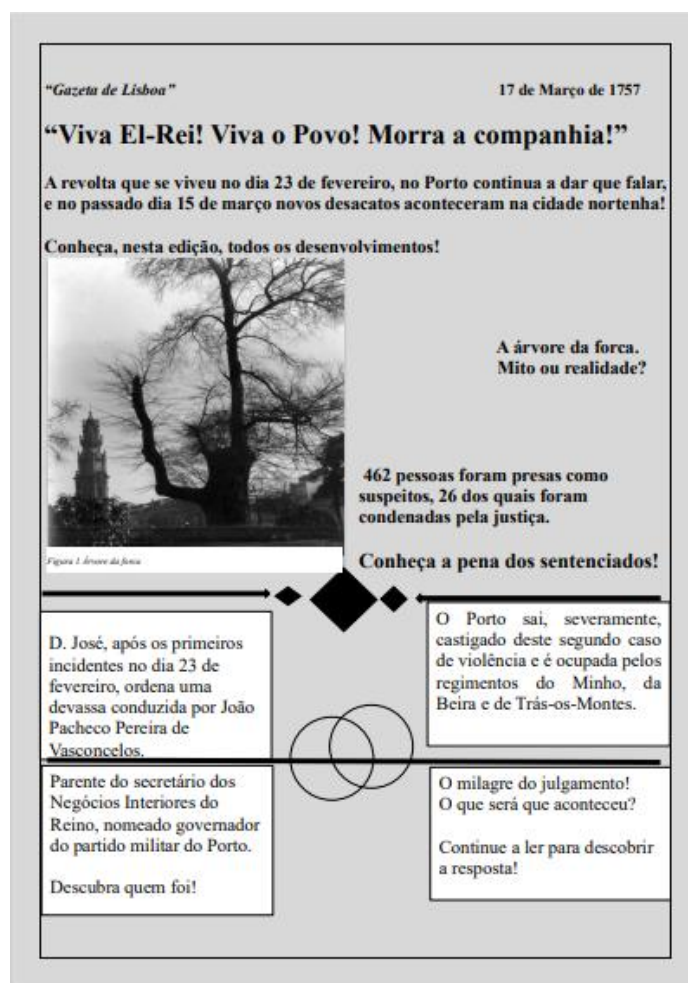
Neste trabalho em específico, o Aluno L não fez coincidir a data escolhida para o seu jornal – 1745, com o decorrer dos acontecimentos noticiados: o terramoto de 1 de novembro de 1755, dez anos mais tarde (Anexo 13). Este não foi um acontecimento isolado e, por isso, revela-se como um fator preocupante, demonstrando que alguns dos discentes do 11.º Y não conseguiram fazer uma correta mobilização dos conhecimentos, acabando por incorrer em anacronismos históricos.

Porém, tal como mostram os resultados, alguns alunos corresponderam ao que se esperava, sendo capazes de noticiar um dos acontecimentos relativos ao governo do Marquês de Pombal, refletindo sobre o tema escolhido e evidenciando o desejável espírito crítico.

Estes fatores são visíveis, por exemplo, no recurso construído pelo Aluno M que procedeu à construção de um jornal completo relativo ao Motim da Companhia da Agricultura das Vinhas do Alto Douro em 1757, realizando a descrição deste acontecimento com grande rigor e detalhe. O discente intercalou, ao longo do seu jornal,

algumas curiosidades sobre o tema, fruto de uma notável pesquisa que ultrapassou os materiais fornecidos em aula e que tornaram a leitura do seu trabalho muito mais apetecível. O recurso construído pelo Aluno M pode ser consultado na íntegra na secção “Anexos” - Anexo 14.

Figura 15- Capa do jornal do Aluno M



Após a correção de todos os trabalhos submetidos e um posterior momento reflexivo, concluiu-se que a sua aplicação não foi de todo perfeita sendo, por isso, necessária uma reformulação do seu teor em vários níveis.

Foram cometidos vários erros, que procurei colmatar na atividade que se seguiu. Em primeiro lugar, partiu-se do princípio de que os alunos do 11.º Y estavam à vontade com a imprensa ou com a sua aplicação em sala de aula. Independentemente das respostas obtidas no Inquérito de Diagnóstico convém ter em presente que o mesmo foi transversal

às três turmas envolvidas no estudo e, por isso, os seus resultados não se referiam em exclusivo ao 11.º Y. Em segundo lugar, acredito que por ser a primeira atividade que estes alunos realizavam, nestes moldes específicos, os mesmos necessitavam que lhe fosse fornecido um guião que contivesse os passos, objetivos e critérios de avaliação do trabalho. A verdade é que à exceção de um slide que pouca informação referente ao trabalho continha, as restantes foram transmitidas oralmente. Não foram dados a conhecer aos alunos previamente os critérios de avaliação pelos quais a tarefa solicitada se iria pautar. Por fim, considero que dada demasiada liberdade aos alunos na escolha dos suportes a utilizar, o que deu origem a trabalhos impossíveis de reconhecer como um jornal. Por fim, mas não menos importante, convém mencionar que o próprio tema escolhido para desenvolver esta atividade não favoreceu plenamente o desenvolvimento do espírito crítico e empatia histórica (salvo raras exceções), objetivos subjacentes a esta tarefa que já foram supracitados.

Posto isto, foi necessário reformular a génese da atividade: construir um guião de apoio aos alunos, ensinar-lhes como se constrói um jornal e escolher cuidadosamente um tema, tendo em conta os objetivos traçados para esta tarefa. Quem sabe se após a tempestade, virá a bonança...

2.6.2. “Depois da tempestade vem a bonança” – Atividade II

A segunda atividade teve em conta as lacunas detetadas na anterior e, por isso, procurei um planeamento ligeiramente diferente. À semelhança da atividade anterior, a segunda procurava que os alunos do 11.º Y construíssem uma capa de jornal inserida também nos conteúdos curriculares. A aplicação desta tarefa mantinha os objetivos da experiência anterior: a) promover uma avaliação formativa relativamente aos conteúdos lecionados sobre a implantação do Liberalismo em Portugal; b) propiciar o desenvolvimento de competências nos alunos como a empatia histórica, criatividade e espírito crítico; c) avaliar as competências dos alunos do 11.º Y a nível escrito, competência essencial, a meu ver, no domínio das competências da disciplina de História.

Segundo o documento das *Aprendizagens Essenciais* (2018), a solicitação desta tarefa inseriu-se no domínio: *O Liberalismo – ideologia e revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX* e no subdomínio: *A Implantação do Liberalismo em Portugal*. Os objetivos subjacentes ao contexto de aplicação desta tarefa e que vão ao encontro das regências lecionadas surgem inseridas nestes conteúdos: a) Problematicar a revolução de 1820 e as dificuldades de implantação da ordem liberal (1820-1834) e b) Interpretar os princípios fundamentais estabelecidos na Constituição de 1822 e na Carta Constitucional de 1826⁴⁹.

Importa referir que as regências tiveram lugar nos dias 22 e 25 de fevereiro de 2021, não contaram com a aplicação prévia de um jornal didático como recurso de aprendizagem. Esta decisão teve na sua base dois motivos: a) não influenciar as escolhas dos estudantes no contexto da realização da tarefa solicitada e b) o facto da aula ter decorrido em período de confinamento, o que se traduziu em mais momentos dedicados a avaliações formativas e revisões, pelo que o tempo dedicado à leção de conteúdos teve de obedecer a alguns ajustes.

A apresentação desta tarefa apenas foi realizada em março de 2021, por ter sido a altura em que se concluiu a leção de todos os conteúdos inseridos no subdomínio: *A Implantação do Liberalismo em Portugal*. A escolha deste tema para promover a realização do recurso, deveu-se ao “confronto” entre as facções liberal e absolutista. Este

⁴⁹ https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_historia_a.pdf
[consultado em julho de 2021]

fator, na minha ótica, revelara-se propício no sentido de atingir um dos objetivos subjacentes à tarefa: desenvolver o espírito crítico dos estudantes, bem como uma maior empatia histórica relativamente aos conteúdos. Por outro lado, a existência de fações (Liberal vs. Absolutista) dificultaria o plágio constante que se verificara na atividade anterior.

Para a concretização do projeto, procedeu-se à divisão aleatória da turma entre absolutistas e liberais, sendo que as capas de jornal construídas individualmente deveriam ir ao encontro da fação para a qual haviam sido selecionados. Esta divisão foi necessária antevendo que caso a mesma ficasse ao critério dos estudantes, a fação liberal seria a mais escolhida- até porque, aparentemente, parecia a mais “fácil”, tendo em conta os documentos em manuais ou as próprias regências.

Os temas relacionavam-se com os conteúdos lecionados nas aulas de 22 e 25 de fevereiro. Eis alguns exemplos: o Grito do Ipiranga (1822), Vila Francada (1823), Abrilada (1824), Abdicação de D. Pedro IV da coroa portuguesa em favor da filha D.^a Maria da Glória (1826), Batalha da Praia da Vitória (1829), Desembarque das Tropas Liberais no Mindelo (1832), Cerco do Porto (1832-1833) e a morte de D. Pedro IV (1834). Contudo e caso desejassem, os alunos poderiam escolher um outro tema que não os acima discriminados, desde que se inserisse nos conteúdos. Apenas uma discente respondeu a este último desafio, optando por noticiar a promulgação, sob o ponto de vista absolutista, da Constituição de 1822.

Tendo presente as dificuldades que os alunos manifestaram relativamente à tarefa anterior, tanto a nível dos seus moldes de realização como no que diz respeito às regras de construção de um jornal, optei pela elaboração de uma apresentação em PowerPoint que se destinava a esclarecer estes dois aspetos. Esta apresentação visava, igualmente, dar a conhecer aos alunos os critérios de avaliação inerentes a esta tarefa. A apresentação construída para o efeito, sob o título “*A sala de aula como uma redação: Proposta de Trabalho II*”, foi projetada no final de uma aula após a leção completa do domínio referente à Implantação do Liberalismo em Portugal sendo posteriormente disponibilizada, em formato digital – Anexo 15.

Tal como anteriormente referido, a apresentação procurou esclarecer as dúvidas que os alunos do 11.º Y tinham revelado após a realização da tarefa anterior, quer no que

concerne ao processo de construção de um jornal bem como dos elementos que dele devem fazer parte.

Deste modo, e baseando-me na obra “*O Jornal em Sala de Aula*”⁵⁰ de Maria Alice Faria, procurei sistematizar os elementos essenciais a ter em conta quando se constrói um jornal e explicar os mesmos aos alunos. Foram explorados os conceitos “*cabeçalho*”, “*manchete*”; “*lead*” e, até, a “*notícia*”. As explicações dadas relativamente aos elementos base de construção de um jornal não foram complexas, procurando antes a sua sintetização no sentido de não confundir os alunos

Os critérios de avaliação escolhidos procuraram ir ao encontro dos objetivos subjacentes à sua realização e, por isso, não diferiram dos critérios adotados na atividade anterior. Apesar de os critérios possuírem, novamente, uma classificação qualitativa, com uma ponderação total de 200 pontos, convém mencionar que, à semelhança da tarefa anterior, as notas foram divulgadas aos alunos qualitativamente. Os 200 pontos distribuíam-se pelos seguintes critérios: a) originalidade da apresentação; b) conteúdo do recurso criado pelos estudantes e, por fim, c) correção escrita.

No que concerne à **originalidade da apresentação** - e tal como previamente mencionado-este critério (pontuado com sessenta e cinco pontos), relaciona-se com a componente visual do recurso elaborado e se o mesmo congregava os elementos que o permitissem identificar como um jornal, pontuado com sessenta e cinco pontos.

O critério seguinte relacionava-se com o **conteúdo do recurso produzido**, sendo-lhe conferida uma ponderação de noventa pontos. Este critério procurava avaliar: o uso que os alunos fizeram das fontes selecionadas no contexto de realização da tarefa, o tratamento dado ao tema escolhido e se representaram corretamente a facção para a qual tinham sido selecionados (o que poderia ser evidenciado no discurso adotado): a mobilização adequada e cientificamente correta dos conhecimentos adquiridos em aula.

O último critério, a **correção escrita** (pontuado com quarenta e cinco pontos) relaciona-se com a componente linguística e procurou avaliar a construção frásica, clareza no discurso bem como a ausência de erros de sintaxe ou escrita.

O prazo de entrega dos trabalhos foi 19 de abril de 2021, período que abarcava as férias da Páscoa e o início do terceiro período. Os trabalhos deveriam ser entregues por

⁵⁰ FARIA, Maria Alice – *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1989.

correio eletrónico ou impresso (fator que ficou ao critério dos estudantes). A data de conclusão acabou por sofrer várias alterações, como adiante será explicado- o que terá constituído uma das motivações para não ser possível desenvolver-se a Atividade III, como estava inicialmente pensado.

A elaboração da apresentação em *PowerPoint* revelou-se fundamental para corrigir alguns dos erros cometidos durante a realização da Atividade I, servindo ainda de guião de apoio para que os alunos conseguissem realizar corretamente a tarefa – aspeto comprovado pelas classificações obtidas e que adiante serão exploradas.

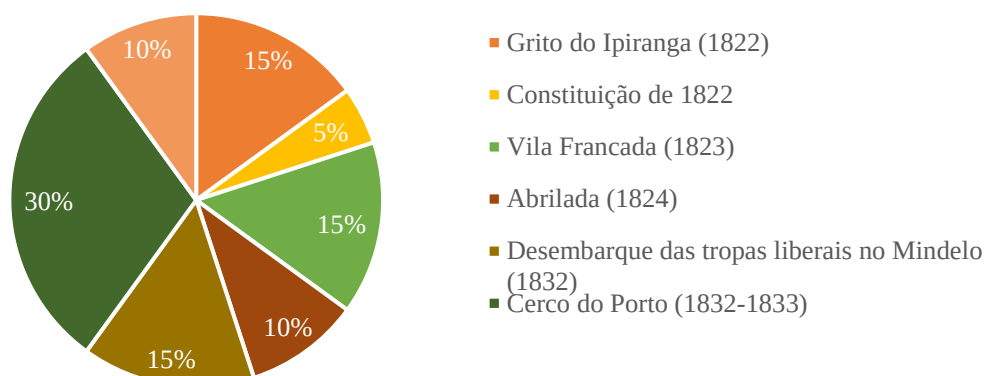
A taxa de adesão à tarefa não diferiu muito da verificada na tarefa anterior: num total de 24 alunos registou-se a entrega de 20 trabalhos, o que corresponde a uma percentagem de 83%. Por outro lado, 4 alunos não entregaram o trabalho solicitado, o que corresponde a uma percentagem de 17% dos estudantes (Gráfico 24)

Gráfico 24 - Adesão do 11.º Y à segunda atividade



No que se refere à escolha das temáticas desenvolvidas e tendo presente através o Gráfico 25, podem retirar-se as seguintes ilações. O tema mais escolhido pelos alunos foi o Cerco do Porto com uma percentagem de 30%, o que corresponde a um total de 6 alunos. Segue-se o Grito do Ipiranga, Vila Francada e o Desembarque das tropas liberais no Mindelo, os três com uma percentagem de 15% (3 alunos por cada um destes temas). Com uma percentagem de 10%, 2 alunos escolheram noticiar a tentativa a revolta de caráter absolutista ocorrida em 1824, conhecida como “Abrilada” (1824).

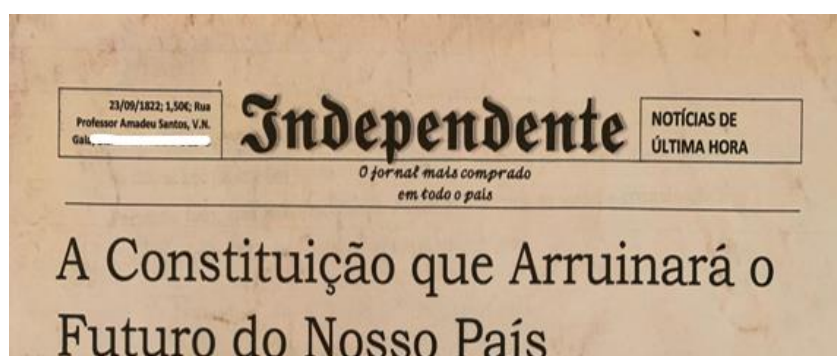
Gráfico 25 - Temas escolhidos pelo 11.º Y na segunda atividade



O tema sugerido na apresentação projetada aos alunos e relativo à abdicação de D. Pedro IV da coroa portuguesa em favor da filha D.^a Maria da Glória não foi escolhido por nenhum dos estudantes. Por outro lado, uma aluna, obedecendo à fação absolutista a que “pertencia”, escolheu noticiar a promulgação da Constituição de 1822.

É neste trabalho que focaremos agora a nossa atenção. O trabalho da Aluna N obedeceu a todos os critérios subjacentes à elaboração de um jornal no qual até elementos como a data (23/09/1822) coincidiam com a data do acontecimento noticiado, revelando um grande cuidado e rigor científico (Figura 16).

Figura 16 - Cabeçalho do jornal da Aluna N



A aluna optou por relacionar a promulgação da Constituição de 1822 com os problemas de teor económico do reino abordando, por exemplo, os tratados de 1808, 1810 e 1815 e ainda a Independência Brasileira - o que se traduziu numa notória mobilização de conhecimentos. Contudo, foi detetado um lapso científico muito específico: a aluna confunde a Revolta Liberal de 24 agosto de 1820 com o Cerco do Porto, este último inserido no contexto da Guerra Civil Portuguesa (1832-1834). Não obstante, não foram encontrados mais erros de cariz científico nesta capa de jornal e a aluna conseguiu noticiar o acontecimento de acordo com a posição política que ocupava: absolutista (Anexo 16).

Apesar da projeção e disponibilização de uma apresentação em formato *PowerPoint* que visava auxiliar os alunos na construção da sua capa de jornal, a verdade é que ainda assim alguns dos discentes continuaram sem conseguir distinguir um jornal de um cartaz.

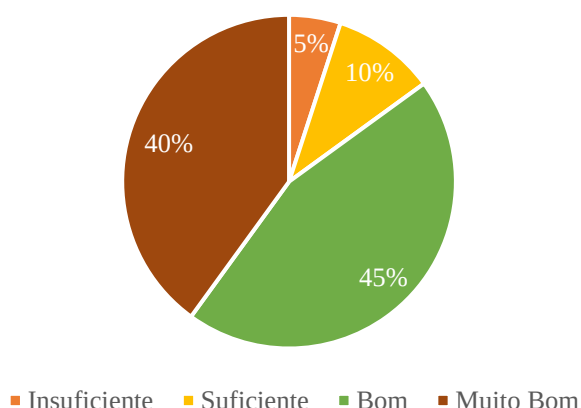
Um dos trabalhos submetidos evidenciou que uma aluna em questão (Aluna O) não compreendeu os objetivos da tarefa: apesar de construir corretamente uma capa de jornal e abordar corretamente o tema (O Grito do Ipiranga) com o rigor e correção científica exigidos, a data do jornal não se insere, de todo, no contexto solicitado aos alunos. A discente optou por noticiar o Grito do Ipiranga ocorrido em 1822, 100 anos mais tarde e em 1922, fazendo da capa de jornal uma edição comemorativa do acontecimento. Assim, a fação política que a estudante ocupava não foi de todo evidenciada, dado que o que ela narrava se desenrolou 100 anos após o acontecimento original. Não obstante, a aluna construiu uma capa de jornal correta do ponto de vista visual e não cometeu erros de cariz científico ou histórico. Por outro lado, o tratamento do tema não foi o melhor, dada a incapacidade de a aluna, por força da data escolhida para a sua capa de jornal, não ter representado a sua fação política (Anexo 17).

Figura 17 - Cabeçalho do jornal construído pela Aluna O



As classificações obtidas nesta tarefa revelaram-se amplamente superiores quando comparadas com as da atividade anterior. Uma percentagem de 45% dos alunos obteve a classificação “Bom” (9 alunos) e 40% dos discentes foram classificados com “Muito Bom” (8 alunos). Apenas dois alunos tiveram Suficiente (10%) e um obteve uma classificação negativa (5%) (Gráfico 26).

Gráfico 26 - Distribuição das classificações do 11.º Y na segunda atividade



A melhoria dos resultados quando comparados com os obtidos na primeira atividade são, na minha ótica, facilmente justificáveis. A motivação dos alunos em relação à realização desta tarefa revelou-se, a meu ver, evidentemente superior, talvez justificado pelo próprio tema (ser mais do interesse dos alunos). Por outro lado, a capacidade argumentativa inerente à realização deste trabalho, tornou-o mais desafiante, permitindo aos discentes uma perspetiva diferente relativamente aos conteúdos adquiridos em aula, desenvolvendo, tal como pretendido o espírito crítico e reflexividade. A realização do projeto ajudou vários discentes no seu processo de estudo e a constatar as suas dúvidas referentes aos conteúdos - que foram sendo esclarecidas à medida que realizavam a sua capa de jornal.

Inquiridos em aula, a generalidade dos estudantes do 11.º Y, afirmou que a realização desta tarefa de “vestirem a pele” de um jornalista do século XIX e recuarem 250 anos, os fez encarar os conteúdos de uma outra forma, como se de alguma forma os tivessem vivido obtendo, por isso, uma perspetiva sobre os mesmos mais crítica e reflexiva. Não obstante, vários estudantes, aquando da realização desta tarefa, referiram o quão difícil era defender algo que não acreditavam e que, por isso, “ser jornalista era tão difícil” ...



“Professora, é tão difícil ser jornalista...”

- Aluno P

Em suma, a realização desta atividade possibilitou a superação das dificuldades evidenciadas aquando da realização da atividade anterior, pelos motivos que foram elencados ao longo deste ponto. Vale a pena frisar que a realização da apresentação que congregou vários aspetos que tinham causado dúvidas nos alunos do 11.º Y aquando da realização da primeira atividade, contribuiu para o dissipar de dúvidas.

Os trabalhos entregues, tal como confirmam as classificações obtidas, revelaram-se mais rigorosos do ponto de vista científico e quase todos possuíam uma reflexão crítica face aos conteúdos – presente, quer a fação do aluno fosse a liberal ou a absolutista. Por outro lado, foi possível detetarem-se lacunas nos conhecimentos dos discentes ou até dúvidas que ainda subsistiam.

A realização desta tarefa em moldes considerados “diferentes” acabou por se transformar como um método de estudo para os discentes, distanciando-se dos extensos resumos, ao mesmo tempo que promoveu uma simplificação dos conteúdos. Assim, e apesar de ter consciência de que a aplicação desta atividade ainda assim, está longe da perfeição, considero que podemos afirmar, tendo em conta o panorama descrito ao longo de todas estas páginas que, efetivamente, *“depois da tempestade, vem a bonança”*.

2.6.3. “Ficar a ver navios” – Atividade III

Foi pensada e planeada a realização, junto dos alunos do 11.º Y, de uma terceira atividade a decorrer no 3.º período. À semelhança das anteriores, consistia na construção de um jornal pelos discentes, devidamente inserida nos conteúdos lecionados. Contudo, e tal como nos sugere o título deste capítulo, a sua execução não foi possível devido a condicionalismos nos quais adiante focaremos a nossa atenção.

Tendo presente o documento das *Aprendizagens Essenciais* (2018), esta atividade inserir-se-ia no domínio “A civilização industrial – economia e sociedade; nacionalismos e choques imperialistas” e no subdomínio “A sociedade industrial e urbana”. As regências lecionadas neste contexto tinham como objetivo fundamental “interpretar os problemas sociais surgidos com o capitalismo industrial no contexto do movimento operário, das propostas socialistas revolucionárias e de transformação da sociedade”⁵¹ - e tomaram lugar nos dias 6 e 7 de maio de 2021.

Os objetivos e critérios definidos e subjacentes à realização desta tarefa não diferem daqueles que foram previamente elencados aquando da descrição das Experiências I e II – “*Antes da bonança vem a tempestade*” e “*Depois da tempestade vem a bonança*”, respetivamente.

Prevía-se a sua introdução junto dos discentes no final da aula do dia 7 de maio, após a conclusão da leção dos conteúdos relacionados com o Movimento Operário. Mais especificamente, esta atividade procurava centrar-se na exploração do antagonismo existente entre a classe operária e a classe burguesa.

Apesar dos critérios e objetivos desta atividade se encontrarem em concordância com as duas experiências exploradas anteriormente, a mesma apresenta um maior número de semelhanças com a segunda – “*Depois da tempestade vem a bonança*” – dado que a sua realização passaria, novamente, pela divisão da turma em duas fações antagónicas: patrão vs. operário.

O desafio consistia na redação individual de um artigo de opinião inserido num jornal, consoante a respetiva fação. A seleção dos alunos seria realizada aleatoriamente,

⁵¹ https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_historia_a.pdf
[consultado em julho de 2021]

após a apresentação da tarefa e em sala de aula – uma vez que, nesta altura, já seria possível realizar uma seleção alicerçada nestes moldes, tendo em conta o fim do confinamento motivado pela situação pandémica. A realização desta atividade não se focaria na construção de uma capa de jornal que noticiasse um acontecimento inserido nos conteúdos curriculares e refletisse sobre os mesmos à luz da(s) mentalidade(s) da época. Tratava-se, sim, da abertura de um espaço de reflexão por parte dos alunos através da redação de um artigo de opinião, inserido num jornal e no qual fossem congregados os conhecimentos curriculares necessários à sua argumentação, de acordo com a posição ocupada. Os alunos teriam até ao final do mês de maio para submeterem os seus trabalhos em formato digital ou impresso.

A realização desta atividade com os alunos não foi, infelizmente, realizada devido a alguns condicionalismos: a data de entrega do trabalho anterior foi sucessivamente adiada, em virtude do regresso às aulas em modo presencial; a crescente marcação de testes e outras avaliações que os alunos tiveram ao longo do mês de abril e maio. Desse modo, não foi possível assegurar a correção dos trabalhos anteriores e a introdução de uma nova atividade junto dos discentes.

Contudo, durante a lecionação destes conteúdos, recorri ao jornal como motivação para a aula: foi entregue uma notícia aos alunos, publicada no jornal *Observador* no dia 1 de maio de 2015 e que procurava elucidar os seus leitores relativamente à História subjacente ao feriado do 1.º de Maio. Os alunos tomaram conhecimento dos eventos que se desenrolaram à volta deste dia e conseguiram relacionar os mesmos com os conteúdos abordados ao longo das aulas. Apesar de a aplicação da terceira atividade não ter sido possível, o jornal acabou por entrar na sala de aula- ainda que de uma forma diferente da delineada inicialmente.

Apesar da realização da atividade planeada não ter sido possível, considero que os objetivos traçados inicialmente foram alcançados na segunda atividade desenvolvida – “*Depois da tempestade vem a bonança*” sendo possível estabelecer uma linha evolutiva dos discentes neste sentido.

Dados os condicionalismos apresentados, não foi aplicado aos discentes do 11.º Y um Inquérito Final. Tendo em conta a multiplicidade de experiências e atividades desenvolvidas nesta turma desde o início do ano letivo e a possibilidade de serem estabelecidos pontos de comparação e de evolução dos alunos, as conclusões foram

retiradas por mim tendo por base a avaliação formativa desenvolvida, mais especificamente, no 1.º e 2.º momentos letivos.

“Tirar a prova dos nove” - Considerações Finais

Concluída esta investigação chegou o momento de “*tirar a prova dos nove*”, essencial no sentido de refletir sobre aquilo que foi realizado, o que não foi (e quais os motivos) e o que poderia ter sido feito. Começo por referir que este se revelou um ano atípico e delicado, marcado por máscaras, vírus e vacinas, ou simplificando: pela pandemia causada pelo vírus Sars-Cov2 e por um confinamento temporalmente longo.

Apesar das circunstâncias com as quais me defrontei durante este ano letivo, agravadas pela questão da semestralidade e da recuperação de conhecimentos (que marcaram as primeiras semanas do ano), considero que os resultados que advieram deste conjunto de experiências e atividades revelaram-se extremamente proveitosas para os alunos que tiveram a oportunidade de fazer parte deste estudo.

Como referido anteriormente, o rumo que as três turmas envolvidas no estudo tomaram revelou-se diferenciado, o que foi justificado pela reduzida carga horária das turmas integrantes do Ensino Básico. Apesar disso, foi fator comum nas três turmas a evidência de uma reduzida literacia jornalística aferida pelos dados obtidos no Inquérito de Diagnóstico. Relembro, porém, que as respostas a este Inquérito se revelaram extremamente reduzidas quando as comparamos com o número total de alunos que faziam parte da amostra.

Independentemente dos níveis de literacia jornalística que os alunos revelaram neste Inquérito e ao longo do ano letivo, os mesmos encontraram neste recurso as potencialidades que eram esperadas, algumas das quais foram mencionadas ao longo do subcapítulo “*As potencialidades da utilização da imprensa escrita na disciplina de História*”, integrada na componente teórica desta investigação. No caso das turmas de Ensino Básico foi possível atestar este fator através da realização de um Inquérito Final. Por outro lado, relativamente à turma de 11.º ano de escolaridade do Ensino Secundário envolvida neste estudo, as conclusões foram retiradas tendo na sua base a avaliação formativa concretizada em dois momentos do ano letivo- que possibilitaram o esboçar de um quadro evolutivo da turma, neste sentido.

Apesar da generalidade dos discentes não apresentarem hábitos de leitura relativamente à imprensa, a grande maioria conseguiu encontrar algum tipo de utilidade neste recurso pedagógico-didático, considerando a sua aplicação pertinente nas aulas de

História. Não obstante, este fator não se revelou capaz de alterar os hábitos de leitura destes jovens ou de incrementar a sua literacia jornalística.

A aplicação deste recurso facilita a compreensão dos alunos relativamente aos conteúdos, quer pela linguagem acessível, pela congregação simplificada de conteúdos, como também possibilita o estudo individual do discente numa temática concreta.

No que diz respeito ao desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo dos alunos através da utilização deste recurso pedagógico-didático, considero que possui variadas potencialidades neste sentido – despertando os discentes não só para o desenvolvimento da empatia histórica relativamente aos conteúdos lecionados, como também para a consciencialização da multiplicidade de perspetivas históricas sobre um mesmo tema.

A rentabilidade associada à utilização deste recurso como forma de avaliação demonstra-se favorável por vários motivos: a) promove o desenvolvimento de competências associadas à escrita e comunicação; b) introduz a exploração de fontes diversificadas para a realização do trabalho; c) incrementa a pesquisa autónoma dos estudantes com conteúdos integrantes da disciplina; d) valoriza o processo em detrimento do resultado; e) revela-se capaz de aferir lacunas nas aprendizagens dos alunos; f) desenvolve o espírito argumentativo e reflexivo dos discentes.

Apesar de todas as potencialidades acima elencadas e dos alunos terem encontrado pertinência na utilização deste recurso, a verdade é que não podemos referir abertamente que a importância que os jovens conferem à imprensa hoje em dia, seja relevante – um fator que podemos depreender face à ausência de hábitos relativamente à sua leitura.

Em relação ao Ensino Básico e tendo por base as quatro aulas que contaram com a aplicação de um jornal didático inserido nos conteúdos curriculares, depreendeu-se que a sua utilização se revelou proveitosa para os alunos, sendo capaz de os motivar para as temáticas a serem desenvolvidas.

Por exemplo, no caso da leção, no 9.º ano, do *Movimento de Vanguardas do século XX* - que a grande maioria da turma afirmava não apreciar - a utilização deste recurso revelou-se fundamental, no sentido de motivar os discentes para a temática, aguçando, inclusive a sua curiosidade. Alguns alunos do Ensino Básico destacaram ainda a vantagem deste recurso na medida em que o mesmo se traduziu como altamente realista, como se da História eles fizessem parte.

No caso do Ensino Secundário, em que apenas foi aplicado um jornal didático, foi dada prioridade à avaliação formativa, que procurava ir ao encontro das potencialidades associadas à mesma acima elencadas. Não obstante, e apesar de não ter sido dirigido a estes alunos qualquer inquérito final, foi possível verificar uma evolução quer a nível da consolidação dos conteúdos, das competências escritas e da pesquisa autónoma assim como de um maior espírito reflexivo relativamente aos conteúdos. Essa reflexividade foi verificada, por exemplo, quando os alunos, no contexto da Atividade II, tiveram que assumir uma posição que congregava uma base argumentativa e simultaneamente de domínio de conhecimentos.

Porque nem tudo foi um mar de rosas, a realização desta investigação não esteve isenta de aspetos menos positivos que a marcaram. Erroneamente tomei como garantidos os conhecimentos dos alunos relativamente à imprensa (formato físico e linguagem jornalística, essencialmente). Apesar de constatadas estas dúvidas e ter pensado em destinar uma das aulas ao colmatar das mesmas, a verdade é que o tempo letivo se revelou parco e apenas tive oportunidade de lhes mostrar uma pequena apresentação antes da solicitação de realização da Atividade II. No caso do Ensino Básico não foi possível estabelecer momentos-oficina como no 11.º ano, dadas as limitações de tempo letivo que já foram mencionadas. O confinamento entre janeiro e abril de 2021 também não facilitou o decorrer da investigação dado que inviabilizou a realização de uma terceira atividade com o 11.º ano.

Apesar desta investigação ter-se focado numa utilização muito específica da imprensa, acredito nos seus amplos benefícios no contexto de outras atividades - a construção de jornais em grupo, o que possibilita a abertura de espaços de debate relativamente aos conteúdos a serem lecionados na disciplina; a promoção de uma interdisciplinaridade que culminem numa atividade que centralize a imprensa ou a orientação de debates que tivessem este recurso na sua base. A discussão de notícias atuais no sentido de serem estabelecidas pontes com os conteúdos lecionados (que também realizei ainda que não fosse objeto de estudo deste trabalho), também se revela capaz de proporcionar o desenvolvimento de um espírito atuante por parte dos alunos.

Assim, e no futuro, conto introduzir, sempre que possível (e que se justifique), a imprensa em sala de aula. Apesar do seu crescente descrédito, as suas potencialidades dentro da sala de aula são inúmeras e capazes de atingir várias competências exigidas aos nossos alunos.

Fontes documentais

- Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017) -
https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Aprendizagens Essenciais 8.º ano (2018) -
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_8a_ff.pdf
- Aprendizagens Essenciais 9.º ano (2018)
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/historia_3c_9a_ff.pdf
- Aprendizagens Essenciais 11.º ano (2018) -
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/11_historia_a.pdf
- Diário da República n.º 225/1978, Série I de 1978-09-29 -
<https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/80671/details/normal?filterEnd=1978-12-31&filterStart=1978-01-01&q=1978&perPage=200&fq=1978>

Bibliografia

- ANTUNES, António Gleiverson Gliese Costa – O jornal em sala de aula: experiência docente com alunos do ensino médio. Rio Grande do Norte: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2010
- CARPI, Lúcia García – As vanguardas do século XX vol.19. Lisboa: Ediclube, 2007
- CHAUNU, Pierre – Tempo das Reformas. Lisboa: Ed. 70, 1993
- DELUMEAU, Jean – A Civilização do Renascimento. Lisboa: Estampa, 1984
- FARIA, Maria Alice – O jornal na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1989
- FERREIRA, Raquel França dos Santos – Ensino de História com o uso de jornais: Construindo olhares investigativos. Travessias. Brasil: Paraná. ISSN – 1982-5935. Vol. 1. N.º 5 (2011)
- FERREIRA, Tiago – Contributo da(s) notícia(s) da imprensa escrita para uma consciência crítica e cívica dos alunos. Um estudo da didática da História e Geografia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014
- HERNANDO CUADRADO, L. A. Los Acta Diurna y el Registro Periodístico. Madrid: Dykinson/Universidad Rey Juan Carlos, 2007
- HOBBSAWN, Eric – A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- LIMA, Aline Mendes – Narrando o passado: o jornal nas aulas de História. Revista do Lhisto- Laboratório de Ensino de História e Educação. Porto Alegre. ISSN 2359-5973. Vol. 1. Nº1 (jul/dez. 2014)
- LUZ, Dayana Medeiros – O uso de jornais como recurso didático no ensino de História sobre a Balaiada. Recife: Associação Nacional de História, 2019
- PRIORE, Mary del – D. Maria I: as perdas e as glórias da rainha que entrou para a História como “a louca”. Lisboa: Casa das Letras, 2020.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. - Manual de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva, 1998
- REAL, Miguel – O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa. Porto: Quidnovi, 2006.
- SOUSA, Jorge Pedro – Uma história breve do jornalismo no Ocidente. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Média & Jornalismo, 2008

Anexos

Anexo 1 – Jornal didático “Κεραυνός”

κεραυνός

Nr. 42 - 776 a.C

Semanário de Olímpia.

COMEÇA HOJE A 1ª. EDIÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS!

“Hoje é feita história!” - Héktor, cidadão de Olímpia.

TEM HOJE INÍCIO A 1ª. EDIÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS QUE TERÃO LUGAR NA CIDADE-ESTADO DE OLÍMPIA. OS MESMOS SERÃO REALIZADOS EM HONRA DO DEUS ZEUS.



Fig 1. Os jogos olímpicos na Grécia Antiga. Fonte: históriablog.org

TUDO O QUE PRECISAS DE SABER SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS.



"Este é um acontecimento que, à semelhança dos restantes jogos pan-helénicos, consolidará a união entre as várias cidades-estado gregas!" - Eros, cidadão ateniense.

Fig. 2 - Jogos Ístmicos. Fonte: vectorstock.com

À semelhança dos restantes jogos pan-helénicos (jogos Ístmicos (fig.2), Píticos e Nemeus), os Jogos Olímpicos afirmam-se como um festival desportivo de grande envergadura, que se traduz numa forma de culto ao Deus Zeus. É autorizada a participação e assistência de todos os cidadãos gregos. Às mulheres, os escravos e metecos é vedada a entrada ou participação.

Todas as guerras a decorrer conhecem um período de tréguas durante a realização dos Jogos Olímpicos.

PROGRAMA PREVISTO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS.

Dia I:

Manhã:

- * Cerimónia de juramento dos atletas e dos juizes diante a estátua de Zeus;
- * Provas de luta, pugilato e pancrácio;
- * Consulta de oráculos;

Tarde:

- * Palestras dos mais conceituados historiadores e filósofos de toda a Grécia;
- * Recitais de poesia;

Dia II:

Manhã:

- * Corridas equestres;
- * Procissão dos concorrentes no hipódromo;

Tarde:

- * Provas de Pentatlo;

Fim da tarde:

- * Banquete

Dia III:

Manhã:

- * Procissão formada por todos os atletas, juizes e embaixadores das várias cidade-estado gregas. A procissão irá terminar junto ao templo de Zeus onde se realizará o sacrifício de cem bois oferecidos pelo povo de Élide.

Tarde:

- Corridas pedestres;

Noite:

- Banquete no Pritaneu (sede do membro dos governos das cidade-estado da Grécia).

Dia IV:

Manhã:

- Luta;
- Pugilato;

Tarde:

- Corrida com armas;



Dia V:

- Procissão liderada pelos atletas vencedores até ao templo de Zeus, onde estes são premiados com uma coroa de ramos de oliveira, oferecida pelos juízes. Seguem-se as festas e banquetes.



Figura 3 - Coroa de Oliveira , o prémio dos vencedores. Fonte: wikipedia.org

Anexo 2 – Inquérito de Diagnóstico

A utilização do jornal em sala de aula.

O presente formulário visa aferir os hábitos de leitura/ utilização da imprensa quer no ambiente familiar, quer no ambiente de sala de aula.

 **beatrizbarros0309@gmail.com** (não partilhado) 
[Mudar de conta](#)

Ano de escolaridade

A sua resposta

Idade

A sua resposta

Género

☐ Masculino

☐ Feminino

Qual a definição que atribuis ao termo "imprensa"?

A sua resposta

Revelas hábitos de leitura de jornais?

☐ Sim

☐ Não

Se respondeste "Sim" à questão anterior: quais?

A sua resposta

Já utilizaste a imprensa como estratégia de aprendizagem?

☐ Sim

☐ Não

Se respondeste "Sim" à questão anterior: em que disciplinas?

A sua resposta

Já escreveste para algum jornal? (Ex: Jornal da Escola)

☐ Sim

☐ Não

Anexo 3 – Jornal didático “*Le Figaro* – A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente”

100 Francos — 100 Francos — 100 Francos
 de Suíça para a República — 100 Francos para a República — 100 Francos para a República
 de Suíça para a República — 100 Francos para a República — 100 Francos para a República

LE FIGARO

 o mais importante jornal da França e do mundo
 o mais importante jornal da França e do mundo
 o mais importante jornal da França e do mundo

LE FIGARO

 o mais importante jornal da França e do mundo
 o mais importante jornal da França e do mundo
 o mais importante jornal da França e do mundo

A ARTE EUROPEIA RESPONDE AO CLIMA DE INQUIETAÇÃO QUE SE VIVE ATUALMENTE.



“Tragam as regras académicas de volta que eu não estou a saber lidar com feras de um lado e cubos do outro. QUE AUDÁCIA.” - Louis Vauxelles, crítico de arte.

“Nunca fez tanto sentido recordar as apologias que foram feitas à guerra” - Marinetti, autor do Manifesto Futurista



#Polémico: Nesta edição recordamos o AUDACIOSO Manifesto Futurista.

Modernismo

O novo movimento cultural já é conhecido um pouco por toda a Europa como "Modernismo" e surgiu na capital artística europeia: Paris.

Desenganam-se os que pensam que este movimento apenas se restringe às artes plásticas: arquitetura, literatura e música são algumas das artes que abrangem o Modernismo.

"Nós, artistas, devemos possuir liberdade sobre aquilo que criamos. Chega de regras artísticas que apenas nos oprimem. Sobre elas só tenho isto a dizer: #jáfoste."
- Henri Matisse.



"A principal característica que define o artista é a OUSADIA. O Mundo precisa de mudança, de choque e de novas interpretações da realidade." -
Otto Dix.

MANIFESTO FUTURISTA

20 DE FEVEREIRO DE 1909

1. NÓS QUEREMOS CANTAR O AMOR AO PERIGO, O HÁBITO DA ENERGIA E DO DESTÉMOR.
2. CORAGEM, A AUDÁCIA E A REBELIÃO, SERÃO ELEMENTOS ESSENCIAIS DA NOSSA POESIA;
3. A LITERATURA EXALTOU ATÉ HOJE A IMOBILIDADE PENSATIVA, O ÊXTASE, O SONO. NÓS QUEREMOS EXALTAR O MOVIMENTO AGRESSIVO, A INSÔNIA FEBRIL, O PASSO DE CORRIDA, O SALTO MORTAL, O BOFETÃO E O SOCO.
4. NÓS AFIRMAMOS QUE A MAGNIFICÊNCIA DO MUNDO SE ENRIQUECEU DE UMA BELEZA NOVA: A BELEZA DA VELOCIDADE. UM AUTOMÓVEL DE CORRIDA COM O SEU COFRE ENFEITADO COMO TUBOS GROSSOS, SEMELHANTES A SERPENTES DE HÁLITO EXPLOSIVO... UM AUTOMÓVEL RUGIDOR QUE CORRE SOBRE A METRALHA É MAIS BONITO QUE A VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA.
5. NÓS QUEREMOS ENTOAR HINOS AO HOMÉM QUE SEGURA O VOLANTE, CUJA HASTE IDEAL ATRAVESSA A TERRA, LANÇADA TAMBÉM NUMA CORRIDA SOBRE O CIRCUITO DA SUA ÓRBITA.
6. É PRECISO QUE O POETA PRODIGALIZE COM ARDOR, FAUSTO E MUNIFICÊNCIA PARA AUMENTAR O ENTUSIASTICO FERVOR DOS ELEMENTOS PRIMORDIAIS.



Dinamismo de um ciclista, 1913.
Umberto Boccioni (1882-1916). Óleo
sobre tela. 70 x 95 cm.

7. NÃO HÁ MAIS BELEZA, A NÃO SER NA LUTA. NENHUMA OBRA QUE NÃO TENHA UM CARÁTER AGRESSIVO PODE SER UMA OBRA-PRIMA. A POESIA DEVE SER CONCEBIDA COMO UM VIOLENTO ASSALTO CONTRA AS FORÇAS DESCONHECIDAS, PARA OBRIGA-LAS A PROSTRAR-SE DIANTE DO HOMEM.

8. NÓS ESTAMOS NO PROMONTÓRIO EXTREMO DOS SÉCULOS!... POR QUE HAVERÍAMOS DE OLHAR PARA TRÁS, SE QUEREMOS ARROMBAR AS MISTERIOSAS PORTAS DO IMPOSSÍVEL? O TEMPO E O ESPAÇO MORRERAM ONTEM. NÓS JÁ ESTAMOS A VIVER NO ABSOLUTO, POIS JÁ CRIAMOS A ETERNA VELOCIDADE OMNIPRESENTE.

9. NÓS QUEREMOS GLORIFICAR A GUERRA (...), O MILITARISMO, O PATRIOTISMO, O GESTO DESTRUIDOR DOS LIBERTÁRIOS, AS BELAS IDEIAS PELAS QUAIS SE MORRE E O DESPREZO PELA MULHER.

10. NÓS QUEREMOS DESTRUIR OS MUSEUS, AS BIBLIOTECAS, AS ACADEMIAS DE TODA A NATUREZA E COMBATER O MORALISMO, O FEMINISMO, E TODA A VILEZA OPORTUNISTA E UTILITÁRIA.

II. NÓS CANTAREMOS AS GRANDES MULTIDÕES AGITADAS PELO TRABALHO, PELO PRAZER OU PELA SUBELEVAÇÃO; CANTAREMOS AS MARÉS MULTICORES E POLIFÓNICAS DAS REVOLUÇÕES NAS CAPITAIS MODERNAS; (...) AS OFICINAS PENDURADAS ÀS RUÍNAS PELOS FIOS CONTORCIDOS E AS SUAS FUMAÇAS; AS PONTES SEMELHANTES A GIGANTAS GIGANTES QUE CAVALGAM OS RIOS, FAISCANTES AO SOL COM UM LUZIR DE FACAS, (...) AS LOCOMOTIVAS QUE PATEIAM SOBRE OS TRILHOS COMO ENORMES CAVALOS DE AÇO ENLEADOS DE CARRO; E O VOO RASANTE DOS AVIÕES, CUJA HÉLICE FREME AO VENTO, COMO UMA BANDEIRA E PARECE APLAUDIR COMO UMA MULTIDÃO ENTUSIASTA.

É DA ITÁLIA QUE NÓS LANÇAMOS PELO MUNDO ESTE NOSSO MANIFESTO DE VIOLÊNCIA ARREBATADORA E INCENDIÁRIA, COM O QUAL FUNDAMOS HOJE O FUTURISMO, PORQUE QUEREMOS LIBERTAR ESTE PAÍS DA SUA FÉTIDA GANGRENA DE PROFESSORES, DE ARQUEÓLOGOS, DE CICERONES E ANTIQUÁRIOS (...).

Anexo 4 – Plano de Aula: Movimento de Vanguardas 9.º Z



Ministério da Educação

DE: Educação Básica Ensino Fundamental



9.º

Ensino Fundamental

ÁREA DISCIPLINAR

História



PLANO DE AULA				
Regência n.º 2	Ano: 9.º	Turma:	Duração: 90 min.	Data: 05/11/2020
Domínio: As transformações políticas, econômicas, sociais e culturais do pós-guerra.				
Subdomínio: Ruturas na arte e na literatura.				
Sumário: "Breaking News": a revolta na Arte nos primórdios do século XX.				
Situação-problema		"A arte não é a aplicação de um cânone da beleza, mas o que o instinto e o cérebro conseguem conceber para lá de qualquer cânone" – Pablo Picasso (1891-1973).		
Indicadores de aprendizagem (alunos)		Caracteriza os movimentos artísticos dos primórdios do século XX.		
Motivação (1.º momento)		Leitura e análise do jornal "Le Figaro – A arte europeia responde ao clima de instabilidade que se vive atualmente" que reflete sobre o conceito de modernismo e as alterações artísticas do início do século XX. Objetivos: 1) Motivar os alunos para a temática da aula; 2) Esclarecer o conceito "modernismo", transversal a toda a aula;		
Conceitos		modernismo; fauvismo; expressionismo; cubismo; dadaísmo; abstracionismo; surrealismo; futurismo;		
Aprendizagens essenciais	Indicadores de aprendizagem	Estratégias de aprendizagem		Avaliação
-Relacionar a I Guerra Mundial com a aceleração das transformações	1. Caracterizar os movimentos artísticos nos primórdios do século XX.	1.1. Leitura e análise do documento "Crítica ao Salon d' Automne, em L'illustration" procurando que os alunos compreendam a origem do nome do movimento "Fauvista". 1.2. Visionamento e análise de duas obras pertencentes à vanguarda fauvista: "Mulher com chapéu" de Henri Matisse; "A ponte de Charing Cross" de André Derain. Os		-Participação oral e qualidade das intervenções;

operadas nos comportamentos, na cultura, nas ciências, nas artes e na literatura.	alunos identificam e consolidam os princípios fauvistas.	-Resposta às questões orientadoras da aula; -Capacidade de analisar fontes de diversas tipologias.
	1.3. Visionamento e análise da obra <i>"Rua de Berlim"</i> da autoria de Kirchner inserida no contexto da arte expressionista. Os alunos identificam os princípios expressionistas evidenciados na obra. 1.4. Visionamento e análise da obra <i>"O vendedor de fósforos"</i> de Otto Dix. Os discentes relacionam a mesma com o contexto social vivido no pós-Guerra e identificando e consolidando os princípios expressionistas. 1.5. Visionamento e análise da obra <i>"O cavalo azul"</i> de Franz Marc. Os alunos entendem o movimento <i>"Der Blaue Reiter"</i> e identificam os princípios que justificam a sua inclusão no movimento expressionista. 1.6. Visionamento e análise da obra <i>"As meninas de Avinhão"</i> de Pablo Picasso. Os alunos identificam e consolidam as características e princípios cubistas. 1.7. Visionamento e análise de três obras abstracionistas: 1) <i>"Amarelo, vermelho e azul"</i> – Kandinsky; 2) <i>"Uma casa em construção"</i> – Kasimir Malevich; 3) <i>"Composição II em Vermelho, azul e amarelo"</i> – Piet Mondrian Os discentes aplicam e consolidam os princípios abstracionistas (abstracionismo lírico e geométrico). 1.8. Leitura e análise no <i>"Manifesto Futurista"</i> da autoria de Filippo Marinetti, incluído no jornal <i>"A arte europeia responde ao clima de instabilidade que se vive atualmente!"</i>. Os alunos refletem sobre os princípios que alicerçaram o Futurismo. 1.9. Visionamento e análise das obras <i>"O comboio da cruz vermelha"</i> (Gino Severini) e <i>"Dinamismo de um cão na coleira"</i> (Filippo Marinetti). Os discentes identificam os princípios futuristas expressos nas obras anteriores. 1.10. Leitura e análise do <i>"Manifesto Dadaísta"</i> procurando que os alunos infiram os princípios-base do Dadaísmo. 1.11. Visionamento e análise das obras <i>"A fonte"</i> e <i>"L.H.O.O.Q."</i> da autoria de Marcel	Avaliação geral: comportamento presencial.

		Duchamp e das colagens de Hannah Hoch. Os alunos consolidam e identificam os princípios Dadaístas.	
		1.12. Visionamento e análise das obras "Persistência da memória" (Salvador Dalí) e "A Queda" (Magritte). Os alunos identificam e consolidam os princípios surrealistas.	

BIBLIOGRAFIA

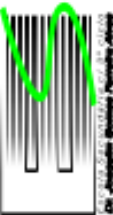
CARPI, Lúcia García – *As vanguardas do século XX* vol.19. Lisboa: Ediclube, 2007

MANUAL ESCOLAR E OUTROS

Dinis, M.; Tavares, A.; Caldeira, A.; & Henriques, R. (2014). *História nove* Lisboa: Raiz Editora. [Manual adotado].
 Ministério da Educação e Ciência. (2018). *Aprendizagens essenciais*. 9.º ano – 3.º Ciclo do Ensino Básico. *História*. [S. l.: s. n.].
 Ministério da Educação e Ciência. (2013/2014). *Organização curricular e programas – Ensino Básico: 3.º Ciclo*. [S. l.: s. n.].

RECURSOS ELETRÓNICOS E MULTIMÉDIA

Anexo 5 – Plano de Aula: Reforma Protestante 8.º X



Ministério da Educação
Diretoria de Ensino Região de São Paulo



Ministério da Educação
Diretoria de Ensino Região de São Paulo

ÁREA DISCIPLINAR
HISTÓRIA

PLANO DE AULA				
Regência n.º 4	Ano: 8.º	Turma:	Duração: 90 min.	Data: 09/11/2020
Domínio: Expansão e mudança nos séculos XV e XVI.				
Subdomínio: A Reforma Protestante.				
Sumário: A Reforma Protestante como apogeu da crise religiosa da Europa no século XVI.				
Situação-problema		"O justo viverá pela fé" – Romanos 1:17		
Indicadores de aprendizagem (alunos)		1. Explica a crise religiosa da Europa no século XVI. 2. Caracteriza a Igreja Luterana e os seus princípios. 3. Descreve os princípios das novas Igrejas Reformistas que surgiram após a Igreja Luterana.		
Motivação (1.º momento)		Diálogo orientado com os discentes que visa a reflexão sobre os conceitos de "reforma" e "protestante" de forma promover um entendimento claro sobre o conceito "Reforma Protestante" e motivar os alunos para esta temática.		
Conceitos		Reforma Protestante; Indulgências; Calvinismo; Luteranismo; Anglicanismo;		
Aprendizagens essenciais	Indicadores de aprendizagem	Estratégias de aprendizagem		Avaliação
-Compreender em que condições se desenvolveu, na	1. Explicar a crise religiosa da Europa no século XVI.	1.1. Análise de um mapa referente ao Grande Cisma do Ocidente (1378-1417). Os alunos relacionam este acontecimento com a crise da Igreja Católica no século XVI.		-Participação oral e qualidade das intervenções.
		1.2. Leitura e análise de um excerto do jornal: "Os escândalos da Igreja Católica ao rubro.", levando os alunos a inferir sobre as questões que contribuíram para a		-Resposta às

Cristandade Ocidental, um movimento de insatisfação e de crítica que culminou numa rutura religiosa. -Conhecer alguns dos princípios ideológicos que separaram o catolicismo do protestantismo.	2. Caracterizar a Igreja Luterana e os seus princípios.	crise da Igreja Católica no século XVI. 1.3. Leitura e análise de um excerto do jornal: "<i>Os escândalos da Igreja Católica ao rubro</i>", como método apresentar aos discentes a figura de Savonarola e a sua importância no contexto da crise da igreja católica no século XVI. 2.1. Leitura e análise do documento escrito: "<i>95 teses contra as indulgências</i>" (1517) da autoria de Martinho Lutero. Os discentes associam o mesmo à rutura entre Lutero e a Igreja Católica. 2.2. Visionamento e análise do excerto do filme "<i>Lutero</i>". Os discentes compreendem e identificam as consequências que advieram da promulgação do documento "<i>95 teses contra as indulgências</i>". 2.3. Leitura e análise do documento "<i>A Liberdade do Cristão</i>" (1520) da autoria de Martinho Lutero, de forma a propiciar aos alunos um entendimento mais completo relativamente aos princípios-base da Igreja Luterana. 2.4. Visionamento e análise de um documento iconográfico que retrata a "<i>Rosa de Lutero</i>", símbolo da Igreja Luterana. Os alunos associam a sua composição aos princípios da Igreja Luterana ao mesmo tempo que os consolidam. 3.1. Leitura e análise do documento "<i>A instituição da religião cristã</i>" (1559). Os alunos consolidam o conceito "Teoria da Predestinação", um dos conceitos basilares da Igreja Calvinista.	questões orientadoras da aula. -Capacidade de analisar fontes de diversas tipologias. Avaliação geral: comportamento presencial.
- Identificar / aplicar os	3. Descrever as novas Igrejas Reformistas que surgiram após a Igreja Luterana.		

conceitos: Reforma Protestante; Indulgências; Luteranismo; Anglicanismo; Calvinismo.		3.2. Visionamento e análise do vídeo: <i>"The Simpsons – Magical History Tour"</i> que retrata a História de Henrique VIII, os conflitos com o Papado e a fundação da Igreja Anglicana. Os discentes identificam as bases do nascimento da Igreja Anglicana. 3.3. Leitura e análise do documento <i>"Ato de Supremacia"</i> (1534). Os alunos identificam este documento como o documento fundador da Igreja Anglicana. 3.4. Leitura e análise de um documento cartográfico intitulado <i>"A Europa religiosa no final do século XVI"</i>. Através deste documento, os alunos compreendem a dimensão e a importância das Igrejas Reformistas no contexto europeu.	
--	--	--	--

BIBLIOGRAFIA

CHAUNU, Pierre – Tempo das Reformas. Lisboa: Ed. 70, 1993

DELUMEAU, Jean – A Civilização do Renascimento. Lisboa: Estampa, 1984

MANUAL ESCOLAR E OUTROS

Lagartixa, C.; Sardinha, H. & Gomes, J. (2014). *Hora H 8*. Lisboa: Raiz Editora. [Manual adotado].

Ministério da Educação e Ciência. (2018). *Aprendizagens essenciais. 8.º ano – 3.º Ciclo do Ensino Básico. História*. [S. l.: s. n.].

Ministério da Educação e Ciência. (2013/2014). *Organização curricular e programas – Ensino Básico: 3.º Ciclo*. [S. l.: s. n.].

Anexo 6 – Jornal didático “Wittenberg Tachebuch – Os escândalos da Igreja Católica ao rubro!”

23 DE MAIO DE 1517

WITTENBERG

WITTENBERG TACHEBUCH

OS ESCÂNDALOS DA IGREJA CATÓLICA AO RUBRO!

Nesta edição conheça todos os escândalos que assombram a Santa Sé.

O Papa Leão X quebra o silêncio sobre os acontecimentos que estão a abalar a Santa Sé e a Europa.



E AINDA ...
Esclarecimento oficial da
Questão das Indulgências.

EM MEMÓRIA DE
JERÓNIMO
SAVONAROLA.
(P.4)

“O INVERNO APROXIMA-SE E
SERIA UM SACRILÉGIO
PROMOVER AO PAPA
CONDIÇÕES TÃO
MISERÁVEIS” - PAPA LEÃO X

ESTARÁ A IGREJA CATÓLICA A ENFRENTAR UMA GRAVE CRISE?



"[...] Esquecem que o seu nome de bispo significa labor, vigilância, solicitude. Estas qualidades servem-lhes para deitar mão ao dinheiro."

Erasmus de Roterdão, O elogio da Loucura, século XVI.

Por toda a parte, membros do Clero traem celibato e são vistos com várias mulheres tendo até filhos, algo impensável no seio da Igreja Católica. A maior parte dos membros do clero compra os seus cargos não demonstrando, por isso, qualquer vocação para entregar a vida a Deus. Por outro lado, a vida marcada pelo luxo dos seus membros, coloca em causa os princípios-base da Igreja Católica.

Do lado direito: Papa Leão X



Em declarações inéditas, o Papa Leão X, pela primeira vez, aborda o tema das Indulgências: "Trata-se de uma contribuição que salvará os fiéis e os seus antepassados. Tudo depende de uma generosa quantia para concluir a construção da Basílica de São Pedro, claro. O inverno aproxima-se e seria um sacrilégio promover ao Papa condições de vida tão miseráveis.

Assim, as indulgências representam uma espécie de "passaporte" para o céu e tudo o que o fiel recebe como garantia é um papelzinho com isso mesmo escrito, não é fantástico?!"



Questionado sobre os escândalos que assolam a Igreja Católica, o Papa Leão X afirma o seguinte: "Escândalos? Que escândalos? Afirmar que os membros da Igreja Católica não cumprem com os seus deveres é um despautério! Nós somos defensores da moral e dos bons costumes. Acho que todos os boatos que correm por aí não passam meras calúnias que apenas visam abalar o poder da Santa Sé sobre a Europa. #POLÉMICO

JERÓNIMO SAVONAROLA (1452-1498)

Nesta edição recordamos com pesar o aniversário da morte de Savonarola. Mas afinal quem foi este homem? E que importância teve no contexto da crise religiosa que se vive atualmente?

Savonarola foi um padre dominicano e pregador florentino. Em 1474 juntou-se à Ordem Dominicana de Bolonha. Alguns anos mais tarde, em 1481, foi enviado pelo seu superior para Florença onde começou a pregar sob os princípios dominicanos, ficando muito popular no seio da população. Em contacto com este importante centro renascentista, Savonarola rapidamente entra em contacto com a vida imoral dos membros do clero. Por esta razão, os seus sermões tornaram-se cada vez mais agressivos, denunciando os abusos e imoralidade do clero. Em pouco tempo, Savonarola multiplicou o seu número de seguidores, sendo por eles considerado um "profeta".

O conteúdo dos seus sermões, a denúncia fervorosa dos males da Igreja Católica e a sua atitude desafiadora inauguraram conflitos de grande envergadura com o Papa Alexandre VI. Numa primeira fase, foi proibido de pregar sermões, de seguida foi excomungado e em 1498 foi brutalmente assassinado.



Anexo 7 – Jornal didático “Avanti! – Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder.”

29 DE OUTUBRO DE 1922

NOTIZIA DEL GIORNO

AVANTI!

MARCHA SOBRE ROMA COLOCA MUSSOLINI NO PODER.

MUSSOLINI AMEAÇA, MUSSOLINI CUMPRE.

Ontem, 28 de outubro, teve lugar a Marcha sobre Roma. Nesta edição, descubra, ao pormenor, o desenrolar dos acontecimentos e as suas consequências.



“UM PASSO EM FRENTE NA EXTREMA DIREITA, UM RETROCESSO GIGANTE NA DEMOCRACIA ITALIANA.”

VÍTOR EMANUEL
RESPONDE PERANTE OS
ÚLTIMOS
ACONTECIMENTOS.

ITÁLIA, O PAÍS QUE
AINDA SOFRE OS
HORRORES DA
GUERRA.

ITÁLIA, O PAÍS QUE AINDA SOFRE OS HORRORES DA GUERRA

A Itália nunca mais foi a mesma após 1918... A Grande Guerra, o surgimento dos movimentos extremistas e a crise social e económica na qual emergiu, afundaram o país de tal forma, que movimentos extremistas de direita parecem, aos olhos da população, o meio mais eficaz de fazer a Itália renascer.

Hoje, somos um país caracterizado pelo desânimo, pela violência, pelo descrédito, desemprego e pela inflação galopante que atinge toda a população.

Foi através destes fatores que a extrema-direita se afirma, aproveitando-se da agitação social para fazer valer valores que apenas prometem fazer a desgraça da Itália.

Cabe-nos a nós, membros da oposição, contrariar os caminhos que a extrema-direita insiste em aplicar na nossa amada pátria.

Lutaremos até ao fim contra o avanço nocivo da do Partido Nacional Fascista!

MARCHA SOBRE ROMA COLOCA MUSSOLINI NO PODER.

Ontem, 28 de outubro de 1922, o nosso país acordou sobre a ameaça muito clara: a do Partido Nacional Fascista e do seu líder Benito Mussolini. A Marcha sobre Roma não mais representa do que a ação decisiva que levou o Partido Nacional Fascista ao poder e, por outro lado, a passividade do rei Vítor Emanuel III perante os acontecimentos.



Um triste dia para a democracia italiana, um dia negro para a Itália, para a Europa, para o mundo.

Reuniram-se 50 mil homens das milícias armadas do Partido Nacional Fascista ("Camisas Negras") que responderam afirmativamente ao apelo do seu líder. Metade destes homens ocuparam pontos estratégicos em quase todo o país; e a outra metade dirigiu-se para Roma, sob o propósito de pressionar o rei a demitir o governo. O que, efetivamente, aconteceu.

VÍTOR EMANUEL RESPONDE PERANTE OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS:

"As minhas decisões revelam como apenas pensei na segurança da nossa amada Itália, evitando um conflito armado que teria custos gravíssimos para a nossa nação".

Palavras ocas do rei de Itália que, pela sua cobardia ou insegurança, permitiu que um governo de extrema-direita alcançasse o poder, sem ponderar nas consequências desse ato.

DESAFIAMOS OS NOSSOS LEITORES A DESTACAR TRÊS PRINCÍPIOS DO FASCISMO!

Para o fascismo o Estado é absoluto: perante ele os indivíduos e os grupos não são mais que o relativo. Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado. [...]

O indivíduo só existe enquanto está no Estado; está subordinado às necessidades do Estado e, à medida que a civilização toma formas cada vez mais complexas, a liberdade do indivíduo restringe-se sempre mais [...] Neste sentido o fascismo é totalitário [...] Nem agrupamentos - partidos políticos, associações, sindicatos - nem indivíduos fora do Estado [...]. Nós representamos um princípio no mundo, representamos a antítese nítida, categórica, definitiva da democracia [...].

Benito Mussolini

Anexo 8 – Plano de aula Fascismo Italiano - 9.º Z



Ministério da Educação

Ensino Básico



Ministério da Educação

Ensino Básico



ÁREA DISCIPLINAR

História

PLANO DE AULA				
Regência n.º 5 e 6	Ano: 9.º	Turma:	Duração: 45 + 90 minutos.	Data: 24/11/2020
Domínio: Crise, ditaduras e democracia na década de 30.				
Subdomínio: Avanço dos Extremismos.				
Sumário: "A História não se repete, mas rima": a ascensão dos regimes de extrema-direita na Europa: o fascismo italiano.				
Situação-problema	"A História não se repete, mas rima" - Marc Twain.			
Indicadores de aprendizagem (alunos)	1. Identifica os fatores responsáveis pela crise do demoliberalismo na década de 30. 2. Caracteriza os princípios da doutrina fascista. 3. Descreve a subida de Mussolini ao poder e a construção da Itália fascista.			
Motivação (1.º momento)	Debate com os alunos sobre uma notícia referente a um caso de racismo e xenofobia em Lisboa sob o mote "A História não se repete, mas rima". A utilização deste recurso pretende: 1) Consciencializar os alunos para a realidade do racismo e xenofobia em Portugal; 2) Que os alunos estabeleçam ligações entre a História do passado e a História do presente; 3) Motivar os alunos para a temática da aula.			
Conceitos	demoliberalismo; autoritarismo; totalitarismo; fascismo;			
Aprendizagens essenciais	Indicadores de aprendizagem	Estratégias de aprendizagem		Avaliação
	1. Identificar os fatores	1.1. Observação e análise de sete documentos iconográficos referentes à crise do		

-Relacionar a ascensão ao poder de partidos totalitários com as dificuldades econômicas e sociais e com o receio da expansão do socialismo, realçando o papel da propaganda; -Descrever as principais características dos regimes totalitários;	responsáveis pela crise do demoliberalismo na década de 30. 2.Descrever os princípios da doutrina fascista.	demoliberalismo na década de 30. Os alunos inferem as suas características e consequências. 1.2. Leitura e análise de um gráfico referente às percentagens de desemprego em vários países da Europa e os EUA na década de 30 do século XX. Os alunos inferem as consequências do aumento do desemprego e os seus motivos e relacionam os mesmos com a crise do demoliberalismo. 1.3. Leitura e análise de um documento escrito: "O avanço dos regimes totalitários". Os alunos inferem os motivos relacionados com a falência dos regimes democrático-liberais e relacionam os mesmos com a ascensão dos regimes totalitários em vários países europeus. 2.1. Leitura e análise de um excerto da obra "A doutrina do fascismo" de Benito Mussolini que reflete sobre o conceito "fascismo". Os discentes refletem sobre as suas características principais. 2.2. Leitura de uma pequena biografia referente a Benito Mussolini de forma a introduzir o caso específico do fascismo italiano. Diálogo orientado com os alunos sobre esta personalidade. 2.3. Demonstração aos alunos da replica de um "fascio" Os alunos compreendem as suas características e os motivos que o levam a constituir o símbolo máximo do fascismo. 2.4. Leitura e análise do documento "Chefe ou Deus?" (doc. 3 pág. 89 do manual) para que os alunos compreendam quais os fundamentos do enaltecimento da autoridade do chefe e de que forma é que tal se refletia na educação da massa jovem italiana. 2.5. Leitura e análise do documento "Fascismo em ação" (doc.2 pág. 89 do manual). Os alunos compreendem a importância das milícias armadas ("Camisas Negras") no contexto da afirmação do regime fascista italiano como forma de concretização de um regime autoritário e ditatorial. 2.6. Audição de uma música do "Coro Di Voci bianche delle scuole elementari d'itorino".	Avaliação geral: comportamento presencial.
---	---	--	---

- Identificar / aplicar os conceitos:	3.Descrever a subida de Mussolini ao poder e a construção da Itália fascista.	Os alunos inferem as consequências da doutrinação fascista na juventude italiana e o necessidade da mesma. 3.1. “Quando o jornal vem à sala de aula”: Leitura e análise do jornal “<i>Avanti!</i>” sob os seguintes objetivos: 1) Permitir que os alunos desenvolvam o seu espírito crítico em relação aos acontecimentos narrados; 2) Explicitar de que forma chegou Mussolini e o Partido Nacional Fascista ao poder em Itália em 1922, através de uma narrativa dos acontecimentos, acompanhada de alguns documentos iconográficos. 3) Traçar, em linhas gerais, a situação em Itália na década de 20; 4) Promover a leitura de um documento relativo ao estabelecimento do poder fascista e as características do anterior e a sua análise. Os alunos inferem as características dos regimes fascistas.
--	--	---

BIBLIOGRAFIA

HOBBSAWN, Eric – A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

MANUAL ESCOLAR E OUTROS

Lagartixa, C.; Sardinha, H. & Gomes, J. (2014). Lisboa: Raiz Editora. [Manual adotado].

Anexo 9 – Jornal didático – “Gazeta de Lisboa – A terra rugiu e rasgou!”

"A TERRA RUGIU E RASGOU!"

**O TERRAMOTO QUE ATINGIU A CIDADE DE LISBOA
CONTINUA A DEIXAR UM RASTO DE DESTRUIÇÃO!**

CONHEÇA, NESTA EDIÇÃO, TODOS OS PORMENORES!



**"ENTERRAR OS MORTOS E CUIDAR OS VIVOS" - SEBASTIÃO JOSÉ
CARVALHO E MELO. CONHEÇA AS PROPOSTAS DO MINISTRO PARA
RESOLVER OS DANOS CAUSADOS PELO TERRAMOTO.**

**A AJUDA HUMANITÁRIA DA
NOSSA VELHA ALIADA
INGLATERRA NÃO SE FEZ
DEMORAR. JORGE II
APROVOU ONTEM NO
PARLAMENTO BRITÂNICO O
ENVIO DE 100.000 LIBRAS
PARA PORTUGAL.**

**GABRIEL MALAGRIDA,
CONCEITUADO PADRE
JESUÍTA, ASSUME
PUBLICAMENTE QUE O
TERRAMOTO FOI UM
CASTIGO DE DEUS PARA OS
GOVERNANTES DO REINO
PORTUGUÊS.**

**D. JOSÉ
PENITENCIA-SE EM
VIRTUDE DOS
ÚLTIMOS
ACONTECIMENTOS.**

**MEDO, MEDO E MAIS
MEDO: OS RUMORES DE
ASSALTOS E ASSASSINATOS
CRIARAM UM CLIMA DE
INSEGURANÇA TOTAL!**

O TERRAMOTO: CASTIGO DIVINO?

Durante as celebrações do dia de Todos os Santos, no passado dia 1 de novembro, por volta das nove e meia da manhã, "a terra rugiu e rasgou". Um terramoto engoliu uma parte da cidade de Lisboa. Em minutos, uma parte da sua História foi apagada.

Não houve misericórdia: religiosos, nobres, plebeus, jovens e velhos, perderam a vida ou sofreram graves ferimentos em virtude desta catástrofe.

Logo a seguir, ergueu-se um maremoto que engoliu a baixa lisboeta. Mas o drama não termina por aqui... a seguir à água, o fogo, proveniente das velas acesas para celebrar o dia de Todos os Santos que contribuíram para a destruição da cidade.

O CENÁRIO DO INFERNO...

Pedaços de corpos nas ruas, gente esfarrapada e queimada procurando água, ratos e cães famintos agarram-se a corpos moribundos... Uma onda de podridão sufoca Lisboa, enquanto corvos sobrevoam as ruínas.



Ruínas da Ópera do Tejo.



O terramoto de Lisboa em 1755, gravura do século XVIII.

Gabriel Malagrida, padre jesuíta e bastante próximo da família real, assume publicamente que o terramoto foi castigo divino pela má conduta do reino português e comportamento do seu povo. Uma atitude que certamente trará consequências.

D. JOSÉ RESPONDE AOS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS COM PENITÊNCIA.

Ao ver Lisboa completamente destruída e os habitantes em farrapos, D. José "teria feito correr uma torrente de lágrimas. Os seus soluços acompanhavam-se de queixumes, os mais lamentosos, de expressões, as mais tocantes, encorajando a todos os que o escutavam, que se resignassem à vontade de Deus."



D. José I (1704-1777)

**RESTA AGORA SABER
QUAL FOI A ATITUDE DE
SEBASTIÃO JOSÉ
CARVALHO E MELO
PERANTE ESTES
ACONTECIMENTOS
NEFASTOS!**

D. José convocou a presença de um missionário, pedindo-lhe que realizasse um sermão. Após a cerimónia, despojou-se das suas vestes, percorrendo descalço os caminhos à volta do palácio e tentando estimular com o seu exemplo os poucos que o notavam. Sem dúvida que o Rei interpretou os últimos acontecimentos como um mau presságio para o seu reinado, ainda breve...

"ENTERRAR OS MORTOS E CUIDAR OS VIVOS" - SEBASTIÃO JOSÉ CARVALHO E MELO PREPARA LINHA DE ATUAÇÃO CONTRA O TERRAMOTO.

O ministro do rei avançou novas medidas para conter as consequências nefastas do terramoto. Em primeiro lugar ordenou que se cuidassem dos feridos desta tragédia e que se procedesse ao enterramento dos mortos. Contudo, dada a amplitude da catástrofe, vários corpos moribundos foram atirados ao rio Tejo. Proceder a uma maior segurança no reino é também uma das suas prioridades neste momento.

Por outro lado, já se iniciou a realização de projetos de reconstrução da baixa pombalina. O ministro está a ser auxiliado pelo arquiteto Eugénio dos Santos, que promete reconstruir a baixa lisboeta sob os princípios iluministas que despontam um pouco por toda a Europa.



Lisboa antes do terramoto.



Projeto aprovado para a reconstrução da Baixa Lisboeta, da autoria de Eugénio dos Santos.

"Prover a cidade de um traço rigoroso e retilíneo e promover a construção de edifícios "antissísmicos" será uma das nossas maiores preocupações." refere Eugénio dos Santos.

Anexo 10 – Plano de aula Projeto Pombalino de Inspiração Iluminista – 11.º Y



Ministério da Educação

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA



Ministério da Educação

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

ÁREA DISCIPLINAR

História

PLANO DE AULA				
Regência n.º 7	Ano: 11.º	Turma:	Duração: 90 min.	Data: 17/12/2020
Domínio: A Construção da Modernidade Europeia.				
Subdomínio: Portugal – o projeto pombalino de origem pombalina.				
Sumário: "Calu o Carmo e a Trindade" – Portugal e o projeto pombalino de inspiração iluminista. O terramoto de 1755 e o reordenamento urbano; a submissão das forças sociais; a Reforma na Educação.				
Situação-problema	"A governação do Marquês de Pombal foi um trono invisível sobre uma sobreposição de cadáveres" Pedro Sena-Lino in "De quase nada a quase rei".			
Indicadores de aprendizagem (alunos)	1. Relaciona o terramoto de 1755 com o reordenamento urbano de inspiração iluminista. 2. Caracteriza a submissão das forças sociais no período pombalino. 3. Caracteriza a reforma no sistema educativo no período pombalino.			
Motivação (1.º momento)	Visionamento do vídeo "Recriação do terramoto de 1755" sob os seguintes objetivos: 1- Motivar os alunos para a temática da aula; 2- Elucidar os alunos sobre as dimensões do terramoto de 1755; 3- Promover a reflexão sobre as consequências deste acontecimento.			
Conceitos	Iluminismo; Déspotas Iluminados; "Estrangeirados"; reordenamento urbano, Laicização do Ensino.			
Aprendizagens essenciais	Indicadores de aprendizagem	Estratégias de aprendizagem		Avaliação

Valorizar o contributo dos progressos de conhecimento e afirmação da filosofia das luzes para a construção da modernidade europeia.	1. Relacionar o terramoto de 1755 com o reordenamento urbano de inspiração iluminista.	1.1. Exposição oral da professora relativamente ao terramoto de 1755, suportado por quatro documentos iconográficos que ilustram esta catástrofe natural. Doc. 1 – Lisboa antes do terramoto. Doc. 2 – O terramoto de Lisboa, numa gravura da época. Doc. 3 – Ruínas da ópera do tejo após o terramoto. Doc. 4 – 1 de novembro de 1755 – O terramoto de Lisboa. Pretende-se que os alunos reflitam sobre as causas e o desenrolar do trágico acontecimento. 1.2. “Quando o Jornal vem à sala de aula” – leitura de alguns excertos do “Jornal” <i>Gazeta de Lisboa</i>, para que os alunos infiram sobre as consequências do terramoto. 1.3. “A História faz-se destas coisas” – Apresentação aos alunos da notícia “<i>Mais uma peça para estudar o terramoto: o cocó</i>” do jornal “Público”, para elucidar os alunos sobre as múltiplas e variadas formas de proceder à construção de conhecimento histórico. 1.4. Visualização e análise de dois documentos iconográficos contidos no “Jornal” <i>Gazeta de Lisboa</i>. Doc. 1 – Mapa da cidade de Lisboa antes do terramoto Doc. 2 – Mapa da baixa lisboeta após o terramoto de 1755 – projeto de Eugénio dos Santos. Os alunos devem ser capazes de comparar as diferenças entre os projetos urbanos e distinguir as suas particularidades. 1.5. Visionamento e análise de dois documentos iconográficos Doc. 1 – Fachada de um edifício lisboeta. Doc. 2 – Réplica do sistema em “galola”. Os alunos devem descrever as características do urbanismo pombalino.	Participação oral e qualidade das intervenções. -Resposta às questões orientadoras da aula. -Capacidade de analisar fontes de diversas tipologias.
- Identificar / aplicar os conceitos: Iluminismo.			Avaliação geral: comportamento presencial.

	2. Caracterizar os principais episódios de submissão das forças sociais que ocorreram no período pombalino.	2.1. Leitura e análise de um documento escrito de caráter ficcional (carta de D. Teresa Lorena e Távora para o rei D. José I), para que os alunos antecipem e contextualizem as bases do processo dos Távora, um dos mais célebres exemplos de submissão das forças sociais no período pombalino. 2.2. Visionamento de um excerto da minissérie “O processo do Távora” (2001), para que os alunos compreendam as consequências do processo judicial, consolidando os seus conhecimentos sobre o tema. 2.3. Visualização e análise de três documentos iconográficos que incidem sobre a execução da família Távora, de forma que os discentes interpretem a dimensão deste acontecimento: Doc. 1 – O palácio do duque de Aveiro em Lisboa, segundo gravura dos séculos XVII-XVIII; Doc. 2 – Execução dos implicados no atentado a D. José; Doc. 3 – Padrão do Chão Salgado. 2.4. Leitura e análise do <i>Decreto de Expulsão dos Jesuítas do reino português</i> (1759), suportado por um documento iconográfico (“<i>Trabalho perdido</i>”) de forma que os alunos consolidem o conhecimento dos motivos que estiveram na base da decisão. 3.1. Leitura e análise do documento escrito “<i>Verney e a pedagogia das Luzes</i>” (manual adotado, pág. 150, doc. 23 A, B e C) procurando que os alunos estabeleçam conexões entre a reforma pombalina do ensino e os princípios iluministas. 3.2. Leitura e análise do documento escrito “<i>Educar a nobreza</i>” (manual adotado, pág., 151, doc. 24) de forma que os alunos infiram da necessidade de
--	--	---

		incrementar a oferta educativa à nobreza da época. 3.3. Visionamento e análise de cinco documentos iconográficos relativos à reforma da universidade de Coimbra encetada pelo Marquês de Pombal, para que os alunos consolidem as aprendizagens sobre a mesma. Doc. 1 – Fachada do Laboratório Químico da Universidade de Coimbra. Doc. 2 - Interior do Laboratório Químico da Universidade de Coimbra Doc. 3 – Gabinete de Física Experimental da Universidade de Coimbra. Doc. 4 – Teatro Anatômico da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra Doc. 5 – Jardim Botânico da Universidade de Coimbra.	
--	--	---	--

BIBLIOGRAFIA

REAL, Miguel – *O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa*. Porto: Quêdnovi, 2006.
PRIORE, Mary del – *D. Maria I: as perdas e as glórias da rainha que entrou para a História como "a louca"*. Lisboa: 2020.

MANUAL ESCOLAR E OUTROS

Couto, C.; Rosas, M. (2019) *Um novo Tempo da História (parte I)* Porto: Porto Editora [Manual adotado].
Ministério da Educação e Ciência. (2018). *Aprendizagens essenciais. 11.º ano – Ensino Secundário. História*. [S. l.: s. n.].
Ministério da Educação e Ciência. (2013/2014). *Organização curricular e programas – Ensino Secundário: 11.º ano*. [S. l.: s. n.].

RECURSOS ELETRÓNICOS E MULTIMÉDIA

"O Processo dos Távoras" (2001) - https://www.youtube.com/watch?v=E6PfPgbWVG_I
"Recriação do Terramoto de Lisboa de 1755" - <https://www.youtube.com/watch?v=xLKNu5lZcuo&t=1s>
Notícia - "Mais uma peça para estudar o terramoto: o cocó" do jornal "Público" - <https://www.publico.pt/2020/12/08/local/noticia/peca-estudar-terramoto-coco-1942093>

Anexo 11 – Inquérito Final: 8.º X

Questionário final sobre a utilização de jornais didáticos nas aulas de História - 8.º ano

Após a utilização de jornais nas aulas de História, queremos saber a tua opinião!



***Obrigatório**

1. Consideras pertinente a utilização de jornais didáticos nas aulas de História? *

☐ Sim

☐ Não

1.1. Justifica a tua resposta anterior. *

A sua resposta

2. Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal "Wintenberg Tachebuch - os escândalos da Igreja Católica ao rubro!" nas aulas sobre a Reforma Protestante. *

☐ 1 - Não considerei, de todo, interessante a sua aplicação.

☐ 2 - Não contribuiu muito para as minhas aprendizagens.

☐ 3 - Contribuiu pouco para as minhas aprendizagens.

☐ 4 - Facilitou a aprendizagem dos conteúdos

☐ 5 - Contribuiu muito para a minha aprendizagem, revelando-se um recurso muito útil.

3. Em que outros temas de História consideras útil a aplicação deste recurso (jornais didáticos)? *

A sua resposta

4. Com que frequência lês jornais? *

- ☐ Diariamente
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Uma vez por mês
- ☐ Quase nunca

5. Que tipo de jornais costumas ler? *

A sua resposta

Submeter

[Limpar formulário](#)

Anexo 12 – Inquérito Final: 9.ºZ

Questionário final sobre a utilização de jornais didáticos nas aulas de História - 9.º ano

Após a utilização de jornais nas aulas de História, queremos saber a tua opinião!



***Obrigatório**

1. Consideras pertinente a aplicação de jornais didáticos nas aulas de História? *

☐ Sim

☐ Não

1.1. Justifica a tua resposta anterior *

A sua resposta

2. Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal "Le Figaro - A arte europeia responde ao clima de inquietação que se vive atualmente", nas aulas sobre os movimentos de vanguardas do século XX *

☐ 1 - Não considerei, de todo, interessante a sua aplicação.

☐ 2- Não contribuiu muito para as minhas aprendizagens.

☐ 3 - Contribuiu pouco para as minhas aprendizagens.

☐ 4 - Facilitou a aprendizagem dos conteúdos.

☐ 5 - Contribuiu muito para as minhas aprendizagens tornando-se num recurso muito útil.

3. Numa escala de 1 a 5, classifica a utilização do jornal "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder.", nas aulas sobre o fascismo italiano. *

- ☐ 1 - Não considerei, de todo, interessante a sua aplicação.
- ☐ 2- Não contribuiu muito para as minhas aprendizagens.
- ☐ 3 - Contribuiu pouco para as minhas aprendizagens.
- ☐ 4 - Facilitou a aprendizagem dos conteúdos.
- ☐ 5 - Contribuiu muito para as minhas aprendizagens tornando-se num recurso muito útil.

4. Das duas utilizações do jornal na sala de aula de História, qual a que mais gostaste? *

- ☐ "Le Fígaro - a arte europeia responde ao clima de instabilidade que se vive atualmente."
- ☐ "Avanti! - Marcha sobre Roma coloca Mussolini no poder."

4.1. Justifica a tua resposta anterior. *

A sua resposta

5. Em que outros temas de História consideras útil a utilização deste recurso? *

A sua resposta

6. Com que frequência lêes jornais? *

- ☐ Diariamente
- ☐ Uma vez por semana
- ☐ Uma vez por mês
- ☐ Quase nunca

7. Que tipos de jornais costumás ler? *

A sua resposta

Submeter

Limpar formulário

Anexo 13 – Capa de jornal construída pelo Aluno L

Lisboa 4 de novembro de 1765

Marquês de Pombal e o Reordenamento Urbano

Após o terrível terramoto Sebastião José de Carvalho e Melo mais conhecido por Marquês de Pombal, vai se preparar para reconstrução da cidade de Lisboa através de um reordenamento urbano de concepção iluminista, este vai se preocupar na construção de ruas retilíneas, da construção simétrica dos edifícios, uma melhoria na rede esgotos e por fim e a mais relevante o sistema de gaiola, que irá ser a primeira construção antissísmica da História.

antes:



depois:



Sistema Gaiola



Aqui podemos observar a mais recente invenção da época, o sistema gaiola, esta invenção tem como principal objetivo evitar o desmoronamento dos edifícios em futuros catástrofes.

Aluno 14 – Capa de jornal construída pelo Aluno M

"Gazeta de Lisboa" 17 de Março de 1757

"Viva El-Rei! Viva o Povo! Morra a companhia!"

A revolta que se viveu no dia 23 de fevereiro, no Porto continua a dar que falar, e no passado dia 15 de março novos desacatos aconteceram na cidade nortenha!

Conheça, nesta edição, todos os desenvolvimentos!



**A árvore da forca.
Mito ou realidade?**

462 pessoas foram presas como suspeitos, 26 dos quais foram condenadas pela justiça.

Conheça a pena dos sentenciados!

D. José, após os primeiros incidentes no dia 23 de fevereiro, ordena uma devassa conduzida por João Pacheco Pereira de Vasconcelos.

Parente do secretário dos Negócios Interiores do Reino, nomeado governador do partido militar do Porto.

Descubra quem foi!

O Porto sai, severamente, castigado deste segundo caso de violência e é ocupada pelos regimentos do Minho, da Beira e de Trás-os-Montes.

O milagre do julgamento!
O que será que aconteceu?

Continue a ler para descobrir a resposta!

Qual a resposta de Sebastião José Carvalho e Melo?

Depois dos protestos, vividos no passado dia 23 de fevereiro no Porto, contra a Companhia Geral de Agricultura e das vinhas do Alto Douro, instituída pelo atual Secretário dos Negócios Interiores ao Reino, em 1756, a resposta foi rápida, devido à velocidade da relação enviada pelo Desembargador Bernardo Duarte de Figueiredo. No dia 28 de fevereiro, aquando da chegada da notícia do sucedido, Sebastião José de Carvalho e Melo ordenou uma devassa levada a cabo por João Pacheco Pereira de Vasconcelos.

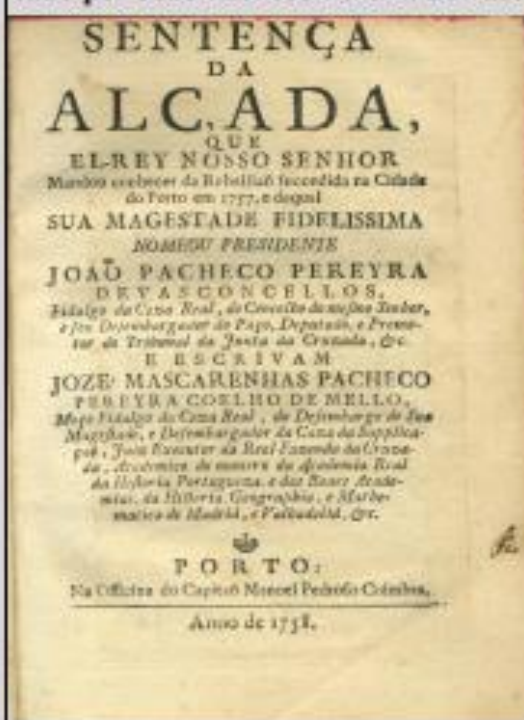


Figura 2 Documento da alçada do rei

No passado dia 15 de março, chegou o enviado régio à cidade do Porto onde foi mal recebido com novos gritos de revolta. Mas a situação que parecia, relativamente, controlada começa a descontrolar-se, quando João Pacheco Pereira ergue perto da Cordoaria o documento enviado pelo rei, que castigava a cidade. Neste preciso momento, voltam os revoltosos, que não só na Cordoaria, mas também no campo do olival, mais acima, explodem num segundo motim.

**Este segundo momento, não demorou muito a ser ripostado.
Desta vez, o castigo foi bem pior!**

Qual o castigo da cidade?

O castigo, na verdade, já estava cem por cento formalizado depois da primeira rebelião, só foram acrescentados alguns castigos depois do último caso. Os castigos passaram, primeiramente, pelos levantamentos populares, nos quais foram detidos 426 suspeitos de cooperar neste ato de rebeldia; a cidade será ocupada nos próximos dias por vários regimentos da Beira, do Minho e de Trás-os-Montes, pois a cidade foi declarada responsável pelo aboletamento das tropas; a cidade será também obrigada a pagar um imposto para comprar os soldos e munições de guerra. Para além destes, depois das últimas atitudes de revelia no Porto, Sebastião José de Carvalho e Melo extingue a “casa dos 24” do Porto; e ainda nomeia um parente para Governador do Partido Militar do Porto.



Figura 3 Sebastião José Carvalho e Melo

A cidade do Porto ainda será castigada com a diminuição do seu termo, visto que era uma cidade em crescimento para lá das muralhas medievais, nos últimos tempos.

Para o cargo de Governador do Porto foi nomeado...

João de Almada e Melo

Que nas suas primeiras impressões fala de querer uma reforma na construção do Porto. Fala mesmo de querer fazer algo parecido com o que se tem feito depois do terramoto de Lisboa.



Figura 4 João de Almada e Melo e o seu projeto de uma nova cidade

Uma Revolta que se prevê permanecer no futuro como um acontecimento importante para o Porto

Esta revolta acaba por ser um acontecimento que, muito provavelmente, acabará por ficar na história desta cidade, não só pela ferocidade do sucedido, mas também por poder ser um ponto de viragem na organização da cidade propriamente dita.



*Figura 3 Companhia Geral da
Agricultura das Vinhas do Alto Douro*



Brasão do Motim dos Liberais

Estes dois símbolos esperam-se que permaneçam para a prosperidade como um símbolo do motim. A causa e o brasão, respetivamente.

“Gazeta de Lisboa” — Até às próximas notícias

A SALA DE AULA COMO UMA REDAÇÃO...

Proposta de Trabalho II

Domínio: *O Liberalismo – ideologia e revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX .*

Subdomínio: *A Implantação do Liberalismo em Portugal.*

Sobre o trabalho:

Deves construir uma **capa de jornal** que noticie um dos temas propostos adiante, inseridos no domínio: “*A Implantação do Liberalismo em Portugal*”.

A tua perspetiva deve ir ao encontro da facção da qual fazes parte (absolutista ou liberal).

Data de entrega: 19 de abril.

Temas:

- ☐ Cerco do Porto;
- ☐ Batalha da Praia da Vitória;
- ☐ Desembarque das tropas liberais no Mindelo;
- ☐ Abdicação de D. Pedro IV;
- ☐ Proclamação das Cortes absolutistas;
- ☐ Independência do Brasil – “Grito do Ipiranga”
- ☐ Morte de D. Pedro IV
- ☐ Abrilada
- ☐ Vila Francada
- ☐ (...)

Deves informar a
escolha do teu
tema até ao dia 31
de março.

Critérios de ponderação

- ☐ Escrita - construção frásica, pontuação (...)
- ☐ Originalidade / Criatividade – representação que permita a rápida identificação do periódico pelos leitores e que contemple as suas informações essenciais.
- ☐ Conteúdo (correção científica; uso e domínio de fontes; domínio e mobilização dos conhecimentos adquiridos em aula).

Distribuição de trabalho.

Absolutistas

- ☐ Aluno A
- ☐ Aluno B
- ☐ Etc.

Liberais

- ☐ Aluno G
- ☐ Aluno H
- ☐ Etc.

1. Cabeçalho

Deve contemplar o seu local de publicação, data, ano, número de jornal e um slogan (este último opcional). Deve também conter o título do jornal (que será à tua escolha).



2. Manchete

Título principal em destaque que, geralmente, se localiza no alto da primeira página de um jornal ou uma revista. Indica o facto jornalístico de maior importância.



3 – O “lead”

Respostas básicas referentes ao assunto: quem fez o quê, quando (...). Segue-se de explicações sucintas: “como”, “porque?”

O “lead” possibilita ao leitor tomar conhecimento dos aspetos fundamentais da notícia (de forma rápida e condensada).



4 - Notícia



Anexo 16 – Capa de jornal construída pela Aluna N

Independente

O jornal mais comprado
em todo o país

NOTÍCIAS DE
ÚLTIMA HORA

A Constituição que Arruinará o Futuro do Nosso País



Na sequência dos acontecimentos no Cerco do Porto, onde os obtusos chefes militares e juristas ligados à maçonaria começaram uma revolta, e iniciaram a redação de uma Constituição de insolentes ideias, foi hoje de manhã aprovado o dito documento constitucional. Conseguimos apurar, que durante a sua preparação uma clara distinção nos deputados foi notória. Apesar dos esforços dos nossos moderados membros, o triunfo da posição contrária foi evidente.

A Constituição de princípios como: a separação dos poderes do reino, a afirmação da soberania nacional, a abolição de muitos dos nossos direitos feudais, entre outras barbaridades, foi aprovada pelo nosso rei D. João VI.»

» Contudo, a sua esposa, a rainha D. Carlota Joaquina, e o seu querido filho, o príncipe D. Miguel, não o fizeram. Esperemos que os nossos prezados governantes tomem controlo desta desprezível situação.

Problemas na Economia Portuguesa

Após os tratados colocados em vigor por D. João VI em 1808, permitindo a abertura dos portos do Brasil; em 1810, onde terminou o exclusivo colonial; e em 1815, onde o Brasil foi elevado à categoria de reino, deixando Portugal na ruína. O *Independente* averiguou também que devido à Independência, da nossa antiga colónia »



» Brasil, proclamada pelo odiado filho de D. Carlota Joaquina D. Pedro, a situação económica do nosso país continua a piorar. Esta situação não pode ser levada de ânimo leve, fazendo com que D. Pedro passe a ser tido como traidor. Contestando nós assim a sua tomada do reino, se algum dia esta vier a acontecer.

Indepedência do Brasil, 1822

Anexo 17 – Capa de jornal construída pela Aluna O

VOLUME 1 Nº2,000 // PORTO, SÁBADO, 7 DE SETEMBRO DE 1922 // 1,50€

O LIBERAL

DE LISBOA AO RIO DE JANEIRO

FAZ HOJE 100 ANOS QUE, NAS MARGENS DO RIO IPIRANGA, OCORREU, A 7 DE SETEMBRO DE 1822, UM DOS EPISÓDIOS MAIS CÉLEBRES DE TODA A HISTÓRIA DO BRASIL E QUE SE TORNOU SINÓNIMO, NA LÍNGUA PORTUGUESA, DE DECLARAÇÃO DE EMANCIPAÇÃO OU DE INDEPENDÊNCIA.



“O Grito do Ipiranga” que representou a definitiva separação do Brasil do império português, protagonizada por D. Pedro I.

O GRITO DO IPIRANGA

Ipiranga, que significa “rio vermelho” na língua tupi, é um pequeno riacho localizado no Brasil, onde D. Pedro I se encontrava quando terá recebido informações de que as cortes de Lisboa tinham anulado as suas ordens e reduzido o seu poder como príncipe regente. Assim, este declarou à sua guarda de honra, a separação irreversível do Brasil em relação a Portugal, proferindo a famosa expressão “independência ou morte”.



Por mais que houvesse grupos no Brasil que há muitos anos estavam a exigir que o país se tornasse um país independente (basta citar a Inconfidência Mineira de 1789, entre outros movimentos), o ato que fez do Brasil um país independente é bastante significativo do poder que a elite governamental tinha na época. Foi dela a decisão, e foi ela que a fez cumprir. Para os residentes no Brasil, não houve grandes alterações no seu quotidiano, pois o Brasil de D. Pedro I, após 1822, não era muito diferente do país que recebeu a Coroa portuguesa em 1808 e que, logo depois, saiu da condição de colónia para se tornar “reino unido a Portugal”.



A vinda da família real e o começo da Independência do Brasil.

Como se deu a Independência do Brasil?

Foi no dia 7 de setembro de 1822 que, o então príncipe regente, Pedro de Alcântara (mais tarde conhecido como D. Pedro I) anunciou a Independência do Brasil e, com ela, o Brasil determinou o fim do laço colonial que existia com Portugal, declarando-se como uma nação independente.

Esta Independência foi resultado de uma série de transformações que o país enfrentou a partir do Período Joanino.

No final de 1807, a família real portuguesa resolveu mudar-se para o Brasil, devido à invasão francesa que ocorreu após os portugueses terem negado as imposições feitas pelo Bloqueio Continental. Essa mudança, que na verdade foi uma fuga, fez com que a família real levasse todo o aparato administrativo de Lisboa para o Rio de Janeiro.

A transferência da corte portuguesa para o Brasil promoveu uma série de mudanças no país. Agora que a família real lá estava, era necessário investir no desenvolvimento do Brasil, e, assim, como primeira medida, D. João (que só se tornaria D. João VI a partir de 1816) decretou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, permitindo o comércio entre os brasileiros e os ingleses.

As razões desse ato dirigem-se para questões familiares. Em 1820, D. João VI teve que sair às pressas do Brasil e viajar para Portugal devido à Revolução Liberal que estava a acontecer no Porto, que exigia o retorno do rei a Portugal (D. João VI estava desde 1808 no Brasil e aparentemente não tinha intenção de retornar tão cedo). Esse foi o ponto de partida do processo de independência do Brasil.

Portugal vivia uma forte crise, tanto política como económica, em consequência das invasões francesas. Além disso, havia uma forte insatisfação em Portugal devido às transformações que estavam a acontecer no Brasil, sobretudo com a liberdade económica que o Brasil tinha conquistado com as medidas de D. João VI.

A Revolução Liberal do Porto aconteceu em 1820 e foi organizada pela burguesia portuguesa que tinha ideais liberais. Um dos grandes objetivos dos portugueses era o retorno do rei a Portugal. Na visão da burguesia portuguesa, Portugal é que devia ser a sede do Império português.

Assim, o Brasil fez-se estado independente, a partir do ato de separação do filho do rei de Portugal, que era príncipe regente do antigo reino unido a Portugal.